



# Narrativas de Si:

memórias de sujeitos em processos formativos

**Organizadoras:**

Natal Lânia Roque Fernandes

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima





# **Narrativas de Si:**

memórias de sujeitos em processos formativos



Organizadoras:  
Natal Lânia Roque Fernandes  
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

# **Narrativas de Si:**

memórias de sujeitos em processos formativos





OS AUTORES responsabilizam-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declaram sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Narrativas de si:  
memórias de sujeitos em processos formativos  
Copyright © 2019, Natal Lânia Roque Fernandes e  
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima  
Todos os direitos são reservados no Brasil

**Impressão e Acabamento:**

Pod Editora  
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes  
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro  
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br  
www.podeditora.com.br

**Projeto gráfico:**

Pod Editora

**Revisão:**

Pod Editora

**Layout de capa:**

Humberto Kelvin de Sousa Menezes

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

N189

Roque Fernandes, Natal Lânia

Ribeiro Feitosa Lima, Patrícia

Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos / Natal Lânia Roque Fernandes, Patrícia Ribeiro Feitosa Lima – 1. ed. – Rio de Janeiro : Pod, 2019.

p.188 il. ; 21 cm. Formato: epdf

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia e índice

ISBN: 978-85-8225-232-1

1. Educação. 2. Estudantes universitários. 3. Formação profissional. 4. Profissões – Desenvolvimento. 5. Livros eletrônicos. I. Fernandes, Natal Lânia Roque. II. Lima, Patrícia Ribeiro Feitosa. I. Título.

19-57446

CDD: 370.805

CDU: 37.091.212.6

04/06/2019

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

## Corpo Editorial

**Antonio Carlos Ritto**, Uerj – IME Pós Doutor em História das Ciências das Técnicas e da Epistemologia da UFRJ, Doutor em Ciências Informáticas pela Pontifícia PUC-Rio.

**Diana Cristina Damasceno Lima Silva**, Pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, PACC, UFRJ. Doutora em Letras, Mestra em Letras. Professora universitária em cursos de Graduação e Pós-graduação nas áreas de Comunicação Social e Letras.

**Janaína Dória Líbano Soares**, IFRJ Farmacêutica, Doutora em Ciências Biológicas.

**Marinilza Bruno Carvalho**, Uerj – IME Doutora em Educação pela UFRJ, Mestra em Engenharia de Sistemas e Computação pela UFRJ.

**Patricia A. S. Schettert**, IFRJ, graduada em Enfermagem Obstétrica, Mestra em Sexologia e Doutora em Saúde Coletiva. Coordena o grupo de pesquisa (GIASEX) na Instituição Federal de Ensino Superior. Atual professora do IFRJ e tutora e pesquisadora com o PET: Sexualidade, educação sexual/ MEC/SESU/IFRJ).

**Rachel Alexandre de Carvalho**, UFRJ Pós-doutora no Depto de Entomologia do Museu Nacional em Ciências Biológicas (Zoologia) UFRJ.

**Sérgio Sklar**, Uerj – DESF Doutor em Filosofia (USP), Professor-Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da UERJ.

**Susana Engelhard Nogueira**, IFRJ Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UERJ).



A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

(NORA, 1981, pag. 9)



# Sobre as organizadoras

## **Natal Lânia Roque Fernandes**

Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, Especialização em Novas Tecnologias na Educação pela UFPB, Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos-SP e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, com período sanduíche na Universidade do Porto-Portugal. Professora do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo da Educação- GIPEE e do Grupo de estudo em (auto)biografia, currículo e identidade – BIOGRACI.

## **Patrícia Ribeiro Feitosa Lima**

Professora do Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Licenciada em Educação Física (Universidade de Fortaleza – UNIFOR); Especialista em Treinamento Desportivo (Universidade Veiga de Almeida – RJ); Mestre em Saúde Coletiva (Universidade de Fortaleza – UNIFOR); Doutora em Educação (Universidade Estadual Paulista – UNESP).



# Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>13</b>
<i>Natal Lânia Roque Fernandes e Patrícia Ribeiro Feitosa Lima</i>	
<b>O Tempo e o homem: as memórias formativas de um historiador.19</b>	
<i>Marcos Fábio Teixeira Lopes</i>	
<b>Memórias do devir: formação acadêmica, profissional e pessoal em trânsito.....</b>	<b>31</b>
<i>Pedro Bruno Silva Lemos</i>	
<b>Memórias de si: aproximação e expressão de uma vida em formação .....</b>	<b>41</b>
<i>Francisco Euguenys Medeiros da Silva</i>	
<b>Corporeidade: memória e ação.....</b>	<b>51</b>
<i>Luciana Braga de Oliveira Freire</i>	
<b>Memórias de uma vida: retratos de um cotidiano pessoal, educacional e profissional.....</b>	<b>65</b>
<i>Temilson Costa</i>	
<b>Objetivos, desafios e escolhas: relatos de uma mulher.....</b>	<b>77</b>
<i>Michele Gomes de Queiroz</i>	
<b>Memórias e reflexões: aprendendo com a minha história.....</b>	<b>85</b>
<i>Edilene Rodrigues Araújo</i>	
<b>O autoconhecimento pela escrita: a escrita do memorial enquanto caminho para reflexão .....</b>	<b>95</b>
<i>Rebeca Fernandes Martins</i>	
<b>Memórias e conexões: reflexões acerca da minha vida.....</b>	<b>107</b>
<i>Paulo César da Silva Rocha</i>	
<b>Os fios que tecem as histórias de vida não se entrelaçam por acaso, eles são permeados de sentidos, basta descobrir quais são .....</b>	<b>117</b>
<i>Regina Nascimento Souto</i>	

<b>Um breve relato de uma vida em busca do conhecimento: recortes temporais .....</b>	<b>129</b>
	<i>Saulo Ramos de Freitas</i>
<b>Relatos de uma vida: trajetória pessoal, acadêmica e profissional..</b>	<b>137</b>
	<i>Erika Cristiny Brandão Ferreira Barbosa</i>
<b>Vivências próximas e remotas: uma introspecção formativa.....</b>	<b>143</b>
	<i>Cleide Helena Matos da Silva</i>
<b>Na memória: “parabéns minha filha, você faz parte de uma pequena parcela da população que chega ao nível superior” .....</b>	<b>155</b>
	<i>Érika Fabíola de Araújo Ribeiro e Albuquerque</i>
<b>Recordações: aprendizado e superação .....</b>	<b>165</b>
	<i>Gesyenne Keila Teixeira dos Santos</i>
<b>Memórias formativas de uma sonhadora.....</b>	<b>172</b>
	<i>Maria das Graças Oliveira</i>
<b>Memórias e o desenrolar de um objeto de estudo.....</b>	<b>181</b>
	<i>Humberto Kelvin de Sousa Menezes</i>

# Apresentação

Este livro reúne textos sobre experiências de vidas, escritos por pessoas de diferentes idades, sexo e formação profissional. O conteúdo abordado se inclui no campo de estudo sobre a formação, memória e autobiografia, dando ênfase, de modo singular, aos relatos de vida de sujeitos em processos formativos.

Os escritos que constituem esta obra têm origem nas atividades desenvolvidas na disciplina Seminário de pesquisa, com a segunda turma, semestre 2018.2, do Mestrado do Programa Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT)<sup>1</sup>, realizado no polo IFCE, Fortaleza. Esta disciplina tem como objetivo repertoriar o mestrando de pesquisas/produções já implementados, bem como subsidiar as(aos) possíveis orientadoras(es) com informações sobre as futuras pesquisas desses mestrandos, a partir da análise dos pretensos objetos de pesquisas escolhidos por eles<sup>2</sup>.

Dentre as atividades realizadas, foi solicitada aos mestrandos a escrita de um memorial no qual deveriam narrar suas trajetórias de formação e de trabalho, pontuando o interesse por determinado tema/problema de pesquisa e sua implicação com o mesmo, e assim

---

<sup>1</sup> O PROFEPT é ofertado pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

<sup>2</sup> A escrita do memorial é o primeiro momento em que os futuros professores orientadores têm conhecimento da intenção de pesquisa dos mestrandos visto que o PROFEPT, por ser um Mestrado em rede com ampla concorrência, não inclui a apresentação do projeto de pesquisa como pré-requisito para a seleção dos candidatos.

subsidiar as (os) professoras(es) da disciplina e as (os) orientador(as)es com as referentes informações.

As narrativas de vida profissional e de formação estão presentes na vida acadêmica, no Brasil, desde década de 1930, quando se usava a escrita de memorial, para a seleção de candidatos ao cargo de professor. No decorrer dos anos, o memorial tem exercido papel importante, tanto nos cursos de formação de professores como nos cursos de pós-graduação, nos quais têm sido utilizado como dispositivo de formação onde o sujeito narrador, em um processo de escrita – crítica reflexiva – , narra a trajetória formativa de si, enfatizando os acontecimentos significativos para sua formação.

O memorial como dispositivo de pesquisa ou “modo de narração”<sup>3</sup>, está inserido no campo de pesquisa denominado História de vida que adota, dentre outras abordagens, a autobiografia. Com a sua expansão nos anos de 1970, as pesquisas no campo da História de vida e formação tem sido objeto de investigação em diversas áreas como Literatura, Antropologia, Sociologia, Psicologia e Educação.

No Brasil, esse tipo de pesquisa é denominada de pesquisa (auto)biográfica ou método biográfico. As pesquisas (auto)biográficas têm como eixo a análise de experiências, subjetividades, histórias de vida profissional e formativas de diferentes sujeitos, valorizando assim suas singularidades<sup>4</sup> e seu valor social. Destarte, os escritos autobiográficos são reveladores de marcas subjetivas e sociais de ser. Cada sujeito é

---

<sup>3</sup> SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiência e formação. In. PASSEGI, Maria da C; SOUZA, Elizeu Clementino de.(org)(Auto)biografia: formação, território e saberes. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

<sup>4</sup> Idem.

testemunho de si, de um tempo, de um espaço, de uma cultura, de uma história coletiva.

Portanto, os relatos que compõem este livro são fragmentos de memórias, de processos identitários, de experiências formativas vivenciadas individual e coletivamente por diferentes sujeitos, em diversos espaços e temporalidades; são narrativas de vidas, pelas quais os sujeitos revelam-se a si mesmo e aos outros, apropriam-se de sua vida e se fazem presente no mundo. São histórias de vidas individuais ajuntadas por histórias subjetivas e sociais, pois em nossas ações, em nossas emoções, em nossos comportamentos encontra-se um sistema social por inteiro, como adverte Ferrarotti (2014)<sup>5</sup>.

Vale ressaltar que o livro não é constituído por resultados de análise de narrativas, mas pelas narrativas dos sujeitos. O objetivo é valorizar o modo discursivo de cada pessoa, arrogá-la como protagonista e testemunhas das histórias de si e dos outros, pois, durante muito tempo, contar a sua própria história sempre foi privilégio de membros da classe dominante. Neste sentido, aceitamos a sugestão do coordenador do Programa para publicarmos os memoriais, por compreendermos a importância de reconhecermos as vidas de trabalhadores e trabalhadoras que lutam para permanecerem em processos formativos acadêmicos, e necessitam conciliar trabalho, estudo e demais atividades da vida social.

Dezessete narrativas compõem esta obra. As mesmas foram escritas por dez mulheres e sete homens, com faixa etária de maior concentração entre 32 a 39 anos, com formações profissionais diversas

---

<sup>5</sup> FERRAROTTI, Franco. História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos E. Galvão, Maria da C. Passesi. Natal, RN:EDUFRN,2014.

como: Pedagogia, Educação Física, Geografia, Matemática, Serviço Social, Secretariado Executivo, Letras, Ciências da Informação, entre outras. A maioria é especialista em diferentes áreas de conhecimento, o que denota conhecimento em pesquisa. São sujeitos que têm suas identidades profissionais relacionadas às atividades técnicas administrativas ou à docência.

Ao relatarem o momento de decisão e as motivações para participarem da seleção para ingresso no programa, como se prepararam para as provas e o processo de escolha do objeto de pesquisa, os mestrandos não apenas registraram memórias singulares como também cena de uma história peculiar da Pós-graduação no Brasil. Uma história iniciada pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPCT), quando em 2017 ofertou um Mestrado com características específicas. Trata-se de um Mestrado Profissional, no âmbito dos Institutos Federais, sendo este um Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, realizado em rede e com sistema seletivo diferente dos demais programas de Mestrado no Brasil.

Ao narrarem suas experiências os mestrandos acessaram de suas memórias pessoas importantes em seus processos formativos. Mãe, pai, cônjuges, filhos e filhas, outros familiares, amigos, professores e teóricos emergiram das memórias afetivas, como amores filiais, como companheiros, como protetores, mentores que em determinado tempo e espaço foram ou são testemunhas das vidas narradas, confirmando, assim, o pensamento de Dominicé: “aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda” (DOMINICÉ, 2010, p.87)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> DOMINICÈ, Pierre. *O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais*. In: NOVOA, Antonio, FINGER, Matthias (org.) O método

Os escritos dos mestrandos são relatos de vidas comuns nos quais foram vivenciados momentos felizes e conflituosos ocorridos na escolha da graduação e na conciliação entre trabalho e estudo, ou na renúncia entre um e outro. São vidas também permeadas de acontecimentos dolorosos, como perdas de ente familiar, acidentes, desempregos, doenças. Tais acontecimentos os levaram a momentos de decisões importantes para a existência deles. São denominados momentos-charneiras, como descrito por Josso (2010), nos quais é necessária a tomada de decisão para que o sujeito promova deslocamentos de um lugar para outro. O sujeito confronta-se consigo, num processo de autoconhecimento e promove uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou na sua maneira de pensar atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflitos, e/ou mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos, econômicos) (JOSSO, 2010, p.70)<sup>7</sup>.

Os caminhos trilhados pelos mestrandos narradores levaram-nos a escolha pelo curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. Por diferentes caminhos, cada um investiu parte de sua vida para a aprovação em nesse curso de pós-graduação. Para uns, a escolha pelo Mestrado que cursam se fez pelos instrumentos avaliativos adotados pelo programa, por ser mais adequado à realidade profis-

---

(auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. P. 81-95.

<sup>7</sup> JOSSO, Marrie C. *Da formação do sujeito...ao sujeito da formação*. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDURFN; São Paulo: Paulus, 2010. P.59 -80.

sional deles. Para outros, pelo desejo, sonho ou ideal de cursar uma pós-graduação, como também representou a superação de desafios e aperfeiçoamento da carreira docente.

A escrita sobre o momento presente, cursar o PROFEPT, revela que anseios, proposições, inquietações, inspirações, desafios, bagagem intelectual e a efetiva busca pelo conhecimento compõem o repertório deste coletivo; expressam que suas mentes e seus corpos estão ávidos por novos rumos e novos saberes.

Acreditamos que a expressão de si narrada por meio de um resgate histórico e autobiográfico prospecta o melhoramento da escrita consistente, necessária a um pesquisador em Educação. Assim sendo, o desafio lançado foi concebido e resultou numa imersão de si nunca realizada por estes estudantes. O enfrentamento às dificuldades em elaborar uma revisão reflexiva de suas trajetórias formativas foi o ponto de partida para a elaboração dos memoriais e posteriormente deste livro. O exercício causado por este texto transcendeu um compartilhar de histórias distintas e, provocou reflexões consubstanciais que designaram o encontro imprescindível num programa de pós-graduação: a definição ensaiada do orientador e do orientando.

Isto posto, destacamos que a disposição dos memoriais segue uma ordem aleatória e convida aos leitores a uma apreciação estética, conteudista e afetiva, caracterizada individualmente e considerando a subjetividade intrínseca de cada narrativa.

Ressaltamos o incentivo dispensado à feitura deste livro da coordenação local do PROFEPT, na pessoa do professor Dr. Solonildo Almeida da Silva, a quem agradecemos.

*Natal Lânia Roque Fernandes  
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima*

# O Tempo e o homem: as memórias formativas de um historiador

Marcos Fábio Teixeira Lopes<sup>8</sup>

[...] a narração não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação faz) integra-o à vida do narrador para passá-lo ao convite como experiência. Nela ficam impressas marcas do narrador como os artigos das mãos do obreiro no vaso de argila. (BENJAMIN, 1994, p. 68)

## Introdução

Do latim *Memoriale*, um dos muitos significados do termo memorial, encontra resguardo na concepção sistematização de memórias, sendo a lembrança de fatos relevantes, costumeiramente de um passado marcante de maneira positiva ou negativa.

Começamos pela premissa da construção deste memorial, ideia que *a priori* trouxe consigo algum receio de exposição excessiva ou invasão de intimidade e que ao longo deste trabalho, mostrou-se bastante profícua, considerando que algumas vezes é preciso revisitar-se, encontrar a si mesmo.

As contextualizações de como tais escolhas levaram-me às in-

---

<sup>8</sup> Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pelo IFCE. Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, especialista em Gestão e Supervisão Escolar pelo INTA. Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE). marcos.fabio21@gmail.com.

quietações que hoje possuo e como me posiciono diante de muitos questionamentos que flutuam ao meu redor, serão, também, objeto deste memorial de formação. Tentaremos externar nossa propositura do objeto de estudo e por consequência o produto educacional, que serão desenvolvidos ao longo deste programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT.

## **Formação familiar, profissional e educacional**

Inicialmente, gostaria como historiador por formação, de desbravar este memorial de formação, traçando em sucintas linhas, que para a historiografia contemporânea existem diferenças fundamentais entre a história e a memória. Tal distinção, a nosso ver, se faz imprescindível, uma vez que buscaremos descrever e dialogar com as vivências do autor e suas memórias a respeito de sua trajetória, seus desafios e seus objetivos.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993)

Tomando por base a distinção entre a memória e história, pelo presente memorial buscaremos desvelar a trajetória de alguém que foi muitos sujeitos, todos a seu tempo e que hoje é resultado dos seus erros e acertos e que arca com o peso de suas escolhas.

Nascido em Massapê, no estado do Ceará, no ano de 1988, sou o primeiro e único filho homem, além de mais outras duas irmãs, do casamento de Antônio José Lopes e Raimunda Teixeira Lopes, ambos funcionários públicos municipais aposentados. Com pouco mais de 40 mil habitantes, distante de Fortaleza 250 quilômetros. Massapê é uma típica cidade do interior nordestino. Tendo a agricultura de subsistência, pequenas lojas e os empregos advindos da prefeitura como principais fontes de renda, a cidade propõe a seus moradores as limitações socioeconômicas que retratam os rincões do Brasil. O coronelismo e a passividade de boa parte da população formam uma massa de sujeitos moldados para que haja a manutenção do *status quo*, garantindo, com isso, que as elites brejeiras se sobreponham, ostentando o que em quaisquer outras cidades mais desenvolvidas seria considerado básico, comum, trivial.

Minha formação escolar tem início, no ano de 1992 no Centro Educacional Cenecista<sup>9</sup> Massapeense, única instituição de ensino privado da cidade, da qual fiz parte até o ano de 2003. Quando criança, considerava um ambiente bom, feliz, muito pelo fato de até aquele instante nunca ter mudado de escola, não podendo fazer comparações mais elaboradas com outros estabelecimentos de mesmo fim.

Do ano de 2004 até 2006, cursei o Ensino Médio Regular na Escola de Ensino Médio Wilebaldo Aguiar em Massapê. Era a primeira vez que vivenciava outro colégio e, no começo, ficava bastante sozi-

---

<sup>9</sup> Fundada em 1943, na cidade de Recife/PE, como Campanha do Ginasiano Pobre, a CNEC nasceu do ideal de um grupo de estudantes universitários que, liderados pelo professor Felipe Tiago Gomes, oferecia ensino gratuito a jovens carentes. Com o passar dos anos, foi-se perdendo o caráter gratuito e tornando-se uma rede de escolas particulares presentes em vários estados do país.

nho, pois não possuía conhecidos, quiçá amigos. Com o passar dos dias, pude perceber que aquele era um espaço de mais pluralidade que a escola anterior, era bastante diversificado e bem mais despojado. Ali conheci bons amigos que cultivo até os dias atuais, e que pelas rotinas atribuladas os encontro raramente.

No ano de 2007, passei na seleção do vestibular para o curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú, localizada cerca de 20 km de Massapê, no município vizinho de Sobral. Durante nove semestres foi o mundo no qual eu estava imerso. Contudo, vejo a necessidade de relatar minhas impressões sobre esse novo momento, ocorre que minha primeira dificuldade se deu nas viagens a Sobral, um percurso de aproximadamente meia hora no ônibus, sendo este transporte bastante antigo, que nos foi “cedido” pela prefeitura. O transporte em si, apesar das péssimas condições, não era o cerne da questão, na realidade eu havia saído poucas vezes de Massapê para qualquer lugar, inclusive para Sobral, cidade esta que muito embora se localize também no interior do estado, tem cinco vezes a população de Massapê e é incontáveis vezes mais evoluída nos aspectos culturais, urbanísticos e de Produto Interno Bruto – PIB.

Aos 18 anos, recém-ingresso na universidade, percebi que a dinâmica de uma cidade efervescente do ponto de vista acadêmico causou à minha visão de mundo uma transformação drástica, só naquele momento compreendi que aquela era a vida adulta, com seus ônus e seus bônus. O deslumbre inicialmente tomou conta de mim e comecei a conhecer diversas pessoas com múltiplas vivências e diferentes correntes de pensamento, marxistas, anarquistas, liberais etc.

Um livro introdutório ao curso foi de grande valia para o aumento do meu fascínio pelo *métier* por mim escolhido, Apologia da História ou o ofício do historiador, do francês Marc Bloch, livro pu-

blicado postumamente em 1949, cinco anos após o fuzilamento deste pela Gestapo, a polícia secreta do regime nazista. Um homem morto por suas ideias, seus pensamentos, suas convicções, nada poderia ser mais inspirador para mim.

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da História é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios da paisagem, [os artefatos ou as máquinas] dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas no máximo um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2001, p. 54)

No segundo semestre de curso, comecei a ministrar aulas nas escolas públicas municipais de Massapê, nas áreas de História e Geografia do ensino fundamental II. Era professor temporário, contratado no mês de março e demitido em dezembro de cada ano. Apesar disso, gostava de dar aulas para as crianças do sexto ano, bem como, para os adolescentes do nono ano. As crianças em si tinham uma docilidade maior, certo respeito, o que, por sua vez, não ocorria com alguns adolescentes, muito pelo momento de transição da vida infantil para a adulta, o que na minha leitura de hoje é mais do que natural devido à imaturidade.

Entre os anos de 2008 e 2012, a Escola de Ensino Fundamental Dr. Luís Carlos Magalhães Aguiar foi uma casa de aprendizado e de muitas experiências inesquecíveis. Ainda hoje, anos depois, me deparo

com meus ex-alunos, alguns já com filhos pequenos, momento esse em que a nostalgia da sala de aula é mais intensificada.

Entre 2012 e 2013, ingressei em uma especialização em Gestão, Supervisão e Coordenação Escolar, ofertada pelas Faculdades INTA. As aulas eram em Massapê com professores vindo de Sobral, quinzenalmente. Foi uma capacitação riquíssima do ponto de vista pedagógico, os docentes eram muito comprometidos e qualificados. Ali percebi que não seguiria pela vereda da docência, iria seguir para um trabalho nos “bastidores”, auxiliando as gestões. Pude ter uma compreensão maior da formação educacional do Brasil, seus avanços e retrocessos.

Em 2012, um novo grupo político ganha as eleições municipais em Massapê e como consequência disso, implementando várias mudanças, inclusive na minha zona de conforto, a principal delas é que como eleitor do grupo vencido no pleito, vi as portas cerrarem diante dos meus olhos e de tantos outros, que como é de praxe, ocorre nos micro currais eleitorais, tais como Massapê. Nessa conjuntura, parei de atuar como professor.

Esse revés em minha vida foi marcante negativamente em minha trajetória, encontrei-me desempregado e sem motivação para reverter tal situação. Parafraseando Simón Bolívar “a arte de vencer se aprende nas derrotas”. Era preciso reinventar-me e assim eu o fiz. Seis meses desempregado me deram tempo para focar em algo muito corriqueiro em pessoas oriundas de cidades pequenas, a ideia de passar em um concurso público. Como estava sem dinheiro, mas morava com meus pais, tinha deles bastante motivação para seguir estudando e não desistir.

Enquanto me inscrevia em vários concursos, consegui passar em uma seleção simplificada para o cargo de assistente administrativo no Hospital Regional Norte de Sobral. Era uma rotina bastante exaustiva,

trabalhava em um regime de plantão, chamado doze por trinta e seis, ou seja, eu entrava dezenove horas de um dia e saía às sete horas do outro dia, assim, trabalhava a madrugada toda e só ia embora para Massapê pela manhã, normalmente de carona para economizar recursos financeiros, bem escassos.

Fiquei nessa rotina por um ano, até que consegui ser aprovado no concurso de 2013, do Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sobral – SAAE, autarquia municipal que trabalhava com serviços de tratamento de água e coleta de esgotos. Permaneci no cargo de assistente de administração por dois anos. Nesse período, casei-me com minha namorada após sete anos de namoro no ano de 2014. Em 2015, tivemos Murilo, nosso único filho, que hoje está com quase três anos completos.

Após esse tempo em Sobral, no ano de 2016 fui convocado para assumir o concurso no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, no meu atual cargo de técnico em assuntos educacionais, que tinha como pré-requisito para provimento a formação em pedagogia ou quaisquer licenciaturas. O campus mais próximo de minha cidade era o de Camocim, a 104 quilômetros de distância.

Ao chegar ao campus do IFCE em Camocim, deparei-me com um cenário bastante peculiar para minha visão de mundo naquela época, como vinha egresso de uma universidade e até aquele instante jamais tinha entrado em um Instituto Federal, não pude deixar de notar a mescla entre alunos dos cursos técnicos de nível médio subsequente e os alunos de Graduação convivendo em um mesmo espaço, e sem grandes sobressaltos.

Passados alguns meses de adaptação ao campus, já estava integrado ao trabalho e aos afazeres de meu setor de lotação, a Coordenação Técnico Pedagógica – CTP. O trabalho consiste em orientar a

gestão do Departamento de Ensino em decisões técnicas, organização de capacitação docente, conciliação de conflitos entre docentes e discentes, elaboração de calendários acadêmicos e outras muitas atribuições.

Assim, minha trajetória começou na educação como agente transformador quando comecei a ministrar aulas em 2008, ainda na graduação, e se estendeu até 2012, com uma ruptura que me distanciou dessa área, e somente após quatro anos, pude voltar ao meu *locus* de formação já no IFCE. O Instituto Federal trouxe um novo desafio, atuar na Educação Profissional Técnica e Tecnológica – EPT, além de ter que mudar de cidade e deixar minha família em Massapê com um filho ainda muito pequeno. Contudo, os desafios devem ser superados, e mais uma vez assim o fiz. Passei a residir em Camocim e nos finais de semana voltava para casa para ver a família.

No primeiro semestre do ano de 2018, submeto-me a meu primeiro processo seletivo para mestrado, o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Até àquela altura da minha trajetória não procurei concorrer a programas de mestrado, pois como não tinha seguido uma vida acadêmica tradicional – ter sido monitor, participado de programas de iniciação científica, ter vários artigos publicados, resumos expandidos, me apresentado em simpósios, em síntese, minhas chances seriam consideravelmente diminutas. Os processos seletivos de *stricto sensu*, com entrevistas e análise curricular, a meu ver, segregam e excluem, pois buscam um tipo ideal de aluno. Em minha opinião, há uma carga significativa de subjetividade, criando uma espécie de eugenia acadêmica.

O PROFEPT, então, tornou-se o centro de minhas atenções, além do trabalho no campus. Como naquele processo seletivo não haveria as etapas costumeiras de entrevista e análise de produção aca-

dêmica, tão somente prova objetiva e uma prova discursiva, compreendi que aquela era a chance de que alguém como eu, que não seguiu o caminho acadêmico tradicional, pudesse cursar um mestrado. E, assim, após a divulgação dos resultados, consegui minha aprovação concorrendo nas vagas destinadas aos servidores da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Durante as aulas do mestrado nos foi colocado a imprescindibilidade de produzirmos uma dissertação que versasse sobre o universo da educação profissional e tecnológica e criarmos um produto educacional com a mesma essência, com isso, advieram muitos questionamentos em especial a respeito do que seria o tal produto educacional.

Segundo a CAPES (Brasil, 2013), o produto educacional caracteriza-se como: “uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de videoaulas, um equipamento, uma exposição etc.”. É importante ressaltar que esse produto, gerado da dissertação, deve ser, nas palavras de Moreira e Nardi (p.04, 2009): “algo identificável e independente da dissertação”. Os autores alegam que, apesar da dissertação ser sobre o produto, ele deve ter “identidade própria” e deve ser disponibilizado na página do programa, para que possa ser analisado e utilizado pelos professores, visando sempre à melhoria na educação básica.

Após refletir bastante, resolvi escrever sobre a educação profissional estadual do Ceará, pois percebi em mim a necessidade de analisar como os grupos políticos que foram se alternando frente ao governo estadual do Ceará, impactaram nas políticas para o ensino de EPT. Ao historiador é imprescindível fazer recortes temporais para que as hipóteses e conjecturas a respeito das causas do processo histórico sejam melhor trabalhadas, com isso optamos por selecionar os últimos 23 anos da história recente do estado para que pudéssemos comparar os

ranços e avanços no ensino estadual de EPT. Assim, começamos nos anos 1990, quando um destes grupos políticos, de viés claramente neoliberal, implementa suas transformações na concepção do fazer da educação profissional através da criação do Instituto Centro de Ensino Tecnológico – CENTEC e mais especificamente dos CVTs (Centros Vocacionais Tecnológicos), estes últimos de concepção vocacional, inclinados à pedagogia das competências. Por seu turno, a ascensão de outro grupo político em meados dos anos 2000, mais alinhado às políticas de centro-esquerda, buscou mediante o estabelecimento das EEPs (Escolas Estaduais de Educação Profissional) formular um projeto político pedagógico de proposta mais direcionada com o ensino de tempo integral e uma propensão a formação integrada, mesmo que ainda distante deste objetivo.

A priori demos o título “Dos Centros Vocacionais Tecnológicos às Escolas Estaduais de Educação Profissional: políticas de Governo e políticas de Estado para o Ensino Profissional no Ceará (1995-2018)”, assim, objetivamos discutir as transformações pelas quais passaram as políticas públicas para o ensino profissional no seio do estado cearense. Buscaremos identificar as ações de caráter positivas e aquelas que se mostraram negativas para a o desenvolvimento da EPT no estado. Traçando as semelhanças e distinções, entre esses grupos políticos, no âmbito de políticas de Estado, e investigando se estes posicionamentos estatais resultaram no bem comum às populações assistidas ou se apenas e tão somente, deram-se como políticas de governo, pontuais, buscando sedimentar posições político-ideológicas, meramente antagônicas ao grupo adversário.

Feitas essas análises buscaremos produzir um minicurso para que este possa trazer à tona as discussões desenvolvidas na pesquisa e para este momento de ensino-aprendizagem possa ser socializado com

os docentes e técnicos administrativos do campus Camocim, nosso local de trabalho, bem como, os profissionais que atuam no Centro Vocacional Tecnológico e na Escola Estadual de Educação Profissional, ambos na cidade de Camocim.

## **Conclusão**

Por fim, este memorial se propõe a ser um breve relato de minha vida e reafirmar que minha formação educacional é indissociável de minhas vivências pessoais e coletivas. A escolha do tema que gira em torno das políticas educacionais para o ensino profissional e tecnológico, surgiu como uma revisitação a minha história de vida e como a educação pode transformar-me no que sou hoje. Ressalto ainda que as discussões, debates gerados em salas de aula, e minhas experiências na área de educação, sempre me conduziram a determinadas discussões sobre relações de poder, estabelecimento de grupos hegemônicos, oligarquias, aparelhos ideológicos do Estado. As análises macroeconômicas, culturais, e sociopolíticas sempre me fascinaram e me instigaram a pensar e pesquisar, dialogando com os diversos intérpretes, pensadores, autores, os quais se aprofundaram em diversos aspectos que hoje são por mim analisados e estudados. Creio que temos o dever ético de deixarmos nossa contribuição para, quem sabe, outros pesquisadores possam dar continuidade de onde paramos ou reanalisar o que não foi percebido por nós.

Escrever sobre si é mais complexo que escrever sobre os grandes vultos históricos, sobre as grandes guerras mundiais, revoluções, imperadores, reis, e as transformações pelas quais a humanidade passou ao longo dos séculos. A autobiografia é, a meu ver, acima de tudo, um desnudar da alma, posto que as memórias aqui sintetizadas são integrantes fundamentais de um sujeito, de uma existência, de uma essên-

cia. Em 1881, Machado de Assis começa o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, dedicando aquele memorial ao primeiro verme que roeu o cadáver do narrador personagem, por sua vez, dedicamos esta breve narrativa ao leitor que dignificou a ler este relato e que de alguma forma, mesmo que minimamente, nutriu empatia com a história por nós vivenciada.

## Referências

BENJAMIN, W. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, (Obras escolhidas; v. 1).

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL, CAPES. *Documento de área 2013*. Disponível em <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/documento-de-area-e-comissao>. Acesso em: 10 dezembro de 2018.

MOREIRA, M. A.; NARDI, R. *O mestrado profissional na área de ensino de Ciências e Matemática: Alguns esclarecimentos*. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, Ponta Grossa, v. 2, n. 3, p. 1-9, 2009.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993.

# Memórias do devir: formação acadêmica, profissional e pessoal em trânsito

*Pedro Bruno Silva Lemos<sup>10</sup>*

## **Introdução**

O presente texto trata de um memorial formativo cujo objetivo é apresentar uma breve reflexão sobre minhas experiências acadêmicas, profissionais e, de certa maneira, existenciais. Nesse sentido, antes de iniciar esse processo reflexivo e autobiográfico, farei uma breve “auto-caracterização”.

Sou bacharel em Ciências Sociais e, por esse motivo, conheço os métodos e técnicas da pesquisa científica. Todavia, mesmo conhecendo o fazer científico e seus desdobramentos epistemológicos, no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) deparei-me, na segunda aula da disciplina de Seminários de Pesquisa, como um método novo, a saber: o método memorialístico. Achei interessante a possibilidade de redigir um memorial formativo, pois teria a chance de, a partir das minhas experiências formativas, compreender como “[...] à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio” (DELEUZE

---

<sup>10</sup> Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Assistente em Administração da UNILAB. E-mail: pedrobruno\_lemos@yahoo.com.br.

apud ZOURABICHVILI, 2004, p.24).

O ato de desejar pressupõe transformações, isto é, *devires* – para utilizarmos uma categoria deleuzeana. Partindo-se dessa definição, desejar/tornar-se (devir) aluno do PROFEPT, bem como escrever esse memorial ressignifica a forma como compreendo minhas experiências formativas. Nesse sentido, Zourabichvili (2004, p.24-25) ressalta que não se nega “[...] o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a ‘faz fugir’”. O desejo, portanto, não é uma ação voltada apenas para algo exterior e alheio ao desejante, pelo contrário, é algo que transforma o interior daquele que deseja.

Ao iniciar a escrita desse memorial, faço, mesmo que provisoriamente, uma imagem identitária de mim mesmo que será validada ou, quem sabe, reconstruída pelas minhas memórias. Porém, seguramente, posso afirmar que esse processo reflexivo e autobiográfico é constrangedor. Ser intérprete da minha vida e, por consequência, do mundo social onde estou inserido me obriga a elencar momentos que eu julgue importantes para a minha formação acadêmica e humana, em outras palavras, abrir mão da minha privacidade existencial.

Escrever na primeira pessoa do singular me coloca em uma posição ativa e solitária, faz-me encontrar e (re)descobrir o trajeto que me trouxe até aqui, o trajeto que estou percorrendo e aonde chegarei. Entretanto, são apenas memórias que pressupõem uma interpretação individual.

Pretendi, conforme já citado, narrar experiências formadoras importantes para a minha aprendizagem e que deixaram marcas em minha vida. Ao falar de mim, também falo do mundo que enxerguei e vivi. Mas, o que são experiências formadoras? Partilho da definição de Josso (2004, p. 47-48):

(...) para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades.

Sendo assim, foi somente ao identificar minhas experiências formadoras que consegui entender como as várias dinâmicas de formação e aprendizagem do meu passado inter-relacionam-se com o meu presente. Antes de adentrarmos em partes das minhas lembranças, gostaria de registrar o quão desafiador e gratificante foi essa prática autobiográfica.

## **Percurso acadêmico e profissional**

Iniciarei esta história de vida situando o contexto familiar no qual me desenvolvi. Nasci no dia 01 de novembro de 1990, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, Brasil. Meu nascimento ocorreu na madrugada de uma quinta-feira chuvosa e fria. Sou o primogênito de três filhos. Tenho uma irmã dois anos mais nova, Ana Beatriz da Silva Lemos, e um irmão quatro anos mais novo, Antônio Breno Silva Lemos. Meu pai, Sebastião Rodrigues Lemos, sempre trabalhou na agricultura, ofício herdado do meu avô paterno. Ele tem o dom de ser amado por todos que o conhecem, principalmente por causa da sua simpatia e eloquência. Minha mãe, Francisca da Silva Lemos, possui o talento para costura, ofício que aprendeu observando uma vizinha. Meu círculo familiar mais íntimo também foi composto pelo meu avô materno, Jacinto Batista e pelo meu tio materno, Antônio Jacinto, uma espécie de segundo pai para mim e meus irmãos. Também não posso deixar de mencionar minha tia materna/madrinha, Socorro. Se o tio Antônio foi meu segundo pai, minha tia Socorro foi minha segunda mãe. A seguir, discorrerei acerca do percurso acadêmico e exis-

tencial que me trouxe até a redação desse texto.

Lembro-me que o meu primeiro contato com a educação formal aconteceu em uma tarde chuvosa e regada por muito choro. O início da minha vida foi marcado por algumas doenças. Portanto, cresci, até aquele momento, protegido/mimado pelos meus pais e, principalmente, pelo avô materno. Sair desse pequeno e protegido círculo social parecia algo perigoso e perturbador.

Aos sete anos, iniciei minha jornada no Ensino Fundamental, na Escola Municipal Carlos Pereira de Sousa, localizada aproximadamente a cem metros da minha casa. O interessante é que a proximidade da minha residência tornou aquele ambiente estranho um pouco familiar.

Ultrapassei todas as séries do Ensino Fundamental sem reprovações e com destaque acadêmico, principalmente, nas disciplinas de História e Matemática. Como desejava “ingressar no Ensino Superior”, minha mãe foi orientada a me matricular no Colégio Estadual Anchieta. Agora percebo a luta da minha mãe contra a dualidade estrutural que caracteriza a educação brasileira. Sua persistência em querer me matricular no Colégio Estadual Anchieta também pode ser entendida como a busca por uma educação capaz de promover uma fuga da sofrida realidade vivida por ela e por meu pai.

Cursei todo meu Ensino Médio no Colégio Estadual Anchieta, instituição educacional pública considerada a melhor de Maranguape. A estrutura física do Colégio Anchieta era deficitária, porém os professores eram bem preparados.

A principal mudança ocasionada pelo ingresso no Ensino Médio foi a necessidade de pegar transporte coletivo para chegar às aulas, pois o Colégio Estadual Anchieta ficava a, mais ou menos, 23 quilômetros da minha casa.

Como relatado, minhas experiências formativas anteriores sempre estiveram, mesmo que de forma cartográfica, irradiadas no território do distrito onde morava, Penedo. A questão do território foi de suma importância para minha formação no Ensino Infantil e no Ensino Fundamental, minha casa foi o epicentro da minha vida acadêmica até então.

Isto posto, ao recordar minhas experiências no Ensino Médio, percebi a importância que o “deslocamento” / “mobilidade” casa-colégio teve para o meu “desenvolvimento” e aperfeiçoamento acadêmico. Esse processo de ida e vinda também representava uma ida ao mundo urbano e um retorno ao mundo rural. Esses constantes contatos com pessoas de um “mundo” diferente promoveram um processo de criação e recriação da forma como eu via o mundo ao meu redor.

Por morar muito longe, não pude cultivar alguns hábitos incentivados no Ensino Médio, por exemplo, não fiz trabalhos em grupos na escola, não participei dos cursos, encontros de turma e, principalmente, das aulas de Educação Física; eventos educacionais realizados sempre pela tarde.

No Colégio Anchieta, tive acesso a um mundo que não me foi apresentado corretamente no Ensino Fundamental: a Biblioteca. Lembro-me de ficar fascinado ao ler Voltaire, Albert Camus, Rousseu e Carlos Heitor Cony. Também recorro de ler o volume de 5 do “Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia”, Deleuze e Guattari, e “À sombra das maiorias silenciosas”, Baudrillard. Gostaria de frisar que as análises críticas desses autores me possibilitaram uma maior compreensão do contexto socioeconômico no qual estava inserido.

No terceiro ano do Ensino Médio, comecei a planejar meu futuro acadêmico. Tinha que “cursar o ensino superior”. O vestibular começou a se aproximar rapidamente. Sempre gostei das disciplinas de

Biologia, História e Sociologia, o que aumentou minha indecisão na hora de me inscrever no vestibular. Escolhi Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Zootecnia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Acho que escolhi Zootecnia, explicação mais plausível, pela influência do meu pai e do meio rural onde morava. No final, consegui ser aprovado na primeira fase de ambos os vestibulares, porém só fiz a segunda fase (específicas) para Ciências Sociais.

Fui aprovado em Ciências Sociais. Decidi ser sociólogo devido às aulas de sociologia e filosofia no Ensino Médio. Entretanto, se soubesse da dificuldade de inserção de um cientista social no mercado de trabalho, provavelmente, teria feito Ciências Biológicas.

Em decorrência de uma greve dos docentes e servidores técnicos administrativos da UECE, as aulas nas Ciências Sociais começariam apenas no meio do ano. Por isso, resolvi fazer o processo seletivo para o Curso Técnico em Mecânica ofertado por uma instituição educacional privada voltada para o ensino técnico e profissionalizante, localizada em Fortaleza. Fui aprovado e iniciei o primeiro semestre. Lembro-me de achar o Ensino Profissional parecido com o Ensino Médio.

Entretanto, era impensável abrir mão do diploma de bacharel em Ciências Sociais. Para mim e minha família, aquele diploma me habilitaria o ingresso no tão admirado e desejado “mundo dos patrões”. A origem desse tipo de pensamento remonta ao próprio processo de formação da nação brasileira. Segundo Medina (2009, p.40): “[...] o prestígio do bacharel só era contrastado, nas comunidades do interior do país, pelo coronel, protagonista de fenômeno semelhante em termos de influência política, que foi o coronelismo”.

As aulas nas Ciências Sociais começaram em maio e, mesmo não havendo choque de horários, decidi abandonar o curso técnico. A primeira semana de aula, semana de integração, foi empolgante. Parti-

cipei de várias palestras, minicursos, descobri o que realmente era Ciências Sociais.

A formação superior foi marcada por descobertas jamais pensadas. Conheci a Filosofia e a Ciência Política. Li Hegel, Kant, Marx, Foucault. Também reencontrei Deleuze e Baudrillard.

No terceiro semestre, fui aprovado na seleção do Programa de Educação Tutorial do Curso de Ciências Sociais (PET SOCIOLOGIA-UECE), o que tornou minha formação mais completa e aliviou financeiramente minha família. O PET é algo incrível para a formação de qualquer graduando. As leituras, eventos, reuniões, grupos de estudo complementaram demais a minha formação.

A UECE era distante da minha casa, porém, diferentemente do Ensino Médio, não consigo perceber a importância do “deslocamento” / “mobilidade” casa-universidade na minha formação. Acho que talvez porque a ida e vinda do Ensino Superior foi sempre um ato solitário ou então porque eu não percebia uma clara separação entre a sala de aula e a minha casa, isto é, o ato de estudar era um processo contínuo.

No dia 11 de novembro de 2011, no retorno da UECE para a minha casa, conheci Jeisilane Martins. Depois alguns meses de conversas pelo celular, começamos a namorar e nos casamos no ano passado.

O encontro com Jeisilane também marcou meu reencontro com a EPT, pois, por meio da ampliação da oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) ocasionada pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), minha esposa estava finalizando o Curso Técnico em Enfermagem. Diferentemente da minha família, Jeisilane sempre questionou o abandono do Curso Técnico de Mecânica. Inicialmente, não conseguia entender por que ela valorizava tanto a formação técnica. Depois

percebi que a inserção no mercado de trabalho de um Bacharel em Ciências Sociais é uma missão hercúlea.

A relação com a Jeisilane me trouxe grandes aprendizados. Ao lado dela começamos a planejar nosso futuro e, paulatinamente, tivemos nossas conquistas. Também aprendi muito sobre enfermagem, principalmente, quanto ela ingressou no Ensino Superior.

Ao cursar Ciências Sociais, cresci academicamente e como ser humano. Comecei uma busca acadêmica e acabei me descobrindo por meio da Filosofia e Sociologia. Todavia, devo mencionar que o decorrer do último semestre no Ensino Superior foi caracterizado por contínuas preocupações e reflexões. Não por causa da monografia, já havia escrito todo o trabalho no penúltimo semestre. A maior preocupação era a minha inserção profissional. Diferentemente dos meus colegas, não fui seduzido pelo sonho de ser professor universitário. A realização desse sonho talvez fosse possível, porém pressuporia, no mínimo, seis anos de estudo, ou seja, mais seis anos sem trabalho, algo impensável para mim, minha família e minha noiva.

Antes do fim do último semestre, fui aprovado em dois concursos públicos. Nesse momento, torna-se necessário mencionar, novamente, a dificuldade de inserção dos egressos de Ciências Sociais no mercado de trabalho. Diante dessa realidade, como muitos outros colegas do ensino superior, decidi ingressar no serviço público.

Assumi, apenas em 2015, o cargo de Assistente em Administração na Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação (Proppg) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNI-LAB).

O início da minha experiência profissional foi um pouco confuso. Não conseguia aproveitar o que tinha aprendido no Ensino Superior, por isso fiz uma Especialização em Gestão Pública. Descobri o

que fazer e também que era apenas seguir o que as leis estabeleciam.

Na Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação, secretário algumas comissões e comitês. Entretanto, acabo trabalhando quase que exclusivamente no Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Para um pesquisador, docente ou discente das áreas de Humanas ou Ciências Sociais os termos Plataforma Brasil, Apreciação Ética, Comitê de Ética ou mesmo Ética em Pesquisa, talvez não sejam tão “familiares”, mas para mim eram. Minha esposa cursou o Técnico em Enfermagem e cursa a Graduação em Enfermagem, portanto, mesmo que por osmose, acabei aprendendo sobre essas questões.

## **Conclusão**

Diante do exposto, é possível perceber a intrínseca relação existente entre o desenvolvimento da minha identidade profissional e a atuação no Comitê de Ética em Pesquisa da UNILAB. O conhecimento e a experiência adquiridos durante as reuniões e relatórios de projetos foram importantes e me fizeram querer aprofundar os estudos sobre as questões relacionadas à Ética em Pesquisa. Por outro lado, o ambiente acadêmico e o próprio plano de cargos e carreiras dos servidores técnicos, inevitavelmente, nos levam a querer estudar mais e mais. Por isso, resolvi que, após tornar-me estável, entraria no mestrado.

Por causa da sua proposta profissional e, por consequência, da configuração das aulas em um único dia por semana, prestei seleção para o PROFEPT. Lembro-me de ficar feliz com a aprovação, porém muito preocupado com a pesquisa que deveria desenvolver. Como falei inicialmente, não me preparei academicamente para o reencontro com EPT.

Todavia, nas primeiras aulas de metodologia decidi analisar se as pesquisas desenvolvidas na EPT foram e são impactadas pelo desenvolvimento e pela implementação do Sistema Nacional de Informação

sobre Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, bem como quais as principais causas de indeferimento dos projetos apreciados pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFCE. Após esse prévio levantamento, pretendo elaborar e validar uma cartilha sobre a submissão de projetos de pesquisa na Plataforma Brasil, tendo como público alvo desse produto os docentes e pesquisadores do IFCE.

O mestrado é um momento de muita aprendizagem e descobertas intrínsecas e extrínsecas, escrever esse memorial é um exemplo disso. Pretendi relatar minhas experiências e como cheguei até aqui. No decorrer dessa escrita, percebi que as memórias relatadas não me ligam apenas aos fatos, mas sim a pessoas e que nunca caminhei sozinho.

Minhas experiências formativas encontram-se alicerçadas em relações acadêmicas, mas só possuem significados a partir dos encontros com meus familiares, amigos, professores, colegas de classe e minha esposa.

No início, falei o quanto era atormentador escrever esse memorial, escrever na primeira pessoa do singular. Todavia, descrever minhas memórias formativas tornou-se um processo enriquecedor de autoconhecimento. Percebi que tudo faz sentido, nenhuma experiência foi em vão. No fim, o mais difícil foi parar de escrever.

## Referências

JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *Do Bacharelismo à Bacharelise: Reflexos desses fenômenos nos cursos jurídicos, ao longo do tempo*. In: Ensino Jurídico, Literatura e Ética. Brasília: OAB Editora, 2009.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

# Memórias de si: aproximação e expressão de uma vida em formação

*Francisco Euguenys Medeiros da Silva<sup>11</sup>*

## Introdução

O presente Memorial Formativo discorre sobre a minha identidade – enquanto indivíduo distinguido entre os demais, bem como sobre o nascimento de uma trajetória de vida educacional e profissional, ou seja, a minha existência enquanto ser humano que está inserido em uma sociedade, contribuindo para o desenvolvimento, o aperfeiçoamento e a continuidade da mesma, sendo influenciado pelos mecanismos educacionais e influenciando os demais para a aquisição de conhecimentos.

Para Passegi (2008), autobiografar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar; aperfeiçoar; resistir ao sofrimento; cortar o que é excessivo. Nesse viés, está aqui um trabalho que irá fazer um pequeno recorte da vida acadêmica e profissional deste futuro pesquisador.

A proposta de elaborar um memorial Formativo, de investigação, como atividade da disciplina Seminário de Pesquisa, do Mestrado em Educação Profissional, tendo como objetivo subsidiar o orientador da pesquisa e da proposta de um produto educacional, suscitou uma

---

<sup>11</sup> Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pelo IFCE. Professor da Rede estadual de educação do Ceará (SEDUC/CE). [eu-guenys@gmail.com](mailto:eu-guenys@gmail.com).

reflexão sobre minha história de vida, contribuindo para o aperfeiçoamento e o conhecimento da minha própria existência.

Sobre a prática reflexiva de si mesmo, no formato de Memorial relatando sobre formação e profissionalização docente, Passegi e Barbosa (2008) discorrem:

[...] está voltada para as potencialidades dos memoriais como prática reflexiva, em cursos de pós-graduação, na formação inicial e continuada de professores e como possibilidade de reinvenção de si. (PASSEGI e BARBOSA, 2008, pag. 20)

Assim sendo por meio deste, num processo de reflexão sobre mim, venho a escrever (auto-bio-grafar) quem sou: Francisco Euguenys Medeiros da Silva, nascido em cinco de maio de 1982, o último de um total de quatro filhos, e com uma família constituída de esposa, uma filha de seis anos de idade e um filho de três anos. Sou natural de Maranguape – CE, município da Região Metropolitana de Fortaleza, onde resido e trabalho como professor da rede estadual de educação, atualmente exercendo a função de coordenador escolar. Venho de uma família da classe trabalhadora, com minha mãe exercendo as funções do lar (atualmente aposentada) e meu pai caminhoneiro, aposentado, ambos divorciados. Na medida das possibilidades deles, tive a oportunidade de ter uma boa infância e de estudar e concluir a educação básica e, por conseguinte, ingressar e concluir a educação superior. Vale ressaltar que a minha primeira escola, na qual fiz a educação infantil e o ensino fundamental (na época 1º Grau) é a Escola de Ensino Médio Luiz Girão, meu atual ambiente de trabalho.

Nesse sentido, tenho a pretensão de me aperfeiçoar continuamente enquanto ser humano, utilizando-me dos conhecimentos que construo no mestrado, e, assim, contribuir para a melhoria da vida em

sociedade. Tenho apreço por grupos que se interessam em estudar e/ou pesquisar sobre as temáticas da educação, sejam voltadas para a formação e prática docente ou para os processos que envolvem o ensino e a aprendizagem. Registra-se também o meu interesse pela profissão docente, a qual surgiu ainda durante o ensino médio por influência de alguns professores, os quais eu admiro até os dias de hoje. Isso fortalece a busca pelo aprimoramento da formação docente e também o aumento do meu nível de escolaridade, demonstrando que é possível o crescimento intelectual e profissional.

## **Trajetória acadêmica e profissional**

A minha vivência acadêmica e profissional teve início, concomitantemente, no ano de 2006 quando ingressei no curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Durante a graduação pude aperfeiçoar meus conhecimentos em geografia através das metodologias inerentes a essa disciplina e principalmente discutir e entender melhor a respeito da profissão de professor, buscando entender que a “docência implica também seu par dialético: aprender com os outros e despir-se do que se aprendeu para se reinventar na profissão” (KAERCHER, 2007, p. 15). No tocante à geografia e ao seu objeto de estudo – o espaço geográfico – fez-se (faz-se) importante “estarmos refletindo atentamente sobre o que é e o que deve ser a ciência geográfica, não somente como ciência, mas também como prática escolar, prática de vida, prática que os alunos (nós!) praticam (mos!)” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 43). Nesse período, que vai de 2006 a 2009, por estar na condição de docente, me dediquei bastante para participar de formações específicas para o aperfeiçoamento das práticas inerentes à docência através de grupos de estudo sobre o trabalho do professor, para conhecer mais sobre essa profissão.

Ao começar a graduação, tive a oportunidade de ser contratado pela Prefeitura Municipal de Maranguape – CE para lecionar em uma escola de ensino fundamental, nas turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com uma carga horária de 20 horas semanais. Consegui contratação em escolas da rede municipal durante os anos de 2006, 2007, 2008 e 2010. Vale ressaltar que nesse período a Secretaria Municipal de Educação proporcionou cursos de formação continuada voltadas para a prática docente, como exemplo pode-se citar a *Formação de professores para lecionar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos*, e nesse contexto fui contemplado, fortalecendo a minha atuação docente.

Paralelamente, no primeiro quartel de 2008, fui contratado por uma escola da rede particular, via regime de contratação da Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT (DAS LEIS TRABALHISTAS, 2013), lecionando durante os anos de 2008 a 2010, em turmas de 5º ano do ensino fundamental, complementando a minha carga horária docente com mais 20 horas / aulas semanais. No referido ano de 2008, fui aprovado no vestibular da Universidade Estadual do Ceará – UECE, no curso de Geografia. Cursei essa graduação nas duas universidades. Foi um ano muito desafiador e exaustivo para mim, pois tratava de conciliar os estudos acadêmicos com a docência. Apesar dessas condições, concluí o curso na UVA em 2009 e na UECE em 2012. Logo em seguida ingressei como graduado na UECE no curso de Matemática, vindo a trancar a matrícula. O principal motivo foi o aumento da carga horária de trabalho docente após ter sido aprovado no concurso da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC – CE. Tive que aumentar a carga horária de trabalho para poder ganhar um valor pecuniário razoável. Sabe-se que a profissão docente é bastante desvalorizada, principalmente no que condiz com a manutenção salarial.

Passei a ensinar no turno da noite, em turmas de Educação de Jovens e Adultos. Essa experiência reafirmou o meu interesse por essa modalidade de ensino, visto que a EJA está contida na LDB 9.394/96 e perpassa todos os níveis da Educação Básica, oportunizando a população que não conseguiu concluir o ensino fundamental e ensino médio na idade apropriada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96, em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996)

Ademais, muitas conquistas me contemplavam. Como já mencionei, em 2009 fui aprovado no concurso da SEDUC, na disciplina de Geografia. Passadas todas as etapas do certame, que ocorreram entre os anos de 2009 e de 2010, assumi as turmas efetivamente em 2011, na escola Luiz Girão, em Maranguape–CE, unidade escolar em que já estava lecionando. Extraordinariamente, nas mesmas turmas. Isso contribuiu para que os trâmites da minha lotação fossem menos demorados.

Ainda no ano de 2011 cursei uma pós-graduação – especialização Lato Sensu em Gestão Ambiental, pela UECE e em 2013 uma especialização em Gestão Escolar, pela Universidade Cândido Mendes, RJ. Nesse mesmo ano foi lançado um edital de seleção para a composição de um Banco de Gestores Escolares do Estado do Ceará. Nessa ocasião, eu fui incentivado pelos colegas professores sobre as possibilidades de alavancar a minha carreira profissional e atrelar a isso a oportunidade de contribuir com o desenvolvimento da escola em que leci-

onava, uma vez que sempre correspondi com as expectativas relacionadas à melhoria da aprendizagem dos discentes, das relações pedagógicas envolvendo a equipe docente, além de participar das discussões sobre a aquisição de materiais específicos para a infraestrutura escolar. Foi então que eu consegui assumir a função de coordenador escolar, desempenhando esse papel na EEMLG.

Em 2018, fui aprovado no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (BRASIL, 2016), cursando no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Fortaleza. A proposta desse mestrado traz em seu bojo as bases conceituais que visam à integração entre educação profissional técnica com o ensino médio propedêutico, e a tentativa de romper a dualidade estrutural entre a formação voltada para o trabalho e a formação de preparação para a universidade. Esses estudos trazem à tona o uso de alguns conceitos que estão diretamente ligados à concepção de educação profissional integrada à educação básica de nível médio. Sobre formação humana “supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos” (CIAVATTA, 2005 apud RAMOS, 2014, p. 86). Além disso, “expressa uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação unilateral dos sujeitos” (RAMOS, 2014, p. 84). A autora discute sobre o sentido filosófico dessa formação com base nas dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, no processo educativo. Lista também o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico. Eis que surge o interesse desse futuro pesquisador em se aperfeiçoar nessa perspectiva de educação em nível de pós-graduação *Strictu sensu*.

Articulado a essa proposta de educação (EPT), o ensino médio

ofertado nas Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP's) traz como possibilidade uma formação integral e está pautado no contexto da empregabilidade no estado do Ceará, como tentativa de contribuir para a formação técnica dos beneficiários dessas escolas e sua inserção no mercado de trabalho atual. Este está cada vez mais exigindo do trabalhador o desenvolvimento da capacidade de abstração para ler e interpretar dados, diagnosticar problemas e apontar soluções (ANTUNES, 1999). É importante, ainda, analisar as pesquisas destacando que o “Estado só vai garantir um patamar mínimo de escolarização aos ‘mais’ pobres” (SOUSA, 2014, p.101), uma vez que a formação escolar “é perigosa porque pode despertar desejos e expectativas que não interessam à minoria dominante” (OLIVEIRA, 2014, p.80). Nesse viés, essa temática engendra o interesse desse futuro pesquisador em desenvolver estudos e práticas educativas próprias da EPT, visando subsidiar os docentes e discentes, especialmente das EEEP's e de outras instituições. Certamente, as propostas do curso de mestrado são relevantes para efetivar tais práticas.

## **Conclusão**

Pelo exposto nesse trabalho, é possível perceber que a trajetória acadêmica e profissional desse futuro pesquisador está ligada às temáticas da educação e que em alguns momentos expressam a vontade e o desejo de investigar as causas de determinados problemas vinculados ao ambiente educacional, principalmente interligado à proposta da EPT. Também evidenciou – se o interesse pelos temas inerentes à formação integral dos discentes do ensino médio profissionalizante.

Entretanto, muitos fatos foram omitidos, alguns por consequência da memória e outros por não se enquadrarem na narrativa elaborada, recebendo um tratamento de um memorial formativo con-

tento breves recortes de minha trajetória, incluindo a presente pesquisa no mestrado em EPT. Esse foi o primeiro memorial que elaborei sobre a minha vida e acredito que essa experiência fez com que eu pudesse despertar ainda mais o desejo de pesquisar sobre as temáticas da educação, me incluindo como protagonista do processo, que tem a curiosidade de investigar e tentar melhorar as condições de trabalho principalmente no que se refere à EPT.

A narrativa supracitada evidencia a trajetória acadêmica desse futuro pesquisador e aborda a temática sobre educação profissional e tecnológica, com a pretensão de enfatizar os aspectos da relação entre trabalho e educação, colocando a escola como a principal instituição formadora dos jovens discentes.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial, 1999.

BRASIL. *Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* DOU 23.12.1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução do Conselho Superior no 161, de 16 de setembro de 2016a. Criar o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica e aprovar seu Regulamento interno. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Disponível em: [http://profept.ifes.edu.br/images/stories/ProfEPT/Turma2017/Tecnologia do Espírito Santo\(IFES\) no161, de/Res\\_CS\\_161\\_2016\\_- Cria\\_o\\_Programa\\_de\\_Pósgraduação\\_em\\_Educação\\_Profissional\\_e\\_Tecnológica\\_e\\_aprova\\_seu\\_Regulamento\\_interno.pdf](http://profept.ifes.edu.br/images/stories/ProfEPT/Turma2017/Tecnologia do Espírito Santo(IFES) no161, de/Res_CS_161_2016_- Cria_o_Programa_de_Pósgraduação_em_Educação_Profissional_e_Tecnológica_e_aprova_seu_Regulamento_interno.pdf). Acesso em: 15 dez. 2018.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CEARÁ, Governo do Estado. Lei nº 14.273, de 19 de dezembro de 2008. Dispõe sobre a criação das Escolas Estaduais de Educação Profissional – EEEP, no âmbito da Secretaria da Educação. Disponível em: [www.educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/](http://www.educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/). Acesso em: 01/12/2018.

CEARÁ. Secretaria da Educação. Disponível em <http://www.seduc.ce.gov.br/>. Acesso em: 01/12/2018.

\_\_\_\_\_. Plano Integrado de Educação Profissional e Tecnológica do Estado do Ceará (2008-2010). Fortaleza, 2008.

DAS LEIS TRABALHISTAS, Consolidação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm)., v. 18, 2013. Acesso em: 01/12/2018

KAERCHER, Nestor André. *Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo*. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Elenilce Gomes. *Novos caminhos na educação profissional brasileira*. Educação profissional: contextualizada. Fortaleza: CEFET-CE, 2005.

PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). *Memória, Memoriais: Pesquisa e Formação Docente*. Natal, RG: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

RAMOS, Marise Nogueira. *História e política da educação profissional*. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

SOUSA, Antonia de Abreu. *As recomendações do Banco Mundial para a Educação Profissional e o vigor da teoria do capital humano no contexto do neoliberalismo*. Educação Profissional: análise contextualizada. Fortaleza: Edições UFC, p. 99-113, 2014.



# Corporeidade: memória e ação

*Luciana Braga de Oliveira Freire<sup>12</sup>*

## Introdução

Este memorial tem como objetivo fazer um breve resumo da minha trajetória de formação intelectual e profissional. Ao discorrer sobre fatos e situações subjetivas, recorro à memória e revejo os caminhos que me levaram a docência. E como todo ato de lembrar carrega algum sentido para o tempo presente, busco reconhecer nos contextos políticos e sociais transcorridos o fio que me conduziu às escolhas de agora, para compreender o sentido de ação da minha jornada, pois se toda história pessoal tem relação com “o livro de histórias da humanidade” é porque ambas resultam da ação (ARENDDT, 2007, p.196), e é necessário abrir o entendimento para a realidade circundante, iluminando o hoje com o ontem.

## Os anos iniciais

Luciana, Luciana  
Sorriso de menina, dos olhos de mar  
Luciana, Luciana  
Abrace essa cantiga por onde passar  
(EVINHA, 1969).

---

<sup>12</sup> Mestranda do PROFEPT – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – IFCE – Fortaleza.

Esta cantiga marcou a memória da minha mãe, lembrança afetiva que motivou o meu nome. Música que se traduz numa linguagem poética e que possui uma melodia que inspira ternura. “Com os olhos de mar” permito-me mergulhar num processo de introspecção das tessituras da minha história de vida.

No período da educação infantil, no Instituto Mater Amabilis, foram marcantes as músicas que escutávamos e cantávamos, dormir nos colchonetes após o término do recreio, as atividades de pintura, o manuseio da argila e das massinhas, as aulas de recreação e o abraço caloroso da professora Fátima. Entretanto, ainda no Jardim da Infância, posteriormente no Jardim II, com outra professora, tive a minha primeira decepção. Estava correndo no parquinho de areia e caí. Olhei para professora na esperança que ela viesse me levantar, ou dizer uma palavra de conforto, porém, impassível, ela manifestou-se culpando-me pela própria queda. Na condição de uma criança, receber resposta tão dura marcou-me profundamente.

Considero necessário refletir esta parte da minha história porque hoje, enquanto professora, percebo como os aspectos socio afetivos, que influenciam a relação professor-aluno e, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem são tão determinantes.

Na rua onde morava, havia brincadeiras ao ar livre e concursos de dança lambada<sup>13</sup> que criávamos entre amigos. No Fundamental I, lembro-me das aulas com bastão, dos rolamentos, dos exercícios em

---

<sup>13</sup> A lambada, ritmo musical com influências do carimbó, forró e merengue, muito popular no final dos anos 80 e início dos anos 90, cuja coreografia de duas pessoas rapidamente fez sucesso nas danças de salão, teve no Brasil grande apelo midiático especialmente em programas de auditório e rádios FM, influenciando jovens e inclusive crianças que imitavam seus passos.

duplas e das danças recreativas, e que a quadra era dividida ao meio: de um lado, ficavam as meninas, no cantinho, para jogar carimba<sup>14</sup> e do outro lado os meninos ocupavam toda a quadra com o futebol. Divisão que exalta o caráter sexista presente até hoje em muitas situações.

No Fundamental II, passei a estudar no colégio Nossa Senhora de Lourdes (Faculdade Metropolitana de Fortaleza, atual UNIFAMETRO), onde conheci os meus dois melhores amigos, Thiago e Denyse, que fizeram e fazem parte da minha vida até hoje. Nesse espaço tive aulas com a mesma professora cujo roteiro de aula era previsível. Correr em volta da quadra, exercícios de calistenia<sup>15</sup> e, ao fim, a chamada. Havia a opção de ficar sentado na arquibancada ou jogar Handebol, especificamente esse esporte e não outro, pois sendo a professora ex-atleta dessa modalidade, era esse o único esporte ensinado. Essa prática não me motivava, e o que caracterizava a recuperação escolar era uma semana intensa de atividade física e, obrigatoriamente, teríamos que correr ao redor da quadra durante trinta minutos. A Educação Física, assim, tornava-se uma punição, parecia um treinamento militar.

---

<sup>14</sup> Carimba, também conhecido por Queimada, jogo de movimentação em quadra ou em espaços abertos em que o jogador arremessa a bola para acertar pessoa do time adversário. Quem for “queimado” pela bola sai da brincadeira. O Carimba é muito praticado como jogo cooperativo nas escolas e, em geral mas não necessariamente, costuma ser jogado pelas meninas. Na Educação Física tradicional, consolidou-se essa suposta divisão em que meninos gostam de Futebol e meninas de Carimba, levando a estereótipos e mesmo a segregações do espaço físico escolar, como no relato acima.

<sup>15</sup> A Calistenia é o treinamento com o próprio peso corporal, privilegiando os movimentos básicos, didáticos e fisiológicos. Surgiu nos Estados Unidos no século XIX baseado na ginástica sueca e alemã.

Nessa época ainda havia espaços de aprendizagem que carregavam sinais do competitivismo escolar, resistentes às novas pesquisas e experiências do currículo cultural na Educação Física; alheios ao alcance da reformulação dos PCNs, que, em 1997, propunham a relação das questões sociais com a Educação Física, sem perder de vista o lugar do cidadão na esfera da cultura corporal. Eu era uma menina quando o Coletivo de Autores publicava em 1992 o livro que seria referência naqueles anos seguintes e também hoje, “Metodologia do Ensino de Educação Física”, e penso como poderia ter sido diferente minha vivência juvenil nessa área se a escola estivesse mais aberta a essas reflexões.

O desencantamento com a Educação Física na escola, no entanto, não impediu minha paixão pelo movimento, pelo sentir corporal como sujeito pensante e sensível. Fiz natação e ginástica na Academia Flash, uma academia só para mulheres que possuía poucos aparelhos de musculação, pois o foco eram os tipos de ginástica.

## O período das decisões

Durante a adolescência os questionamentos próprios da idade eram potencializados por toda uma conjuntura, que no final da década de noventa se caracterizava por crises e expectativas. Mesmo sem um envolvimento pessoal direto na política, sentia que a cultura estava em transformação e as questões sociais tocavam nosso cotidiano escolar e minha formação. Na pauta nacional havia a reeleição presidencial e as privatizações seguiam sob protestos; os telefones celulares e a internet ganhavam mais importância e alimentavam a utopia tecnológica, convergindo com um mundo de imagens midiáticas, sobretudo a exposição do corpo no mundo *fitness* e nos esportes de alto rendimento.

Ao chegar no 3º ano do segundo grau, equivalente ao 3º ano do

Ensino Médio, e logo em seguida ao vestibular, tinha muitas dúvidas sobre que profissão escolher e que rumo dar para a vida. Apesar do desencantamento com os exercícios vivenciados na escola, compreendi que as atividades corporais iam além daquela experiência, e percebi que queria ser professora de Educação Física. E, assim, passei no vestibular da UECE.

Meu estágio supervisionado foi no SESC. Foi um período de conhecimentos significativos em minha vida acadêmica e pessoal, proporcionando-me uma maior interação entre saberes, conceitos e experiências.

Entre os anos de 2007-2009 fiz minha especialização em Treinamento Desportivo, na FANOR, e no mesmo ano fui aprovada para trabalhar no projeto Academia na Comunidade no CSU do Pirambu, bairro da periferia de Fortaleza. Minhas alunas eram jovens e senhoras, mulheres com histórias de vida diversas, histórias de sofrimento, de lutas, de idas e vindas, uma parte delas sobreviventes de uma realidade de injustiças. Foi uma experiência de crescimento pessoal na minha vida. Aprendi mais do que ensinei. Evoluí como ser humano e vi a importância da alteridade e empatia no trabalho pedagógico, e o quanto as práticas corporais têm de influência na constituição do sujeito. Ao revisitar essa época da minha vida, fica mais clara a lembrança de Paulo Freire (2002): “Educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.”

## **A formação acadêmica**

O início da minha formação acadêmica trouxe uma nova realidade de amigos e diferentes tipos de professores. A figura marcante desse período foi o professor Neídes Nobre, um senhor de aproximadamente sessenta anos, estimulado e entusiasmado. Participar de suas aulas era uma experiência motivadora. Participei de corridas de rua,

dos jogos universitários como atleta, eventos relacionados ao esporte, congressos como o do Congresso Nacional de Atividade Física e Fisioterapia – CONAFF, e fiz cursos na área de recreação, de ginástica, além de oficinas de dança.

Essa formação profissional rica, com vivências da turma e o exemplo do Prof. Neídes, foi marcada por um currículo tradicional acadêmico, mas também por um sentido de corporeidade que, observando em retrospectiva, sei que estava latente no encanto que a graduação em Educação Física me proporcionou, levando-me depois a aguçar o olhar crítico e cultural necessários a novas percepções.

## **O desafio da escola**

A atuação na Educação Física escolar se deu primeiramente na EMEIF (Escola Municipal de Ensino e Instituto Fundamental) Roseli Mesquita na qual trabalhei por dois meses. Logo depois, fui lotada na EMEIF Jader de Figueiredo Correia onde atuei por quase um ano e lá realizei minha primeira atividade de jogos interclasse. Organizei um evento de abertura envolvendo hip hop, ginástica rítmica e cultura circense. O evento tinha como foco a inclusão por meio da cultura corporal de movimento, valorizando o que as crianças já conheciam, no caso o hip hop, e apresentei novos elementos corporais.

Em 2009, ocorreu o concurso para professor efetivo de Fortaleza, foi quando passei a compor o quadro de servidores. Fui lotada na EMEIF Aldeídes Régis e lá desenvolvi vários projetos, dentre eles: danças folclóricas, ginástica rítmica, dramatizações, jogos interclasses entre outros, sempre envolvendo a interdisciplinaridade nas minhas aulas, em especial, Artes, pois acredito que esta disciplina dialoga de forma efetiva com o ensino da Educação Física, pelas múltiplas possibilidades de linguagens.

Em 2015, quando a nova administração municipal tomou posse, houve uma determinação por parte do secretário de Educação da Prefeitura de Fortaleza que obrigou todos os professores de Educação Física que atuavam no Fundamental I a redirecionar a lotação para o Fundamental II. Assim, fui lotada em outra escola, a EMEIF Antônio Correia Lima, meu atual local de trabalho. Quando cheguei à escola não havia material esportivo e a mesma estava sucateada. Ao entrar nesta escola, tive contato com alunos de mais idade e com um grupo de professores numeroso e mais politizado. Rapidamente me engajei no coletivo e passei a contribuir com as atividades que uniam o grupo.

Importante destacar que o episódio da mudança na lotação fazia parte de um contexto mais amplo que envolvia a Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE no. 7/2010 a qual permitia a atuação de professores pedagogos em atividades corporais no Fundamental I. Na prática, professores polivalentes assumiriam a disciplina de Educação Física nessas séries sem ter habilitação para tal, o que gerou inúmeros protestos, não contra os pedagogos, mas em oposição à decisão do CNE que demonstrava uma visão unilateral em questões como corporeidade na infância, habilitação profissional e condições do trabalho docente.

Ademais, os próprios pedagogos concordavam que a disciplina de Educação Física deveria ser ministrada pelo docente formado na área, conforme observações empíricas em nosso cotidiano escolar e estudo que aponta a qualificação específica como importante para o melhor aproveitamento por parte dos educandos (FERREIRA; TORRES, 2013). Converte com essa informação o fato de haver carência de disciplinas relativas ao corpo em movimento no currículo do curso de Pedagogia nas duas universidades públicas em Fortaleza, UFC e UECE (MOTA, 2015). Em vista dessa realidade, nossa posição foi e é

a favor do trabalho docente em Educação Física em todas as séries, inclusive nesse recorte etário caracterizado pelo Fundamental I.

Junto aos colegas professores nessa escola, passei a me envolver nos movimentos de greve e a lutar por meus direitos e dos alunos. Desde então esse tem sido um período de reflexões em meio aos conflitos e as contradições do nosso ofício; de pensar a complexidade de ser professora e as mediações sociais e políticas inerentes à nossa prática. Essa inserção na atividade política no âmbito do magistério contribuiu para que eu começasse a pensar na relação trabalho-educação de maneira mais próxima. Mesmo os questionamentos que fazemos em nossa escola, sobre currículo, organização, política pública, cotidiano escolar, me levam a pensar sobre os mecanismos que estão por trás das engrenagens da nossa sociedade e mais diretamente da instituição escolar.

## **Perspectivas relacionadas ao PROFEPT**

Em 2018, tive a oportunidade de realizar a seleção do mestrado pela primeira vez e ser agraciada com a conquista de uma vaga. Lembro-me de que estudei intensamente e de forma organizada, estruturada e dedicada. Esta experiência possibilitou-me confrontar novos saberes e alargar o eixo formativo por um período de tempo que foi essencial nessa inserção temática, me conduzindo por assuntos e autores que não só ampliaram meu conhecimento, mas trouxeram reflexões incisivas e questões pertinentes, fundamentais para minha formação.

O caminho das leituras, das antigas indagações e dos novos questionamentos me leva a pensar sobre diversos assuntos relacionados à Educação Profissional e Tecnológica – EPT, sendo, contudo, de força maior, a intenção de trazer para o centro da reflexão sobre educação profissional a dimensão da corporeidade e o sentido de consciência corporal subjacentes às práticas pedagógicas desse campo técnico-

co. Também me instiga a desenvolver o tema, o fato de o corpo ocupar um lugar ambíguo na sociedade, seja como objeto de culto e mercado, seja como alvo do disciplinamento e repressão.

Para esse estudo, pretendo destacar o Curso Técnico de Estética no contexto do Ensino Médio Integrado em uma Escola Estadual de Educação Profissional, tendo como base a disciplina de Educação Física, a partir da qual se realizam diálogos e ações interdisciplinares com os temas relacionados ao corpo, presentes na grade curricular do curso analisado.

Ao situar a corporeidade como objeto de estudo em articulação a conteúdos específicos da educação profissional, entende-se o caráter de intervenção pedagógica que essa relação possui. Nesse sentido, promover a centralidade da dimensão corporal nessa aproximação traz várias questões para serem analisadas, entre elas a problematização da metodologia do curso e dos conteúdos envolvidos; a especificidade da Educação Física no trato do discurso científico que permeia a realidade pesquisada, considerando as ambiguidades natureza-cultura presentes nos estudos sobre o corpo; as lacunas na formação humana e integral dos cursos técnicos; e as particularidades inerentes à atividade pedagógica na educação profissional e tecnológica.

Debruçar-se sobre essas e outras questões levará a embates teóricos e conceituais, especialmente sobre a dimensão da corporeidade em contraste com o conhecimento físico-anatômico do corpo, ou sobre as bases da politécnica. Contudo, se faz necessário, seja no campo epistemológico ou na prática pedagógica, imprimir a marca do saber orgânico próprio da Educação Física, não *absolutizando* o discurso sobre o corpo, mas também concebê-lo como lugar formador de valores, significados, comportamentos e relações que está no centro do processo de aprendizagem.

Dentro dessa chave de compreensão que é a corporeidade, onde se realiza o evento do sujeito histórico, político e social; do corpo fenomenológico, podemos então pensar a questão do ensino integrado em articulação aos princípios da escola unitária, que preconiza a superação do dualismo histórico entre ensino propedêutico e ensino profissional. Ora, foram os estudos alimentados pela crítica às concepções de corpo-máquina e aos reducionismos do movimento mecânico do corpo que levaram a várias redefinições na Educação Física, tendo no conceito de corporeidade um dos pontos essenciais desses estudos. Esse repensar da teoria-prática a partir da corporeidade parece possuir a pertinência necessária diante da problematização da educação profissional. Não deveria esse projeto de escola estar comprometido com práticas pedagógicas coerentes com seus princípios e finalidades? Como pode ser possível prescindir da corporeidade nos processos de aprendizagem, compartilhamento de saberes ou nas concepções do currículo integrado? Que tipo de intervenção pedagógica seria possível desenvolver? São perguntas que dirijo a mim mesma ao me inserir no vasto campo da Educação Profissional e Tecnológica, movida pela vontade de pesquisa e de pensar esse encontro entre corporeidade e unilateralidade.

Ponderar sobre esses temas e fazer aqui uma tentativa de organização das ideias, me leva também a pensar sobre que tipo de Produto Educacional seria viável nessa investigação. Acredito que a elaboração de uma Oficina Pedagógica esteja de acordo com as análises previstas, de forma que a dimensão da corporeidade possa dar significado a um determinado conjunto de saberes, no contexto da interdisciplinaridade, integrando conteúdo da Educação Física ao Curso Técnico de Estética. Tendo em vista a aplicação pedagógica das oficinas planejadas, a criação de um roteiro ou e-book de apoio didático também é previsto.

## Conclusão

Nessas breves reflexões procurei explicar aquilo que pretendo constituir como temática e objeto de pesquisa, sem, contudo, me aprofundar ou predeterminar, mas apenas supor caminhos possíveis de trabalho. Ainda com relação a essas inquietações, creio que posso, também a título de esboço inicial, elencar alguns autores que podem fazer parte do referencial teórico. Mauro Betti (2002), Valter Bracht (2005), Wey Moreira (1991) e Terezinha Petrúcia da Nóbrega (2010) falam sobre e especificidade da Educação Física e a corporeidade; Francisco Ortega (2001) elabora uma crítica pertinente sobre a fragmentação do corpo na biomedicina que interessa à temática; Derval Saviani (2007) e Gaudêncio Frigotto (2006) versam sobre a relação educação e trabalho; e Maurice Merleau-Ponty (1999) é referência na fenomenologia do corpo.

Não é sem propósito que considero a temática do corpo tão atual. A leitura atenta desses e de outros autores que pensam a corporeidade me leva a caminhos teóricos significativos e a fecundas reflexões da prática educativa. Mas também a corporeidade me faz pensar que no atual contexto sócio-político, uma nova investida sobre o corpo tenta controlá-lo, como em outras épocas, interferindo na escola, a exemplo da reforma do ensino médio que tentou excluir Educação Física e Artes do currículo, ou do simbolismo de reduzir o papel do professor de Educação Física nas séries iniciais. As relações advindas dessas questões podem ser repensadas para contextualizar o corpo e o papel do docente nessa área hoje.

No retrospecto do relato que produz as reflexões aqui esboçadas, resta a certeza que nada se perde quando se recorda a história para construir o novo. E lembrar o ontem ajuda a tomar posição no hoje, por isso é importante valorizar palavra e ação, pois a vida sem discurso

e sem ação está literalmente morta para o mundo, deixa de ser uma vida humana, uma vez que abdica da história e do agir na “teia de relações” (ARENDDT, 2007, p. 189).

Elaborei nesse memorial uma trajetória de formação escolar, acadêmica e profissional, cujo exercício de escrita se deu numa reflexão pessoal às portas de uma nova etapa e de um novo desafio de vida: o mestrado profissional. Considero determinante para mim esse momento e esse ingresso. Projeta em minha mente não somente a realização pessoal e profissional, mas as guerras que terei de travar e os obstáculos que terei de vencer. Esse, como todo memorial, é um texto pessoal. A revisão que ele evoca e o futuro que ele indica já me lançam no agora dos oceanos incertos para me impulsionar à construção do barco que vai.

## Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BETTI, M. *Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas*. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-82, 2002.

BRACHT, V. *Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?* In: SOUZA JÚNIOR, M. *Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica*. Recife: EDUPE, 2005, p. 97-106.

COSTA, Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão. *A educação física e a “virada culturalista” do campo: um olhar a partir de Mauro Betti e Valter Bracht*. *Revista Corpoconsciência*, vol. 22, no. 1, 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/Issue/view/409/showTo>> Acesso em 15 de ago. 2018.

FERREIRA, Heraldo Simões; TORRES, Aline Lima. *Educação Física na educação infantil e no ensino fundamental na percepção de pedagogos: um estudo de caso*. Revista FSA. Vol. 1º, n.4. 2013. Disponível em: <<http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/download/318/129>> Acesso em 12 de ago. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, W. W. *Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2010.

MABELLE MAIA MOTA, Mabelle Maia. *Educação Física na Escola: condições de atuação docente na rede pública municipal de Fortaleza*. Dissertação (Dissertação em Educação). UECE. Fortaleza, 2015.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Revista Brasileira de Educação, v. 12 no. 34, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em 02 de ago. 2018.



# Memórias de uma vida: retratos de um cotidiano pessoal, educacional e profissional.

*Temilson Costa*<sup>16</sup>

## Introdução

Compreender a importância que existe na elaboração de um memorial, torna-se, para o estudante, a possibilidade de referenciar retratos de uma vida baseada naquilo que existe de melhor para cada um, principalmente quando aborda lembranças sobre o que ficou na memória relacionado à vida familiar, educacional, pessoal e profissional.

Este memorial possui como parâmetro a identificação das diversas fases pelas quais passa o autor. Esta narrativa pessoal assume diversas conotações e conceitos e, como afirma Severino (2001, p.175):

O Memorial constitui, pois, uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido.

---

<sup>16</sup> Professor EBTT IFCE Baturité. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) IFCE Fortaleza. Turismólogo com Especialização em Gestão Estratégica e Educação Ambiental. [costatemilson@gmail.com](mailto:costatemilson@gmail.com).

Nesse contexto, consigo hoje fazer uma avaliação do meu passado e identificar que “tudo se transforma”: o mundo, as pessoas e tudo mais que está a nossa volta, passando todos por uma série de acontecimentos que, por menores que sejam, geram mudanças em seus cotidianos.

Portanto, apresento neste memorial um breve relato de minha vida. Temilson Costa, um dos quatro filhos de Tercino e Socorro. Nele comento sobre as influências familiares, pessoais e profissionais. Minha vivência educacional, desde o jardim de infância até a pós-graduação, momento atual, representado pelo Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, no qual estudo desde agosto de 2018 e enfrento o desafio de escrever uma dissertação e desenvolver um produto educacional.

## **Base familiar e vivência educacional**

A família é um fenômeno social presente em todas as sociedades e um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, é considerado o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar. Nesse sentido, meu primeiro lar foi composto por seis pessoas, meu pai, minha mãe e quatro filhos, sendo duas mulheres e dois homens.

A vida da nossa família foi marcada pelas diversas transferências devido ao trabalho do meu pai. Isso motivou, desde o final da década de 1960 até o final da década de 1970, influências na vida escolar dos filhos, levando-os a estudar nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Pernambuco e Piauí.

A minha vida escolar teve início em meados de 1960, no “Jardim de Infância”, na cidade de Caicó – RN. Neste período o regime militar caracterizou-se pela falta de democracia, desaparecimento de

direitos constitucionais, censura e perseguição política, e repressão aos que eram opositores ao regime.

É válido afirmar que neste período a educação era considerada um instrumento de mobilidade social, pois além das funções de formação, tinha como parâmetro "status social". Representava, para o indivíduo, a possibilidade de ascensão na hierarquia de prestígio que caracterizava a estrutura piramidal da sociedade e, para a sociedade, uma abertura do sistema de estratificação social.

Contextualizando a educação com a nossa experiência de vida, os meus pais não tiveram formação além do ensino ginasial<sup>17</sup>, porém lembro que desde criança nos incentivaram a entender que a educação possibilitaria a maior referência daquilo que um filho poderia ter de uma formação para a vida.

A realidade vivenciada pelos meus pais não possibilitou aos mesmos acesso à educação, porém, suas visões de mundo possibilitaram e favoreceram enfrentar as adversidades da vida com o seu saber comum, o que torna claro entender que esses saberes são complementados com o meu saber científico e vice-versa, ou seja, a experiência familiar me possibilitou um crescimento pessoal e intelectual a partir da vivência em um ambiente agradável, de harmonia, de união e de muito amor que nos permite entender o pensamento de FREIRE (1992, p.11), quando afirma que: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”.

O trabalho do meu pai e a rotina de transferências permitiram que a família entendesse desde cedo, que nada acontecia “por acaso”

---

<sup>17</sup> O ensino Ginásial é fundamentado no DECRETO-LEI Nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que dispunha sobre a Lei Orgânica do Ensino Secundário, hoje o Ensino Fundamental II.

em nossas vidas, mas sim, como forma de buscar, constantemente, melhorias para todos. Essas transferências também marcaram a vida escolar dos filhos e existiram fatos que marcaram suas vidas educacionais, como exemplo, estudar francês em um estado e no mesmo ano ter que se adaptar com o estudo do inglês em outro.

No final do ano de 1976, aconteceu algo que modificou a vida da família, pois a filha mais velha observou dificuldades no ensino do 2º grau<sup>18</sup> em Picos PI, ocasionando aos pais enviar os filhos mais velhos para realizar essa formação em Caicó- RN, o que trouxe dificuldades na renda familiar, porém objetivou melhores condições em suas formações educacionais.

Essas mudanças e adaptações ocorreram na vida escolar da família em todo processo educacional, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, quando no final do ano de 1978, a família mudou para Natal – capital do Rio Grande do Norte, o que proporcionou grandes perspectivas de melhorias, pois a filha mais velha ingressava na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e eu, Temilson, concluía o antigo segundo grau na Escola Estadual Winston Churchill.

Vale salientar que os ensinamentos adquiridos desde a fase de criança e juventude são a referência que nos orienta para sermos os adultos que somos hoje, e mesmo os nossos pais com idades avançadas e vidas debilitadas, ainda continuam sendo parâmetro para cada um dos filhos, pois os acompanha de perto, orientando para enfrentar os desafios que surgem diariamente em suas vidas pessoais.

Fazendo uma análise da minha vida pessoal, profissional e intelectual, existem fatos que ainda hoje servem de referência em meu dia

---

<sup>18</sup> O conceito de ensino médio foi criado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, em substituição ao antigo Segundo Grau.

a dia, ou seja, a exigência de que devemos nos dedicar àquilo que realizamos, lembrando que o meu pai sempre nos dizia: “faça sempre o melhor que puder”, assim, diante dessa motivação, contextualizo o pensamento de Wallon apud Almeida (1999, p.51) que destaca:

A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Os conselhos e os exemplos dados por meus pais são sempre colocados em prática, principalmente a partir de 1993, quando reencontro, depois de 12 anos sem nenhum contato, uma ex-namorada de juventude, ela viúva com dois filhos, e eu já formado buscando novos desafios. Nesse recomeço assumimos o compromisso de auxílio mútuo, e conseguimos nessa nova história, além de formar duas crianças, pois no início do namoro, a filha mais velha tinha nove anos e o mais novo sete, termos uma filha depois de 10 anos de relacionamento, concretizando a continuidade da base familiar, tendo a educação como base da formação pessoal.

Assim, em poucas palavras, sintetizamos a nossa vida escolar, pautada na importância da educação, como forma de transformar a vida da família, servindo como princípio para dar continuidade na criação dos nossos filhos, buscando sempre o bem comum, ocasionando melhorias na qualidade de vida de todos.

## **Experiências profissionais e desafios pessoais**

Como não passei no primeiro vestibular<sup>19</sup> realizado em 1980,

---

<sup>19</sup> Avaliação utilizada como processo seletivo para ingresso no ensino superior, modificado pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 1998.

inicie a minha vida profissional nesse mesmo ano, com 18 anos de idade. A minha primeira experiência foi como caixa de supermercado, porém não me adaptando nesta área, em julho do mesmo ano consegui ingressar como contínuo em um banco privado, sendo promovido “escriturário” após o período de três meses de experiência.

O início da vida profissional de qualquer indivíduo representa a perspectiva de se colocar em prática as experiências pessoais adquiridas nos momentos de formação da personalidade nas fases de infância, adolescência e juventude. Retrataremos a partir desse tópico as experiências vividas profissionalmente, que ocasionaram grandes mudanças pessoais evidenciadas por novos desafios.

Tudo ia bem como bancário até que em janeiro de 1985, após um acidente de moto, passei uma das fases mais desafiadoras da minha vida, pois, no acidente, tive lesão do plexo braquial, o que me deixou deficiente do braço direito. Neste sentido, como era destro, tive que me adaptar, e, recomeçar a minha vida aos 23 anos, fazendo tudo com o braço esquerdo e lutando para conseguir nova inserção no mercado de trabalho, pois mesmo com toda dedicação na fisioterapia, não consegui recuperar a movimentação do braço direito.

Após um ano e meio do acidente, fui convidado pelo gerente para retornar ao banco, me adaptando a uma nova rotina de trabalho atuando seis horas, para poder continuar na fisioterapia. Porém, após um ano do retorno ao trabalho, ocorreram mudanças na gestão do banco, e para não ser demitido, entrei de licença e, a partir de então, dediquei minha vida, além da fisioterapia, a realizar cursos profissionalizantes no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) – RN, quando em setembro 1988 consegui concluir o curso Técnico em Guia de Turismo.

É importante afirmar que as adequações e superação das adversidades surgem em nossa vida como ações desafiadoras, e, com o pas-

sar do tempo, fui me adaptando, buscando sempre superar o medo do novo e sentindo-me capaz de assumir novos desafios e conhecimentos, melhorando cada vez mais a minha forma de ver o mundo. Diante desse contexto me reporto à citação de Vigotski Apud Campos (1989 p. 124), quando diz que:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo o outro, aquele. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta.

Essa foi a grande oportunidade que tive para demonstrar a mim e a sociedade que, mesmo deficiente, poderia voltar ao mundo do trabalho. O curso de Guia de Turismo foi o grande motivador para que eu tentasse dar continuidade aos estudos. Em 1990, ingressei na Faculdade de Turismo – Universidade Potiguar (UNP) e esse novo desafio me possibilitou aliar teoria e prática, pois a minha vivência de Guia de Turismo era fundamentada na base teórica do curso de turismo, e, a partir dos conceitos e conhecimentos adquiridos nesta área, depois de formado, tive a oportunidade de retornar ao SENAC em 1996, como docente.

No ano de 2000, outro desafio surgiu em minha vida profissional, pois fui aprovado na seleção para professor substituto no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RN). Essa experiência me proporcionou tentar ampliar os meus conhecimentos, pois verifiquei a necessidade e a importância de entrar em programas de pós-graduação. Não consegui entrar como aluno efetivo, porém consegui vaga de aluno especial nos mestrados em Educação, Geografia e Turismo, o que me possibilitou compreender a necessidade em dar continuidade aos estudos.

Do período de 1996 até o início de 2005 tive várias experiências em sala de aula, a partir da ampliação dos conhecimentos, através da realização de cursos em várias áreas de formações: Qualidade no Atendimento, Gestão da Qualidade, Formação Docente e Formação para Condutores de Veículos Automotivos, atuando no SENAC, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte – SENAT e Faculdade Câmara Cascudo. Porém, a experiência do CEFET RN me possibilitou, no final de 2003, ser selecionado para coordenar a área de Turismo e Hospitalidade no SENAC RN.

Essa experiência de coordenador de área me proporcionou novas visões no aspecto profissional. Porém, foi em 2007, quando recebi uma ligação de uma ex-aluna do CEFET RN, informando que havia passado na seleção de Doutorado na Universidade de São Paulo (USP), que percebi o quanto estava defasado nos estudos, pois mesmo tendo concluído a Faculdade de Turismo em 1992, não possuía nenhuma pós-graduação, pois os mestrados iniciados não foram efetivados.

Consegui concluir em 2008 minha primeira Especialização em Gestão Ambiental (Senac/EAD PB), e em 2012, junto com vários gestores do SENAC- RN, concluímos a Especialização em Gestão Estratégica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em 2014, consegui cursar como aluno especial a disciplina “Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico – Mestrado em Turismo – PPGTUR UFRN”, e em 2015, também como aluno especial, a disciplina “Formação Docente para a Educação Profissional – Mestrado em Educação Profissional – PPGEP do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)”.

Tive também outra experiência docente a partir de 2012,

quando fui selecionado para atuar como professor/tutor no Curso Técnico em Guia de Turismo Regional IFRN/EAD, porém foi em junho de 2014, que recebi uma das notícias que vinha mudar a minha vida, pois fui aprovado no processo seletivo para Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) IFRN, na vaga de Portador de Necessidades Especiais (PNE), o que ocasionou em junho de 2016 ser convocado para assumir a vaga de professor EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus de Baturité, tornando-se concreta a realização de um dos maiores sonhos da minha vida.

Diante desse breve histórico e dentre as várias experiências vividas, desde o início da minha vida escolar até o ano de 2018, passar no processo seletivo e estar cursando o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – (PROFEPT) IFCE- Fortaleza, trata-se da realização de outro grande sonho que buscava para a minha vida pessoal, traduzindo em realização profissional.

O mestrado me direcionará a pesquisar a “Relação Teoria e Prática no Processo Ensino e Aprendizagem”, ou seja, analisar as experiências das visitas técnicas, aulas de campo e os projetos de extensão, realizadas no curso Tecnologia em Hotelaria do IFCE – Campus Baturité, verificando as perspectivas de que a prática fundamenta-se com a teoria e a teoria é a base que sempre fundamentará a prática.

Nesse contexto, “a prática” é à concretização da teoria e, vale salientar, que não existe teoria sem prática, conseqüentemente, não existe prática sem teoria. Essas circunstâncias são observadas nas ciências, em que as teorias surgem de observações, de repetições de experiências ou de problemas práticos. Ansarah (2002, p. 53) aborda:

É importante ter sempre a consciência de que os estudos teóricos são formadores e necessários, mas o fator determi-

nante do êxito deles está no balanço equilibrado entre a teoria e a prática. Algumas instituições ainda dificultam a inclusão de experiências práticas em seu programa, sem se darem conta de que esta vivência também é uma forma de aprendizado.

A partir da minha pesquisa, pretendo elaborar como “Produto Educacional” um material que orientará os docentes do IFCE- Campus Baturité, sobre os melhores caminhos para planejar suas aulas de campo, visitas técnicas e projetos de extensão, proporcionando aos alunos novas perspectivas para ampliação dos seus estudos e complementar aquilo que aprenderam na teoria em sala de aula, articulando um trabalho de pesquisa através de visões dicotômicas e de unidade do saber e do entendimento profissional, a partir da compreensão sobre a percepção de que há uma prevalência de que prática fundamenta a teoria e vice-versa diante da formação técnica profissional.

## Conclusão

Analisando os aspectos aqui apresentados, e entendendo a educação como instrumento que permite mudanças na vida das pessoas, espero com esse trabalho refletir sobre o processo de formação educacional, contribuindo na construção de novos saberes, servindo de base para que prevaleçam ambientes interativos, onde cada sujeito estabeleça relações que proporcionem a busca constante de novos conhecimentos e que a educação torne-se o meio pelo qual a pessoa poderá reescrever a sua própria história.

## Referências

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção e o professor*: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 13, n.º 2, p. 239-249, mai/ago, 1997.

ANSARAH, M. G. R. *Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro nas instituições educacionais no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2002.

BRASIL, *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Decreto-Lei Nº 4.244, de 09 de abril de 1942.

BRASIL, *Lei de Diretrizes e B*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



# Objetivos, desafios e escolhas: relatos de uma mulher

*Michele Gomes de Queiroz<sup>20</sup>*

## **Introdução**

Com satisfação, proponho-me a socializar, na forma deste memorial, algumas fases pontuais de minha vida nos âmbitos das relações pessoais, profissionais e acadêmicas. Fases estas que me transformaram no que sou hoje, uma mulher: mãe, docente e estudante.

A sexta de oito filhos, eu, Michele Gomes de Queiroz, nasci em 25 de março de 1987, na cidade de Horizonte – CE e, como minha mãe era a própria parteira da cidade, nasci em casa mesmo.

Ainda pequena, mesmo mais nova que os irmãos homens, assumia a responsabilidade de ajudar minha mãe a cuidar dos irmãos e da casa. Quando meu pai foi embora, eu tinha dez anos e isso me magoou profundamente, a partir dali erámos só nós, eu tinha mais do que nunca que ajudar minha mãe. Daí percebo que meu instinto de instruir e liderar mais tarde me levaria à docência. Esta fase da minha vida também me leva à reflexão quanto aos espaços e às funções de gêneros: Por que meus irmãos (homens) não incorporavam esta responsabilidade da casa, mas somente do sustento financeiro?

---

<sup>20</sup> Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT); Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará; Servidora municipal em Fortaleza-Ce; michelequeiroz@hotmail.com.

Para Larguia e Dumoulin (1982), a mulher sofre consequências pelo seu desenvolvimento no trabalho invisível (espaço privado), que é o trabalho doméstico. Neste, a mulher esteve ativa há muitos anos e por isso acarreta, ainda no contexto histórico contemporâneo, uma forte ideologia que a remete a ele.

Eu e meus irmãos estudávamos na mesma escola, uma escola pública próxima de casa, minha mãe sempre cuidadosa com nossa vida escolar: ensinava as tarefas de casa, participava do Conselho de pais e garantia a nossa presença na escola, nos fazia ir à aula até debaixo da toalha da mesa quando era dia de chuva...este carinhoso cuidado nos tornou filhos dedicados à nossa formação futura.

O tempo passou e aos quinze anos, para ter algum tipo de remuneração, eu comecei a ensinar reforço-escolar na varanda de casa. Aos dezessete, quando fui prestar vestibular, não tinha dúvida que me identificava com a docência. Já na primeira tentativa de ingressar numa faculdade, entrei para Universidade Estadual do Ceará para o curso de Pedagogia –noturno- no Campus do Itaperi.

O desdobramento entre múltiplas atividades, o qual nós mulheres temos que desempenhar (cuidar da casa, dos filhos, estudar, trabalhar...) me impulsionou a pesquisar na graduação sobre a atuação da mulher contemporânea nos espaços públicos e privados, delimitando-se ao campo das pedagogas em formação contínua. Concordando com Côrrea (2000, p.125):

A insatisfação das professoras com a jornada de trabalho decorre não apenas da dupla matrícula (dupla jornada de trabalho em uma mesma escola ou em escolas diferentes), mas dos afazeres domésticos que assumem quando chegam do trabalho (uma espécie de terceira jornada de trabalho feminino) ...O magistério era uma profissão feminina, a mulher trabalhando apenas em um turno para, depois,

“cuidar da casa”. E, de repente, se inverteu o papel da mulher na sociedade, ela passou a ter que compor a renda familiar.

Hoje, com trinta e dois anos, sou casada, tenho um filho de três, continuo morando em Horizonte e trabalho em Fortaleza como servidora- pedagoga- efetiva, mas com função temporária de formadora no Distrito VI. Também desenvolvo trabalhos voluntários numa igreja evangélica como liderar vinte jovens, com faixa etária entre treze a vinte e cinco anos, e reger louvores. Esta parte da minha vida é o que impulsiona todo resto.

Embora quase sem tempo disponível devido às múltiplas tarefas, compreendo a importância de investir na minha formação contínua. Por isso, dedico parte do meu tempo na busca constante da qualificação profissional, fazendo cursos à distância e, atualmente, cursando Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE.

## **Processo formativo**

Ingressei na faculdade aos dezoito anos, em 2006. Cursei Licenciatura Plena em Pedagogia no período de quatro anos, me dediquei a pesquisar com mais afinco questões como gênero e a crítica marxista ao Capitalismo contemporâneo. Fiz, então, minha monografia pautada na instrução e profissionalização da mulher no contexto histórico atual, com pesquisa de campo feita em Horizonte com pedagogas.

Ainda não havia concluído o curso quando fui aprovada em 15º lugar no concurso público municipal para pedagogos em Fortaleza, foi necessário, então, colar grau especial. Nesta etapa da minha vida eu tive que fazer uma decisão: seguir estudo acadêmico (recebia muitos

incentivos da Universidade na pessoa de minha orientadora) ou ingressar no mercado de trabalho imediatamente. As necessidades financeiras me fizeram optar por trabalhar, me afastei daquela instituição e não retornei depois da graduação. O que, posteriormente, afligiu-me com tamanho arrependimento. Este processo decisório é natural para nós, oriundos de classe menos abastada, pois temos que decidir, não por uma questão de afinco, mas por uma questão de sobrevivência. Para Moura, Lima Filho e Silva (2012, p.1071) esta necessidade de decidir entre estudo e trabalho é ainda mais cedo entre os jovens brasileiros:

No Brasil, a extrema desigualdade socioeconômica obriga grande parte dos filhos da classe trabalhadora a buscar, bem antes dos 18 anos de idade, a inserção no mundo do trabalho, visando complementar a renda familiar ou até a autossustentação, com baixíssima escolaridade e sem nenhuma qualificação profissional, engordando as fileiras do trabalho simples, mas contribuindo para a valorização do capital.

Então, dediquei todo meu tempo como professora pedagoga na periferia de Fortaleza, no Conjunto Palmeiras, atuando como alfabetizadora no 2º ano do ensino fundamental.

Para aquisição de conhecimentos, bem como para promoção profissional, eu precisava de uma especialização. Assim, cursei Gestão Escolar em nível de Lato-sensu numa instituição particular, aos domingos. Na elaboração da monografia, dei continuidade ao tema pesquisado na graduação, desta vez, por meio da pesquisa bibliográfica e delimitando-me às gestoras escolares. O título de especialista me possibilitou participar e ser aprovada na seleção para o cargo de coordenadora escolar. No período de três anos, coordenei 15 turmas de uma escola localizada no Parque Itamaraty em Fortaleza-CE. Entretanto,

em 2019, assumi função de formadora-docente, almejando alinhar a prática aos estudos desenvolvidos no decorrer do mestrado quanto à pesquisa como princípio educativo.

Com o passar dos anos, senti falta de algo que deixei para trás na minha vida formativa: a pesquisa científica. Para Freire (1996), o próprio ato de ensinar exige do educador a pesquisa, segundo o autor, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Então foi o momento que me dediquei com veemência a ingressar em um mestrado. Foram várias tentativas, focando no estudo sobre gênero e também na formação de professores, ambas temáticas no contexto do capitalismo. Mesmo desenvolvendo múltiplas tarefas (trabalho e bebê para cuidar), estudava muito, lia as bibliografias e elaborava pré-projetos para as seleções, até fui aprovada na Universidade Estadual do Ceará nestas etapas (análise de pré-projeto e avaliação discursiva), mas sem êxito na entrevista. No início de 2017, fui aprovada no curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas ainda na Universidade Estadual, mas não pude cursar, pois meu filho era bebê, ainda mamava e, trabalhando o dia e estudando à noite, eu passaria muito tempo distante dele. Esta foi mais uma decisão árdua na minha vida: desistir deste mestrado.

No entanto, continuei a buscar outras oportunidades e, enfim, fui aprovada no IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará) na seleção de 2018 para o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, com nota máxima na avaliação discursiva obtive a nota mais alta no Brasil neste ano. Neste momento da minha vida, eu me preparava para a segunda gestação, mas com a surpreendente aprovação no mestrado foi necessário mais uma vez fazer escolha e o plano do segundo filho foi, então, adiado.

Neste atual momento, me dedico à pesquisa de nível *stricto sen-*

*su no* Programa de Mestrado do IFCE articulando minhas próprias experiências pessoais e, sobretudo, profissionais.

A docência, como ação de ensinar, sempre esteve presente nas minhas relações de vivência, está na minha identidade como ser social. Para Pimenta (1997), “a identidade é a construção do sujeito historicamente situado, e a profissão de professor emerge pelo contexto e momento histórico da demanda social”. Desta forma, compreendo que a minha identidade pedagógica me fez professora e não o contrário.

Foi a partir desta concepção de educadora e à luz dos fundamentos de Pimenta que, ao ingressar no Mestrado em Educação Profissional, me inquietei a analisar sobre o contexto da ação pedagógica de professores do Ensino Médio Técnico, no que se refere à sua prática docente em relação à pesquisa como princípio educativo.

Pretendo colaborar com o programa do Mestrado, delimitando e pautando-me na pesquisa referente à Educação Profissional e Tecnológica, fazendo com que a investigação, no enlace da prática docente pautada pela pesquisa como princípio educativo, contribua para efeito de análise e discussão e que seja possível desenvolver um produto educacional (ciclos de palestras) que culmine em debate, reflexões e contribuições à ação docente técnica norteada pela pesquisa.

O objetivo consiste em analisar e contribuir para área educacional no que rege a práxis educativa e à construção autônoma e formativa dos educandos. Quanto à natureza do trabalho docente, ainda para Pimenta (1997), esta não deve ser vista apenas como técnicas e habilidades adquiridas, mas na “contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados”. Demo (2000) atribui ao professor seu essencial papel de orientador do questionamento construtivo do aluno ao assumir a pesquisa como instrumento norteador de seu

trabalho pedagógico. Portanto, considero necessário discutir a pesquisa como princípio educativo no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, na práxis educativa do professor, sobretudo, no contexto da educação profissional, como também, contribuir com um produto educacional que possa auxiliar os docentes da educação técnica de nível médio a articularem este princípio educativo em sua prática de ensino. Este é, portanto, meu interesse investigativo.

Enfim, em amplos aspectos de nossas vidas, sejam pessoais, profissionais ou formativos, ter objetivos e fazer escolhas ante os desafios são, sem dúvidas, fatos essenciais e inevitáveis. Por esta ótica, compreendo que o passado me lapidou a chegar aqui e esta conjuntura entre o pessoal e social me definiu como uma mulher realizada hoje, pois o presente é fruto de minhas escolhas e meus objetivos ante os desafios passados, é onde eu fixo minhas disposições e procuro desenvolvê-las com apreço, aproveitando as oportunidades que me surgem. Já o futuro, este está sendo plantado.

## Referências

CORRÊA, Vera. *Globalização e Neoliberalismo: o que isso tem ver com você professor?* Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARGUIA, Isabel.; DUMOULIN, John. *Para uma ciência da libertação da mulher*. São Paulo: Global, 1982.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. *Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, n. 63, p. 1057–1080, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-1057.pdf>.

Acesso em: 10 dez 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de Professores- Saberes da Docência e Identidade do Professor. In: Nuances. Vol. III. Disponível em: (https://edisciplinas.*

*usp.br/pluginfile.php/1287224/mod\_resource/content/1/Pimenta\_Form%20de%20profs%20e%20saberes%20da%20docencia.pdf)*. Acesso em: 27 de ago de 2018.

# Memórias e reflexões: aprendendo com a minha história

*Edilene Rodrigues Araújo<sup>21</sup>*

## Introdução

Este texto busca narrar minha trajetória acadêmica e profissional, como uma estratégia de formação estabelecida entre esses dois níveis, e ligada, também, ao nível pessoal, capaz de proporcionar uma reflexão sobre cada ação vivida em seu contexto histórico. Assim, conto para mim e para outros fragmentos de meu processo formativo. Como afirma Sousa (2008),

[...] As ideias de biografia, trabalho biográfico, biografização e aprendizagem biográfica emergem e enraízam-se no curso da vida, como uma maneira que representamos nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura. Os modelos biográficos e, mais especificamente, os memoriais de formação ou acadêmicos revelam modos discursivos construídos pelos sujeitos em suas dimensões histórico-sociais e culturais numa interface entre memória e discursos de si. Os modelos biográficos assentam-se na inserção individual e coletiva da memória e nas histórias de vida, estando centrados na temporalidade, nos territórios, na individualiza-

---

<sup>21</sup> Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Assistente em Administração no Campus Fortaleza / IFCE. edilene.era@gmail.com.

ção e individualização da existência e do sentido da vida.  
(SOUZA, 2008, p. 122)

Dessa forma, ao rememorar minha trajetória, fui revivendo um pouco de cada acontecimento, mas com a experiência de hoje, portanto, com uma visão bem mais madura e com o sentimento de gratidão durante todo o processo de escrita. Fiquei extremamente feliz por essa oportunidade de me redescobrir e, principalmente, de lembrar minhas origens, que acabou despertando em mim o desejo de reavivar alguns sonhos.

Afinal, com as dificuldades e cansaços diários é natural que deixemos alguns de nossos objetivos adormecerem, por não acreditarmos que somos capazes de ir além. Porém, quando olhamos para nosso passado e vemos tudo o que já superamos, o futuro se torna menos pesado, mais esperançoso, e perdemos um pouco o medo de arriscar, pois sempre tem algo bom esperando por aquele que luta com coragem e determinação.

Assim, início esse texto com o trecho de uma canção que me emociona bastante, pois nasci em um lar bastante musical, por influência do meu pai, e não poderia discorrer sobre minha trajetória acadêmica e profissional sem incluir a música de alguma forma. Segue uma estrofe de uma canção interpretada por Raul Seixas, a qual narra bem o que tem sido minha vida (acredito que todos se identifiquem), sempre com altos e baixos, mas com muita força de vontade e superação.

Queira! Basta ser sincero e desejar profundo. Você será capaz de sacudir o mundo, vai! Tente outra vez! Tente! E não diga que a vitória está perdida, se é de batalhas que se vive a vida. Tente outra vez! (Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta, 1975).

Nasci no Brasil, no primeiro dia do mês de abril de 1986, em um período de muita agitação e incertezas políticas e econômicas. Havíamos, há pouco mais de um ano, deixado de viver o período difícil da Ditadura Militar. No mais alto cargo do Poder Executivo estava José Sarney, que havia assumido por ser vice de Tancredo Neves, candidato eleito de forma indireta, e que não chegou a assumir o cargo, pois veio a falecer pouco antes de tomar posse do posto de Presidente da República.

Segundo Pilagallo (2009), foi um período de muita instabilidade econômica, com o problema da inflação crônica. Tentando reverter essa situação, o governo Sarney lançou o Plano Cruzado, como uma solução que parecia fácil demais. Houve um congelamento de preços e aumento de salários, logo, a inflação despencou e o consumo explodiu. Todavia, a crise de abastecimento e outras questões políticas provocaram o fim do plano econômico e a inflação voltou com mais força.

Foi nesse contexto turbulento que eu nasci na cidade de Fortaleza-CE. Meus pais, que concluíram apenas o antigo ensino primário<sup>22</sup>, e sempre enfrentaram muitas dificuldades financeiras, estavam em uma situação bem complicada pela frágil situação econômica em que o país se encontrava. Entretanto, eles sempre lutaram para oferecer a mim e ao meu irmão as melhores condições nos estudos. Assim, minha vida escolar ocorreu toda em colégio particular, mesmo que de pequeno porte, pois meus pais acreditavam que essa seria a melhor opção.

---

<sup>22</sup> No Brasil, o ensino primário correspondia aos quatro primeiros anos do 1º grau, uma das etapas da educação básica. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96, o ensino de 1º grau foi substituído pelo ensino fundamental, o qual tem a duração de nove anos.

Tive uma infância e adolescência bem tranquilas. Meus pais sempre foram muito presentes e participativos em minha vida escolar, o que foi muito importante para a minha formação. Concluí o ensino médio com 16 anos e, após um ano de cursinho pré-vestibular, fui aprovada para o curso superior de Tecnologia em Hotelaria, no Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET), antiga Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE), na qual meu irmão já havia concluído o curso técnico integrado de Eletrotécnica.

No decorrer do curso de Hotelaria, procurei vivenciar tudo o que o CEFET oferecia aos alunos, e logo me tornei bolsista administrativa. O valor da bolsa era baixo, mas tudo o que vivenciei na Diretoria de Relações Empresariais não poderia ser valorado. Além de desenvolver meu lado profissional, conheci pessoas encantadoras, verdadeiros exemplos de servidores públicos, que me ensinaram muito sobre trabalhar com seriedade, sem perder o companheirismo.

Sem dúvidas, a vivência no curso de Hotelaria foi muito rica. Cresci como ser humano e como profissional, graças à bolsa de trabalho. Entretanto, eu não tinha a ambição de fazer uma carreira na área da hospedagem, pois sonhava em ingressar no serviço público, seguindo os passos do meu irmão e de milhões de brasileiros.

Tratava-se de um momento muito propício para isso, pois estávamos no período do segundo mandato do governo Lula (2003-2011), que tinha no funcionalismo federal uma das suas fortes bases de campanha. Segundo matéria digital do jornal Folha de São Paulo, publicada em 27 de julho de 2018, depois de oito anos de congelamento quase geral de salários no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o Brasil estava promovendo grandes reestruturações de carreira no serviço público, com reajustes salariais e uma maior contratação por meio de concurso público. (SOFIA, 2008).

Assim, para a realização do objetivo de tornar-me servidora pública, intensifiquei meus estudos para dois concursos que surgiram no ano de 2008: o primeiro era para o cargo de Técnico Bancário, da Caixa Econômica Federal; e o segundo para Assistente em Administração, do CEFET.

Para minha alegria e de todos que torciam por mim, e, principalmente, devido ao apoio de amigos e familiares, realizei meu sonho em dose dupla: passei nos dois concursos, ambos em 5º lugar. Para a minha realidade, foram conquistas muito significativas.

Optei por trabalhar no CEFET e, no dia 29 de janeiro de 2009, tomei posse como Assistente em Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, (antigo CEFET), a mesma instituição que havia me recebido tão bem como estudante há exatos cinco anos.

Essa mudança no nome do órgão foi resultado de um crescimento expressivo do número de instituições federais de educação profissional e tecnológica no Brasil durante o governo Lula, o que passou a exigir novas possibilidades de atuação e de propostas político-pedagógicas, que culminou na promulgação da Lei n º 11.892/08, a qual instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. (BRASIL, 2010).

Apenas um detalhe me deixava apreensiva: eu precisaria deixar a família e os amigos da minha cidade natal para seguir com minha carreira no interior do estado do Ceará, pois fui convocada para a cidade de Quixadá-CE. Então, com 22 anos de idade, um pouco insegura, assumi o desafio e iniciei uma nova fase de vida. Afinal, estava realizando um sonho.

Foi nesse período que tive meu primeiro contato com colegas

pedagogos, mas sequer imaginava que um dia teria interesse nessa área. Assim, permaneci no cargo de assistente do diretor geral da instituição até julho de 2010, quando uma moradora de Quixadá-CE foi convocada para assumir o mesmo cargo que eu, mas no *campus* de Fortaleza do IFCE. Logo, essa servidora solicitou uma permuta com algum assistente em administração, que tivesse interesse em trabalhar na capital, e, imediatamente, eu informei ao diretor que desejava fazer a troca com a colega.

Desse modo, voltei para Fortaleza bem mais madura, independente, com a certeza de que nada nessa vida é impossível, pois quando Deus tem um plano para nós, tudo concorre para que ele se cumpra da melhor forma, mesmo que não seja no tempo em que esperamos.

Em relação à minha formação acadêmica, durante o período em que estive em Quixadá-CE, iniciei uma especialização em Administração Pública, em uma instituição da cidade de Fortaleza-CE. O curso ocorria aos sábados, quinzenalmente. Busquei um curso nessa área, pois o conteúdo abordado nas aulas tinha uma relação direta com o trabalho que eu desenvolvia. Assim, tornei-me especialista em Administração Pública no ano de 2011.

No ano seguinte, em 2012, quando eu já estava bem familiarizada com a rotina do meu trabalho na Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação do IFCE, em Fortaleza-CE, resolvi me desafiar novamente nos estudos. Nesse período, eu já tinha o desejo de cursar uma nova graduação, principalmente, pensando em novos concursos públicos, visto que, o curso de Tecnologia em Hotelaria não proporcionava muitas oportunidades para ingresso em cargos de nível superior.

Todavia, resolvi instigar-me um pouco mais e arrisquei-me em uma tentativa de ingresso em um mestrado. Dessa forma, busquei as melhores possibilidades para a realidade de alguém que trabalha 8h

diárias, e optei por tentar o Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, da Universidade Federal do Ceará (UFC), o qual oferecia 10 vagas para servidores do IFCE.

Durante a preparação para a prova, deparei-me com uma área, até então, desconhecida por mim no campo teórico: a educação. De repente, eu estava estudando sobre programas, leis e diversos assuntos relacionados ao Ensino Superior. Era um mundo que eu já vivenciava na prática, por meio do meu trabalho, mas no qual eu nunca havia me debruçado de uma forma tão intensa.

Lamentavelmente, não fui aprovada nesse certame, mas, como nada na nossa vida ocorre por acaso, o fato de eu não ter passado na seleção desse mestrado impulsionou minha decisão em cursar uma nova graduação e, mais do que isso, o tempo em que estudei para a prova serviu para me mostrar em que eu realmente gostaria de me aprofundar. Se antes tinha dúvidas sobre qual curso buscar, agora já tinha certeza, eu queria estudar Pedagogia.

Então, 10 anos após o meu primeiro vestibular, resolvi prestar o Exame Nacional do Ensino Médio para tentar cursar Pedagogia na UFC e, em 2014, fui aprovada e iniciei essa nova graduação. Foi uma experiência muito rica, na qual pude descobrir as diversas possibilidades de atuação do pedagogo, mas sempre tive mais interesse pelas áreas relacionadas à pesquisa, à política educacional e à gestão. As questões que alinham a didática com a realidade social são muito importantes para mim, por isso, autores como Paulo Freire, Libâneo, e Saviani me inspiram bastante.

Sempre busquei viver a universidade da forma mais ativa possível, mesmo com todos os obstáculos que um aluno trabalhador é obrigado a enfrentar diariamente. O ano de 2018 foi ainda mais especial na graduação, pois atuei como bolsista de monitoria na disciplina de

Ensino de Ciências, o que proporcionou a mim um contato mais prático com a docência no ensino superior e, além disso, ao final deste ano, encerrarei mais este ciclo ao receber o tão sonhado diploma.

Iniciei o curso supracitado vislumbrando uma oportunidade de aprender mais sobre o universo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), no qual eu já atuava como técnico-administrativa. Todavia, percebi que não há muito espaço para discussão ou aprofundamento acerca dessa temática na graduação em Pedagogia.

Inclusive, no meu Trabalho de Conclusão de Curso, realizei uma pesquisa com os pedagogos do *campus* Fortaleza/IFCE, e constatei que esses profissionais também sofreram com uma ausência de informações sobre a EPT na sua formação inicial, fato que gerou dificuldades no início das suas atividades profissionais na instituição.

Afinal, conforme o documento intitulado *Um novo modelo em Educação Profissional e Tecnológica: Concepção e diretrizes*, o Instituto Federal “[...] É uma instituição que articula a educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes níveis e modalidades de ensino”. (BRASIL, 2010, p. 18), exigindo um vasto conhecimento dos profissionais que lá atuam.

Por isso, em 2018, resolvi concorrer e fui aprovada para ingresso no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT – IFCE. Trata-se de uma grande oportunidade de aprofundar meus estudos nessa modalidade de educação, na qual atuo há quase 10 anos, especialmente, pelo fato de ser um dos maiores programas de mestrado profissional em rede do país.

Em relação à minha vida profissional no IFCE, além do *campus* Quixadá, e da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação,

trabalhei na Coordenação de Contratos do *campus* Fortaleza, e, em 2018, fui transferida para a área da extensão, mais precisamente, para o Departamento de Relações Empresariais, o mesmo setor no qual fui bolsista na época de estudante do CEFET.

Como foi possível perceber, o ano de 2018 foi repleto de mudanças e realizações em minha vida profissional e acadêmica, o que me faz refletir sobre os ciclos da vida e sobre a importância de estarmos preparados para assumir riscos e para buscarmos meios de superação, mesmo com nossas limitações e frustrações, pois a vida só faz sentido enquanto lutamos para conquistar nossas metas e objetivos.

Assim, concluo minha narrativa com o mesmo sentimento que me acompanhou no decorrer da sua escrita: o de gratidão, especialmente à importância que a educação, de uma forma geral, sempre teve na minha vida, inclusive, me levando a cursar, após 10 anos da primeira graduação, o curso superior de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Ceará.

Por isso, almejo apenas ser uma profissional comprometida social e politicamente, para fazer a diferença na vida de alguém, como diversos trabalhadores da área da educação fizeram na minha. Afinal, a arte de lutar por uma determinada causa é o que deve nos motivar para aproveitarmos, da melhor forma possível, cada folha em branco com a qual o criador nos presenteia diariamente. É como diz o poeta Raul Seixas: “Tenha fé em Deus, tenha fé na vida, tente outra vez!”. E que venham novos sonhos e desafios, sinto-me preparada.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – SETEC. *Um novo modelo em Educação Profissional e Tecnológica: Concepção e diretrizes*, 2010. Dis-

ponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=comdocman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&Itemid=30192>. Acesso em: 05 dez. 2018.

PILAGALLO, Oscar. *A História do Brasil no Século 20: 1980-2000*. São Paulo: Publifolha, 2009.

SOFIA, J. *Sob Lula, servidor tem ganho de até 255%*. *Folha de São Paulo*, 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2707200807.htm>: Acesso em: 05 dez. 2018.

Souza, Elizeu Clementino de. Memoriais autobiográficos, profissionalização docente e identidade: histórias de vida e formação na pós-graduação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente* Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. cap. 5. p. 119-134.

# O autoconhecimento pela escrita: a escrita do memorial enquanto caminho para reflexão

*Rebeca Fernandes Martins*<sup>23</sup>

## **Introdução**

Escrever este memorial se mostrou uma tarefa mais terapêutica e autor reflexiva do que imaginei ao receber a proposta para a atividade em sala de aula. Não questioneei a importância deste instrumento. Enquanto psicóloga, confio no potencial que a escrita tem não apenas de immortalizar nossas memórias, mas também de promover o autoconhecimento e até revelar desejos e emoções até então desconhecidos pelo autor. Corroboro com a ideia de Sampaio (2013), o qual afirma que o processo de retomada da nossa história pela escrita estreita a distância do caminho que temos que percorrer para conhecermos mais sobre nós mesmos.

Busquei expor a teia de acontecimentos cronológicos da minha história de uma maneira natural, tentando lembrar o sentimento que cada recorte desta caminhada provocou em mim. Logo, o aspecto principal deste relato está situado em uma área que contempla grande parte da minha trajetória, sendo responsável pelo meu amadurecimento enquanto ser humano: a caminhada profissional e educacional.

Sou psicóloga por formação desde 2010, pela Universidade Fe-

---

<sup>23</sup> Aluna do Mestrado PROFEPT – Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica IFCE Fortaleza.

deral do Ceará, e atuo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, campus Boa Viagem, desde 2016. Faço parte da equipe multiprofissional da Assistência Estudantil e desenvolvemos programas, projetos e ações que buscam a equidade nos serviços educacionais, a participação ampliada dos discentes e o respeito aos direitos sociais e à diversidade em uma formação integral.

O trabalho e a formação educacional sempre assumiram papéis centrais em minha vida, na busca incessante pela independência e realização. Em consonância com as ideias de Barato (2008, p. 5) “...o trabalho não é só ganha-pão, mas também realização que dá sentido à vida...”, sempre atribuí as minhas escolhas profissionais e educacionais um forte significado social. Porém, seria negligente omitir memórias que influenciaram sensivelmente esta trajetória. Desta forma, é pertinente citar fatos sociais significativos que levaram às escolhas atuais.

Nasci na manhã do dia 14 de junho de 1987, na cidade de Fortaleza, em uma família simples, porém repleta de amor. Como primogênita, fui uma chegada bastante esperada e acabei recebendo grande parte das expectativas daquela casa. A chegada de um irmão caçula, dois anos depois, não modificou o sentimento que carrego até hoje de me sentir responsável por meus pais. Assumindo a ideia defendida por Souza (2015) a entidade familiar é responsável pelos primeiros processos que darão início a modelagem do caráter e potencialidades do sujeito, carrego traços paternos e maternos marcantes. Os valores de ética, moral, cidadania e solidariedade sempre foram centrais em nossa formação familiar. Carreguei estes ensinamentos em minha passagem pelos diversos espaços que ocupei.

## A constituição de si mediada por processos educativos

Minha primeira experiência educacional formal foi no ensino infantil. Fui alfabetizada em uma escola humilde, cujo nome representava o que deveria ser o traço marcante de toda infância leve e alegre: Escola Serelepe.

Logo após a alfabetização, realizei o ensino fundamental e médio no Colégio 7 de setembro, na época uma grande escola particular de Fortaleza. Apesar da dificuldade financeira e da ausência de uma formação universitária paterna ou materna, sempre foi uma prioridade a educação básica de qualidade para mim e para meu irmão.

Durante o ensino fundamental e médio, fortaleci minha identidade enquanto construía vínculos com outros sujeitos e laços com as áreas de conhecimento, que também foram responsáveis pela minha formação intelectual, social e humana. Desde cedo, era possível relacionar minhas preferências pelas áreas do conhecimento ligadas às Ciências Humanas. Optei por iniciar minha formação universitária no curso de Psicologia, buscando conhecer mais sobre o repertório de infinitas possibilidades do comportamento humano e as questões mais complexas que envolvem o mundo interno dos sujeitos.

O contexto político brasileiro na época em que iniciei os estudos acadêmicos trazia inovações em várias direções. Ao mesmo tempo em que elegíamos a primeira mulher presidente do Brasil, Dilma Rousseff, com 56% dos votos válidos, escolhíamos também candidatos carentes de propostas para categorias base de nossa sociedade, como o artista Tiririca, deputado federal mais votado do país.

Ao iniciar a graduação no curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará, me deparei com uma realidade completamente diferente da etapa escolar anterior. Um lugar aberto ao diálogo, reple-

to de espaços vivos nos quais eram possíveis e incentivadas a livre expressão de ideias e ideais individuais e coletivos nas mais diversas faces do comportamento humano individual e em grupos sociais.

Durante a graduação, me permiti conhecer as mais diversas vertentes de uma ciência tão rica e ao mesmo tempo tão misteriosa. Minha passagem pela psicologia foi tão diversificada quanto a minha curiosidade aguçada em conhecer mais sobre o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. Logo em minha entrada, participei de grupos de estudo sobre a Psicanálise freudiana, uma das correntes mais populares entre leigos. A redução do sujeito a um conjunto de impulsos intrínsecos me afastou das teorias psicanalíticas e passei a me dedicar aos estudos de correntes humanistas, cognitivas e comportamentais, sendo estas últimas de grande eficácia para minha atuação na área de educação.

Ainda durante a graduação, atuei em projetos do Instituto do Câncer do Ceará de atendimento domiciliar a pacientes terminais, enfrentando uma das temáticas mais temidas pelo ser humano: a proximidade com a morte. Esta foi a experiência mais marcante, enriquecedora e humana da minha graduação.

Nos últimos anos de universidade, atuei nas áreas de Psicologia do Trabalho e Organizacional, realizei estágios no Sistema S (SEBRAE), na Federação das Indústrias do Estado do Ceará e na clínica universitária.

É pertinente ressaltar que quando iniciamos a caminhada universitária, esta nos parece demasiadamente longa e demorada. Ao seu final, vemos que, na realidade, ela não foi longa o suficiente para suprir as nossas ânsias de nos aprofundar em uma profissão. Aos 17 anos, quando ingressei na universidade, não tinha a maturidade para enxergar a riqueza daquele espaço e, envolvida pela pressa de uma

formação voltada para as demandas do mercado de trabalho, não aproveitei os espaços voltados para a produção acadêmica e as oportunidades de enriquecer minha formação em ensino, pesquisa e extensão.

Baseada em minha experiência, percebo que a pressão exercida em um momento precoce na trajetória dos jovens estudantes resulta em escolhas muitas vezes não genuínas por uma profissão que atenda exclusivamente a manutenção da relação trabalho-capital vigentes. Fui privilegiada pela escolha de uma profissão que preenche meus dias, porém quantos outros fizeram escolhas precoces, as quais se revelaram frustrantes após o início de suas formações ou atuações profissionais?

Finalmente, psicóloga por direito, ingressei em uma empresa pública atuando junto ao seu público mais carente de trabalhadores. Ali foi possível perceber as profundas desigualdades não só econômicas, mas sociais e intelectuais, em um abismo profundo da relação patrão-empregado.

Os trabalhadores na ponta da cadeia produtiva eram vistos como sujeitos sem intelecto ou consciência crítica, passando os mesmos a se enxergarem dessa forma. Esses padrões eram reproduzidos na família, com profissões que passavam de pai para filho e assim por diante, minando as possibilidades de escolha e prendendo os sujeitos a um processo produtivo que os desqualifica. Era possível perceber o processo de mundialização do capital e precarização do trabalho, sobre os quais Antunes e Alves (2004) afirmam que esse trabalhador, ao vender a sua força de trabalho, se vê transformado em um "sujeito-objeto", incapaz de desenvolver suas potencialidades sob o domínio da lógica capitalista.

Naquele espaço, encontrei a oportunidade de demonstrar o olhar humano e sensível às demandas que esse grupo de trabalhadores

tinha tanta urgência em relatar. Atendia diariamente questões relacionadas ao empobrecimento do trabalho, adoecimento do sujeito, exposição a fatores estressores no ambiente organizacional, abuso de álcool e outras drogas, doenças somáticas, entre outros transtornos comuns em grupos de trabalhadores de baixa autonomia e alta subordinação.

Após três anos de atuação nessa área, tomei a decisão de buscar aliar a minha profissão ao ingresso no serviço público. Iniciei os estudos motivada pela busca de uma estabilidade que atendesse a minha necessidade de planejamento e controle do espaço ocupado pela categoria trabalho em minha vida.

Realizei, paralelamente, duas pós-graduações *lato sensu*, ambas nas áreas de Gestão. A última, Gestão de Pessoas, resultou em um artigo apresentado na XXI Semana Universitária da UECE, em 2016.

Ingressei na Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) em 2015, atuando no setor de Gestão de Pessoas, na área de saúde ocupacional. O público consistia prioritariamente em empregados públicos acima de sessenta anos, em se tratando de uma empresa bastante antiga. No ano seguinte, recebi, com bastante entusiasmo, a convocação para assumir a minha primeira experiência na área educacional para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

Após dois anos no IFCE, percebo que trabalhar na Assistência Estudantil tem sido uma grata surpresa. Acompanho, diariamente, o processo de transformação dos alunos e sua trajetória ao longo de suas passagens pelo campus. Sinto o desejo de contribuir com essa formação social, intelectual e emocional de cada um.

Atuar em um campus no interior revelou um lado desconhecido do país e do nosso estado: o da extrema pobreza econômica, social, cultural e intelectual. A ausência de espaços socioculturais e oportunidades educacionais impossibilita a caminhada dos jovens e suas famí-

lias para o autodesenvolvimento, crescimento, quebra de paradigmas e mudança de realidade.

No início de nossas atividades no campus, realizamos um levantamento do "Perfil Socioeconômico dos alunos do IFCE Campus Boa Viagem", com a finalidade de conhecer as características das primeiras turmas e suas demandas coletivas e particulares. Os instrumentais abordaram aspectos familiares, econômicos, sociais, educacionais e laborais dos discentes. Os resultados foram surpreendentes. O trabalho foi apresentado no ano de 2016 na XXI Semana Universitária da UECE.

Atuar na educação amadureceu o meu olhar para o outro. Sempre em equipes multiprofissionais e buscando discutir questões formativas para o sujeito, direitos sociais e cidadania, enquanto meios para a libertação, criamos o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígenas. Realizamos o evento de extensão I Semana da Consciência Negra, no qual foi possível debater questões de discriminação de raça e gênero. Para debater a diversidade de valores, culturas e o racismo e suas bases históricas, o núcleo criou um grupo de estudos realizado mensalmente no campus com discentes e servidores.

Com base na política de Assistência Estudantil do IFCE, em 2017 criamos o projeto "Flores que falam", com o intuito de formar um espaço de diálogo com a participação dos estudantes do IFCE campus Boa Viagem e discutir as temáticas relacionadas à mulher enquanto protagonista da sua história. Buscamos construir reflexões, fazer leituras ampliadas da realidade, construir um ancoramento teórico e dialogar com estudantes e servidores na construção coletiva de ações com o protagonismo feminino e suas especificidades.

Para disseminar protagonismo juvenil, autonomia e responsabilidade, mobilizamos os estudantes na criação das primeiras entidades

estudantis do campus. Em 2017, foram criados o primeiro Centro Acadêmico e o primeiro Grêmio Estudantil do IFCE Campus Boa Viagem com o incentivo de suporte da equipe da Assistência Estudantil.

Apesar das diversas ações desenvolvidas ao longo dos anos, do acompanhamento aos estudantes e suas famílias, da participação na construção coletiva de vários encontros pedagógicos que debateram a importância do ensino, pesquisa e extensão, enxergo nos IF's uma formação que ainda não pode ser chamada de integral, politécnica e unilateral. Seguimos reproduzindo uma educação de base prioritariamente tecnicista viciada em alimentar um sistema de aprendizagem classista favorável à manutenção das relações do capital.

## **Um novo olhar para o futuro: o mestrado profissional em educação profissional e tecnológica**

A entrada para o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica não poderia ter ocorrido em um momento mais oportuno. Sinto-me renovada e motivada a aprender e iniciar uma caminhada que certamente será bastante rica academicamente. A proximidade com a temática abordada, a equipe de professores aberta não apenas para o ensino, mas também para discussões de teorias e práticas e a turma de discentes capacitados e comprometidos em contribuir com o programa me surpreende positivamente a cada encontro.

Entre possibilidades de pesquisa tão amplas, logo me deparei com diversas ideias capazes de formar produtos com aplicabilidade em Educação Profissional e Tecnológica. Pensando em aliar minha formação em psicologia, a experiência profissional com o adoecimento do trabalhador e meu campo de trabalho, optei, inicialmente por trabalhar a saúde.

Tendo em vista a amplitude do espectro saúde mental, assistindo as defesas de qualificações de colegas da turma anterior, foi possível vislumbrar de forma concreta a possibilidade de trabalhar com um tema constantemente mencionado em nosso campus e no restante da rede federal: qualidade de vida e o adoecimento do servidor.

Ao me deparar com a realidade dos servidores da rede, me surpreendeu bastante o alto número de servidores afastados por doenças mentais incapacitantes ou em processo de adoecimento. Tendo em vista a existência de um Programa Institucional de Qualidade de Vida no IFCE desde 2016, por qual(is) motivo(s) os projetos, as ações e as atividades de prevenção e promoção da saúde no âmbito individual e coletivo não possuem ampla divulgação ou são realizados de maneira tão pontual por poucos campi?

Pensando em um produto educacional que possa impactar o espaço em que trabalhamos, deve ser pensada a construção de um plano que atue no bem-estar e qualidade de vida daqueles que estão à frente da formação profissional e tecnológica do IFCE: os servidores, sem qualquer diferenciação entre técnicos administrativos e docentes. Abordando o Programa de Qualidade de Vida do IFCE, investigando sua aplicabilidade em seus dois anos de existência, as ações implantadas nos campi e sua abrangência, será possível perceber a capilaridade das propostas do programa e seu impacto.

## **Conclusão**

Finalmente, olhar para minha história, refletir sobre ela e colocá-la no papel me deixou com o sentimento de que talvez mais da metade dos meus anos de vida já passaram e que muito foi realizado com o que me foi dado. Porém, uma certeza aparece de uma maneira tão clara que é impossível negar a sua existência: a de que ainda quero

realizar muitos sonhos, alguns mais próximos, outros um pouco mais distantes, e há aqueles que ainda nem conheço, que ainda chegarão. Desde a graduação aprendi a aceitar e compreender que o único aspecto permanente de nós mesmos é a mudança. E abraçar todas as possibilidades de realização da nossa passagem pede uma postura aberta ao novo e ao desconhecido.

Os próximos passos da minha jornada profissional e educacional seguem repletos de sonhos que atravessam desde a conclusão do mestrado, a realização de um doutorado e até uma carreira docente. Penso que a realização deles dependerá das possibilidades dos próximos anos.

Meu percurso educacional tem enriquecido a esfera pessoal da minha caminhada, me lançando para novos olhares sobre o papel do trabalho em relações desiguais de poder estruturais. A missão de desenvolver uma trajetória produtiva durante esta caminhada de dois anos convive com o sentimento de gratidão pela oportunidade de compartilhar um recorte da minha história neste espaço.

## Referências

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 335–351, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87314215003>. Acesso em: 22 out. 2018.

BARATO, Jarbas Novelino. Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a Educação Profissional. *B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof*, v. 34, n. 3, p. 4–15, 2008. Disponível em: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/262>. Acesso em: 07 dez. 2018.

PASSEGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal, RN: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008. cap.4, p.27

SAMPAIO, Vitor F.. *Reflexões sobre o conhecer si mesmo como acesso ao sentido*. Rev. NUFEN, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 36-43, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/yb8l6vxe>. Acesso em 07 dez. 2018.

SOUZA, G.Q. *Famílias contemporâneas: socio afetividade como fator de formação da família e a teoria do cuidado*. Arel Faar, Ariquemes, RO, v. 3, n. 1, p. 22-40, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6u6y89v>. Acesso em 07 dez. 2018.



# Memórias e conexões: reflexões acerca da minha vida

*Paulo César da Silva Rocha*

## **Introdução**

Este memorial tem como propósito refletir sobre minhas vivências, memórias e conexões que tive a oportunidade de estabelecer ao longo da minha vida. Para isto, foi necessário pensar a respeito de diversas questões que têm relação direta com meu passado, com meu presente, portanto, estabelecem relação com o futuro. A importância desta ação de reflexão sobre si mesmo está na oportunidade de se conhecer melhor e de situar-se como sujeito da própria história.

Sou Paulo César, nasci em Fortaleza, Ceará, no dia 15 de setembro de 1994. Sou filho de Paulo César Ferreira Rocha e Rosemary da Silva Rocha. Fiz o maternal até a 1º série na Escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, que era uma escola de propriedade da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, situado em um bairro considerado “zona industrial” pela prefeitura de Fortaleza. No entanto, a prefeitura findou um acordo com a escola, acarretando no encerramento de suas atividades. Depois disso, fui transferido aos 7 (sete) anos para uma escola municipal de Fortaleza, onde cursei a 2º série do ensino fundamental. Com o nível de aprendizado adiantado com relação aos outros alunos, passei a não querer frequentar a escola, o que fez meus pais me colocarem numa escola particular que próximo à escola municipal em que eu estudava, fazendo-me repetir a 2º série no ano seguinte.

Nesta escola particular, cursei o ensino fundamental completo, tanto as séries iniciais, como as séries finais. Na 4º série, recebi minha primeira medalha de 1º lugar de Honra ao Mérito, prêmio dado ao aluno com melhor nota geral da turma, o que incluía o melhor desempenho todas as disciplinas. Desde então, Paulo César obteve todas as medalhas de 1º lugar até o 9ºano, contabilizando cerca de 54 medalhas, incluindo olimpíadas de matemática, ortográficas, de redação, de poesia e esportivas. Nesse período, essas conquistas de “primeiro lugar da turma” foram importantes para que eu mantivesse meus estudos com bastante foco, mas hoje compreendo que a competição me tirou a possibilidade de olhar de forma crítica tudo aquilo que se passava em meu contexto social, já que as provas me exigiam uma aprendizagem memorística: aqueles que memorizam mais, obtêm melhor êxito e logo serão premiados.

Esse “podium” adotado até hoje por algumas escolas precisa ser questionado e interpretado de uma forma crítica: premia-se o melhor, mas dá condições aos outros que não tiveram destaque de se desenvolverem, de terem a possibilidade de aprender?

No ano de 2009, fiz a prova de seleção para ingressar no Colégio da Polícia Militar do Ceará, e após lograr êxito, fui matriculado no colégio em 2010, e cursei lá todo o ensino médio. Ainda em 2010, na fase de adaptação ao ritmo militar da escola, um sargento da Polícia Militar, Sgt. Alcides, gostou da minha leitura após pedir-me para ler aos novatos as regras do colégio que estavam escritas na agenda. Naquele mesmo dia, recebi o convite por meio do Sgt. Alcides e do Sgt. Rodrigues para ingressar no Pelotão de Cerimonial, na função de mestre-de-cerimônias, fazendo a leitura solene das cerimônias cívico-militares que ocorriam regularmente na escola. Fui mestre-de-cerimônias inclusive da sua própria solenidade de “entrega de bibico”, que

ilustrava a entrada oficial do aluno novato na instituição. O bibico é a cobertura feita de pano em forma de navio que faz parte do uniforme dos alunos do Colégio da Polícia Militar e que é usado na cabeça, como um chapéu ou boina.

Nesta experiência como mestre-de-cerimônias, pude ter a oportunidade de participar de inúmeras solenidades cívico-militares, como a de posse do governador do Ceará em 2011 na Assembleia Legislativa do Ceará. Vestido com um uniforme de gala azul, chamado pela escola de “túnica”, recebi governador e comitiva com continências. O mesmo em outros eventos importantes que aconteceram em Fortaleza naquela época.

Em 2011, fui convidado por um grupo de amigos para formar uma chapa no grêmio estudantil, no qual teria a função de Relações Públicas. Em abril, a chapa foi eleita, mas nunca teve uma ação efetiva, pois o grêmio estudantil tinha apenas uma representação simbólica. Neste mesmo ano, conheci os professores responsáveis pelo Laboratório Multimeios do Colégio da Polícia Militar, que foram meus amigos e conselheiros durante anos. Em conjunto com esses professores, passei a elaborar e diagramar o Jornal Espaço Cultural, que era distribuído entre os alunos do colégio, que neste mesmo ano passou a se chamar Colégio da Polícia Militar General Edgard Facó, em homenagem ao General Edgard Facó, Ministro do Supremo Tribunal Militar em 1943.

## **Início da minha fase adulta...**

Após concluir o ensino médio em 2012, fui aprovado por meio da seleção do ENEM para o curso de pedagogia da UFC – Universidade Federal do Ceará. Ao iniciar este curso, aos 18 anos, tive meus primeiros contatos com a literatura acadêmica que o currículo do

curso proporcionava. Tive a oportunidade de ter professores capacitados e que demonstravam interesse em ensinar com entusiasmo e motivação, além de apresentarem vasta bagagem teórica que eram explicitadas por meio de suas aulas. Ainda nesse ano, fui conhecendo cada vez mais os espaços da universidade, tendo contato com diversas leituras diferentes do ensino médio. A visão de mundo cada vez mais se expandia, no sentido de vivenciar cada vez mais experiências.

Ainda no primeiro semestre, em 2013, tive a oportunidade de participar de uma seleção para ser bolsista de iniciação científica no Laboratório de Pesquisas Multimeios da UFC, coordenado pelo fundador do laboratório, professor Dr. Hermínio Borges Neto. Nesta primeira experiência de iniciação científica, comecei a compreender melhor como acontece os bastidores de uma pesquisa acadêmica, seus projetos, suas formas de escrever e agir. Até então, minha escrita tinha um perfil jornalístico, devido ao meu desejo de infância em ser jornalista. Entretanto, como é sabido, a escrita de artigos acadêmicos não se dá em sentido jornalístico, mas de apresentação, análises e discussão de dados, assim como suas respectivas considerações acerca dos problemas apresentados. E foi este percurso que me proporcionou enxergar novos horizontes. Neste primeiro ano estudei a relação dos mensageiros instantâneos, como WhatsApp, ICQ, Messenger, Skype, Hangout, etc, sendo financiado pela FUNCAP.

Já em 2014, minha bolsa de iniciação científica foi financiada pela própria UFC. Neste período, tive a felicidade de participar de discussões a respeito de inclusão digital, EAD – Educação a Distância –, assim como visitas a assentamentos rurais no estado do Ceará, por meio do programa Centros Rurais de Inclusão Digital – CRID, executado pelo Laboratório Multimeios. Nestas experiências, pude aperfeiçoar o entendimento acerca das temáticas relacionadas às tecnologias e

à educação, assim como sua relação com comunidades que não possuem conexão com internet, sendo um grande empecilho no que diz respeito a incluir estas comunidades em ações que em locais com internet já são comuns, como por exemplo: pagamento de contas de forma online, conversas por meio de mensageiros instantâneos que necessitam de conexão para funcionar, assim como pesquisas escolares e de trabalho etc. Por meio desta experiência, pude compreender melhor a vida do campo, assim, ampliando minha visão de mundo, que até então era baseada em cidade grande, conectada aos meios digitais, já que desde os 8 (oito) anos tenho acesso à internet e dessa forma pude aprender bastante. É o que Veen e Vrakking (2009) chamam de *homo zappiens*, sujeitos inseridos num ambiente em que educação, tecnologia e processos de mudança são vistos como partes de um mesmo ecossistema.

Em 2015, fui bolsista do CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -, que é um órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação para incentivo à pesquisa no Brasil. Com esta bolsa, ainda no Laboratório Multimeios, tive contato com diversos alunos de pós-graduação, assim como docentes, os quais me orientaram e deram diversas sugestões de pesquisas, aumentando meu gosto pela leitura e pela pesquisa. Entretanto, apesar destes anos no Laboratório Multimeios, e pequenas publicações em congressos e seminários locais, assim como exposições acadêmicas em Semanas Universitárias, não tinha maturidade e autonomia suficiente para pesquisa científica de alta relevância. Atribuo que a vivência na prática docente da escola pública municipal de Fortaleza trouxe-me uma visão mais ampliada de mundo, de realidade, de vida real.

Em 2015, ainda no meu 6º semestre de graduação, foi lançado um concurso da PMF – Prefeitura Municipal de Fortaleza. Vale lem-

brar que não lançava um concurso público há seis anos, e o anterior a este apenas em 2000. Então minha meta em 2015 foi cursar o máximo de disciplinas obrigatórias, para que quando o resultado do concurso fosse divulgado, eu pudesse ter concluído minha graduação em tempo hábil. Sendo assim, assumi meu cargo como professor pedagogo na prefeitura de Fortaleza e atuo até os dias de hoje como professor nas séries iniciais.

## **O lançamento de uma plataforma virtual interativa de Educação: o Bora Aprender**

Sempre gostei da área de audiovisual. Desde criança fazia uma câmera com caixa de sapato, ou mesmo a garrafa térmica de café: isso sempre me preenchia de alegria. Ao estudar para o Enem, tive o costume de estudar por meio de videoaulas, inclusive por um canal chamado Vestibulândia, o qual conheci por meio do Youtube em 2008 ainda quando eu fazia o 8º ano do ensino fundamental. Como sempre participei e comentei nas videoaulas, fui indicado pelo professor do canal, Nerckie, a dar uma entrevista para a revista Veja, cuja reportagem intitulou-se como Luz, Câmera, Educação. Nesta reportagem foram entrevistados um dos maiores youtubers educativos da época, e uma foto minha pulando em comemoração ao ingresso no vestibular estampava a reportagem. Ao fim, o texto mencionava que talvez, um dia, eu também poderia ser um professor que desse aula pela internet.

Neste mesmo período, fui convidado pelo YouTube a participar do primeiro evento promovido pela empresa chamado YouTube EDU Academy. Lá tive a oportunidade de conhecer os maiores canais educacionais brasileiros, inclusive o Nerckie do canal Vestibulândia. Lá pude participar de um mesmo grupo junto a ele, produzir um vídeo e ser premiado com uma câmera. De lá sai com uma missão: criar meu

próprio canal e colocar em prática o que aprendi com esta experiência. Foi assim que tive a ideia de produzir meu canal no YouTube, ao qual denominei de Bora Aprender.

No começo, minhas postagens de vídeos no canal Bora Aprender começaram com conteúdo de geografia para ensino fundamental. Logo em seguida, postagem de vídeos sobre a língua portuguesa e curiosidades. Em 2018, com advento da seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, me propus a gravar vídeos acerca da bibliografia recomendada pelo edital do ProfEPT.

O ProfEPT foi criado a partir de uma resolução do Conselho Superior do Instituto Federal do Espírito Santo 161/2016 (Ministério da Educação, 2016) que criou o programa em rede nacional, bem como aprovou o seu regulamento interno. O curso de mestrado é pertencente à área de ensino e é reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES do Ministério da Educação. O programa é oferecido em rede nacional nos Institutos Federais de Educação, distribuídos por todo o País.

O segundo processo seletivo para ingresso no ProfEPT, ocorrido em 2018, denominado ENA – Exame Nacional de Acesso – iniciou-se por meio da publicação do edital em janeiro de 2018, em que constavam seis artigos dos mais diversos autores relacionados à Educação Profissional e Tecnológica, como Marise Ramos, Gabriel Grabowski e Acácia Kuenzer, Dante Henrique Moura, Ricardo Antunes e Giovanni Alves, e Ronaldo Marcos de Lima Araújo e Gaudêncio Frigotto, e Jarbas Novellino Barato.

Vale ressaltar que a seleção para o referido mestrado profissional possibilita a inscrição de candidatos provenientes das mais diversas áreas de atuação, tomando-se como exemplo graduados em Biomed-

cina, Farmácia, Administração, Arquitetura, Psicologia, Serviço Social, Pedagogia, Engenharia etc. Esta constatação me permitiu considerar que parte dos candidatos não teve acesso a uma formação acadêmica acerca das bases conceituais em Educação Profissional durante a graduação, o que resulta em uma dificuldade da compreensão dos variados conceitos empregados na literatura da Educação Profissional. Percebi, a partir dessa observação, que os candidatos ao programa buscaram referências sobre o assunto na internet.

Passi então a me dedicar à gravação de videoaulas que explicassem o conteúdo da bibliografia do PROFEPT, direcionados aos candidatos. Fui questionado por diversas vezes como eu estaria ensinando o conteúdo para os meus próprios concorrentes. Para mim, a intenção era compartilhar conhecimento por meio do YouTube, de uma forma democrática, e confiei no meu caminho a ser trilhado.

Fui aprovado! E após minha aprovação na seleção, iniciei o curso em agosto de 2018. Meu interesse está inclinado para a relação entre educação e tecnologias. Entrei de mente aberta, disposto a escutar sugestões de colegas de turma, como também as dos professores, pois acredito que sugestões e devolutivas de pessoas externas contribuem de forma potencial na produção/criação de ideias.

Inicialmente meu projeto de pesquisa tinha como objetivo geral identificar quais as dificuldades dos candidatos ao programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica com as temáticas relacionadas às bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica e produzir um Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem. Além disso, tive como objetivo específico identificar o perfil dos candidatos ao PROFEPT, assim como as temáticas e por quais motivos estas estão fora do domínio de parte dos candidatos. Também como objetivo, pretendi mapear os conceitos com maior índice de incom-

preensão, configurando conteúdo programático para a produção do material a figurar parte do AVEA Bora Aprender;

A escolha desta pesquisa se deu devido a minha afinidade com a temática de tecnologia e educação. Acredito que a evolução tecnológica pode permitir uma conexão entre pessoas não apenas no que diz respeito à comunicação, mas também à ampliação e ao compartilhamento de conhecimentos e saberes.

E meu estudo no mestrado, voltado à tecnologia e à EPT tem como justificativa a busca de subsídios para a produção de um material online em que haja um compartilhamento democrático acerca das bases conceituais em Educação Profissional e Tecnológica, temática relevante no cenário econômico e político do Brasil. Entretanto, constatou-se em análises prévias à pesquisa que mesmo os candidatos ao ProfEPT que são graduados na área de Humanas, como as licenciaturas ou Pedagogia têm dificuldades no que diz respeito aos assuntos relacionados à filosofia e à sociologia, principalmente no que se refere aos conceitos relacionados à educação e ao trabalho.

Por fim, finalizo meu memorial apresentando uma parte de meu passado, e demonstrando minhas perspectivas de futuro no que diz respeito às pesquisas acadêmicas e construção de conhecimento na internet, aproveitando-me dos recursos tecnológicos existentes para difundir e democratizar o acesso ao conhecimento.

## Referências

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução nº 161, de 2016. *Resolução do Conselho Superior Nº 161/2016*. Vitória, ES, 16 set. 2016.

VEEN, Wim & VRAKKING, Ben. *Homo zappiens: educando na era digital*. (Tradução Vinicius Figueira). Porto Alegre: Artmed, 2009.



Os fios que tecem as histórias de vida não se entrelaçam por acaso, eles são permeados de sentidos, basta descobrir quais são

*Regina Nascimento Souto*

## **Introdução**

Todas as pessoas têm uma história; algumas longas, outras curtas; o percurso da vida é muitas vezes mudado sem que estejamos preparados para reorganizar a rota; enfim, o que importa é o sentido e a importância que daremos a cada etapa vivida. Se soubéssemos o final, isto é, o resultado de nossas escolhas antes de a fazermos, correríamos o risco de deixar de experimentar várias sensações novas por medo de sofrer. E isso não é bom. Por esse motivo nos arriscamos a cada dia em busca de fazermos as melhores escolhas, para colhermos os melhores resultados no decorrer da caminhada, e, tentar se possível, deixar marcas positivas no caminho por onde passarmos e nas pessoas com quem nos relacionarmos. É assim que se inicia o entrelaçamento de minha história.

Nasci no ano de 1965, em Fortaleza-Ceará, no contexto político e social mais desafiador daquele período, em plena ditadura militar; época em que esse regime ditava as ordens tanto no governo, quanto nas políticas educacionais. O Brasil havia entrado num ritmo de desenvolvimento econômico muito intenso e para isso era necessária a formação de uma massa de trabalhadores com algum conhecimento técnico para preencher as vagas no mercado de trabalho. Tal fato for-

taleceu a dualidade do ensino brasileiro, projeto há tempos em desenvolvimento, conforme assevera Sousa (2016).

Historicamente, desde o período colonial, a educação profissional brasileira vive uma dualidade e uma fragmentação que se expressam na educação dividida em classes: ensino do tipo intelectual, destinado à elite, e outro tipicamente manual, para os explorados. Assim, o ensino profissional que se instaurou no país se constituiu meio para adquirir mão de obra e, assim, atender aos interesses da classe hegemônica, [...] (p.32).

Não era fácil, em uma família numerosa, no total de 11 filhos, proporcionar uma boa educação para todos. Meu pai tentou de todas as formas nos manter na escola.

Filha de pais analfabetos, ele, servente de pedreiro e vendedor autônomo; ela, costureira, com um conhecimento técnico aprendido autodidaticamente, pois não havia sido alfabetizada para frequentar um curso formal, trabalhava em casa, fazia roupas para a vizinhança e, algumas vezes, trabalhava para facções de costura, o que lhe rendia alguns trocados no final do mês. Fui a primeira entre meus irmãos a ingressar na universidade, isso porque dois deles – Ricardo e Rute-acreditavam que se tivessem uma profissão cedo, iriam começar a ganhar dinheiro prematuramente também. Meu irmão mais velho foi trabalhar em uma oficina mecânica, só fazendo a limpeza dos carros que lá chegavam. Depois de alguns meses, já consertava motores, fazia pinturas e desamassava a funilaria como se fora um profissional; minha irmã aprendeu sozinha a cortar cabelo, fazer unhas, doces e salgadinhos. Julgo que eles já nasceram autodidatas, pois aprendiam as coisas só olhando alguém fazer. Minha mãe se preocupava com a saúde dos filhos, pois dos onze apenas cinco sobreviveram aos tempos difíceis.

Ela nos contava que nossos primeiros irmãos nasciam e, antes de completarem cinco anos, morriam, ou de doenças comuns àquela época ou já ao nascerem. Temia que os filhos que restaram não sobrevivessem. Chegou a adotar um garoto de 4(quatro) anos que pedia ajuda no restaurante onde eu trabalhava. Ele morou conosco até os 14 anos, quando foi chamado de volta para a casa da avó que estava muito doente.

Quando meu irmão mais velho completou um ano de idade, eu nasci. Na casa, poucos móveis e o único objeto de valor que havia, era uma máquina de costuras. Meu pai gostava de levar uma vida de boemia, mas sempre proveu o sustento da família e era ela, minha mãe, quem controlava as despesas do lar. O parto foi feito em casa pelas mãos de uma parteira, costume comum naquela época e, como eu nascera muito roxa, parecia que não escaparia. Fui levada às pressas para a Santa Casa de Misericórdia, onde me introduziram na emergência neonatal. Meu nome, Regina, foi em homenagem à enfermeira que me prestou os primeiros socorros.

## **Trajetórias escolar e acadêmica**

Conheci as primeiras letras com a professora Mariinha, a quem chamávamos de tia, moça doce e paciente que ensinava todas as matérias para mim e meus irmãos, em uma das salas de sua casa. Como ela não possuía uma formação pedagógica formal, alfabetizava as crianças e criava um ambiente acolhedor para que desenvolvêssemos nossos conhecimentos. Foi pensando no modo como ela agia que, com a plateia de bonecas e irmãos menores, eu me via dando aulas igualzinho a ela. Perguntava diversas vezes se todos estavam entendendo o que eu dizia e, mesmo que dissessem sim, explicava tudo de novo. Já utilizava a Pedagogia Tradicional de tendência Liberal e nem me dava conta disso.

Acredito que minha postura profissional carrega um pouco dos professores que passaram por minha vida. Lembro-me que, após dona Mariinha, fomos matriculados em uma escolinha maior perto de casa, onde as aulas aconteciam em duas salas, separadas por idade. Os professores eram Helena e Miguel; dela eu lembro pouco, mas dele é impossível esquecer: era um homem negro, alto, forte, meio careca, e penso que era um militar aposentado; pois, na hora da lição, ele se sentava à mesa com uma palmatória sobre os joelhos e nos encarava de um jeito que, se errássemos, seríamos massacrados com aquele objeto de tortura. Nunca pensei que aquilo era só uma prévia do que acontecia com aqueles que ousavam a não “obedecer” ao sistema imposto.

Alguns anos se passaram e, enfim, fui para uma escola de verdade o Colégio Dr. Paulo Sarasate, onde estudei até a quinta série. À época, a educação era regida pela Lei de Diretrizes e Base de 1971 (LDB 5692/71), que dividia o ensino em primeiro e segundo graus; sendo que o primeiro era subdividido em primário (da primeira à quarta série) e ginásio (da sexta à oitava série). O segundo grau, por sua vez, era dividido em 1º, 2º e 3º anos dos cursos técnico, científico ou pedagógico, de acordo com o que a instituição de ensino oferecia e o mercado de trabalho buscava. Interessante é que essa lei criou a profissionalização do então ensino secundário, na tentativa de unificar os ensinos primário e médio. A lei foi criada para os ensinos público e privado, no entanto, esse último segmento, não atendeu a ela e continuou formando os seus jovens com o ensino geral que os preparava para a universidade e para os cargos de chefia.

Quando saí de lá, fui fazer o ginásio no colégio Educandário Casimiro de Abreu, onde me destacava nos projetos de leitura e em matemática; na primeira por ser conhecida na escola como “rato de biblioteca”; nessa última por ter uma paixão platônica pelo professor

que apresentava total domínio dos conteúdos da matemática e eu o considerava o ser mais inteligente e lindo desse mundo, o centro de todo conhecimento e sapiência. Demorei algum tempo para perceber que era tudo fantasia e que meu “negócio” era com as letras. A leitura sempre foi uma constante em minha vida. Sempre li de tudo; houve uma época em que assinava o jornal O povo nos finais de semana e, por esse motivo, deveria lê-lo por completo, lendo até a nota dos falecimentos da semana. Sempre fui uma pessoa curiosa e conforme Paulo freire relatou:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2000, p.35).

Nos aniversários, sempre pedia de presente os livros de romance adolescente daquela época: Sabrina, Bianca, revistas de fotonovelas e outros dos quais não lembro mais o nome. Acalentava o sonho de fazer o meu segundo grau na Escola Técnica do Ceará, instituição que em 2008, no governo do então Presidente Luís Inácio Lula da Silva, veio a se transformar em Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE), que era a escola de referência na cidade. Quem quisesse estudar e já conseguir um emprego, era só estudar lá. Cheguei a fazer uma prova de admissão no curso de Telecomunicações, mas não fui aprovada. Então tentei no Colégio Liceu do Ceará, onde passei e cursei o meu 2º Grau (de 83 a 85) no curso científico.

A minha escolha por essa modalidade se deu porque este prepa-

rava para o Ensino Superior, enquanto o curso técnico preparava para o mercado de trabalho, e o pedagógico para o magistério; como eu, naquele momento, queria ser psicóloga, foi esse que cursei. Não havia esquecido o desejo de ser professora, mas o status de psicóloga soava melhor aos ouvidos de uma sociedade capitalista que valorizava os títulos acadêmicos é o ter ao invés do ser. Estudei os primeiros anos no horário vespertino, vindo posteriormente, no 3º ano, a mudar de horário, pois precisava conseguir um emprego.

Enquanto acumulava conhecimentos no Liceu, deparei-me com diferentes estilos de professores, como já havia mencionado. Foram eles que formaram em mim o estilo de profissional que sou hoje. Havia o professor Vicente, de matemática, que apresentava uma postura de quartel. Quando ele chegava à sala, era para estarmos todos sentados e, à presença dele, ficávamos de pé, fazíamos a saudação com uma boa tarde e ficávamos em silêncio durante toda a aula. Na hora em que ele parava para explicar, ninguém piscava até que ele tivesse terminado a explicação. Pode ter sido muito carrasco nesse ponto, mas foi onde eu aprendi matemática de verdade.

Em 2001, após 14 anos afastada dos estudos, por vários motivos, sendo um dele o fato de estar trabalhando no comércio de segunda a domingo, sem férias, pois eu era a proprietária de um pequeno restaurante, entrei na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no curso de Letras- Português e Literatura. Durante a graduação fui monitora bolsista da Capes na disciplina de produção textual. Quando o professor orientador faltava, pedia-me para direcionar as atividades em sala de aula e recolher o material produzido pelos alunos. Também nessa época era bastante frequentadora da biblioteca, dos sebos e das xerox. Cheguei a adquirir vários livros muito bons nas garimpagens das feiras de livro que aconteciam no pátio da universidade, entre eles: Para entender o texto, de Platão & Fio-

rin; A Literatura brasileira através dos textos, de Massaud Moisés; Análise de texto de comunicação, de Dominique Maingueneau entre outros e vários paradidáticos. Todos os textos que eram sugeridos para leitura, quando eu encontrava o livro, tentava adquiri-lo. A partir de então, iniciei minha biblioteca acadêmica.

No ano em que conclui a graduação – 2007, iniciei imediatamente a especialização em Semiótica Aplicada à Literatura e Áreas Afins, na mesma universidade, fazendo parte da turma inaugural deste curso, tendo ao final, minha monografia publicada em forma de ensaio no jornal Diário do Nordeste, no Dia Internacional da Mulher, oito de março de 2008, no caderno Cultura, sob o título Hitchcock e D’Palma: a intertextualidade. Dedicaram três páginas inteiras para esse assunto. Fiquei feliz, pois meus professores disseram que seria a primeira de muitas vitórias que eu alcançaria.

No ano de 2011, tentei o mestrado na UECE na área de Linguística Aplicada, mas sem êxito. No ano seguinte, na UFC, tentei Literatura comparada, outra decepção. Em 2015, tentei novamente na UFC, cheguei mais perto, mas ainda não deu. No ano de 2017, tentei o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) e sequer passei para a correção do texto. Meus colegas de trabalho diziam que eu estava estudando de forma errada e se propuseram a estudar comigo no horário de almoço e assim nós fizemos.

Inicialmente, combinamos em comprar um curso pela Internet, o AFAS Cursos & Preparatórios, e posteriormente passamos a estudar gratuitamente na plataforma virtual interativa Bora Aprender, do nosso colega de turma Paulo César. Debatíamos a bibliografia, resumos, aulas expositivas, resolução de exercícios entre outros. Eu, além da hora de almoço, costumava estudar dentro do ônibus indo de Fortaleza para Mossoró a todos os finais de semana, pois minha filha única

curso Medicina na Universidade Federal do Semiárido (UFERSA) e preciso dar suporte, cuidando da casa, roupas e alimentação dela.

Foi muito complicado para mim, no início da leitura da bibliografia, pois não conhecia vários dos conceitos discutidos nos textos. Lembro-me de ter feito um glossário e de ter começado a querer entender qual era o pensamento de Marx, esse filósofo tão citado em todos os textos. Cheguei a sonhar com a Marise Ramos de tanto que me debrucei para entender o texto dela. Ouvia áudios, assistia a videoaulas, lia, fazia anotações, enfim houve um esforço muito grande nesse período.

Dificuldades não cessaram de aparecer, mas eu continuava tentando me capacitar para então alçar voos mais altos, como o ingresso em um mestrado e foi então que, no ano de 2018, finalmente passei para o Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) e estou aqui ansiosa para começar a pesquisar e elaborar um produto educacional que auxilie meus alunos e os da educação profissional a adquirirem autonomia e senso crítico. A temática que escolhi tem a ver com o cinema em sala de aula. Sei que a proposta não é inovadora, pois muitos professores e pesquisadores já se debruçaram sobre esse tema, no entanto o que quero enfatizar é a realização, ou melhor, a produção de curtas-metragens com e para os alunos a partir de obras cinematográficas já consagradas. Meu intuito é ajudá-los a aumentar autoestima, torná-los protagonistas e sujeitos críticos e reflexivos. Espero ter êxito e ser aprovada com louvor em meus estudos e, assim, dar seguimento aos próximos capítulos de minha história e, dessa vez, tentando ir mais devagar, como diz a letra da música de Almir Sater, Tocando em frente “Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais [...] e cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz”.

## Experiência Profissional

Já formada e enquanto cursava a especialização, decidi que já estava na hora de buscar um concurso na minha área e participei da seleção para professor temporário da prefeitura de Fortaleza, no qual passei e trabalhei por um período de dois anos. Minha primeira experiência em sala de aula foi na EEF Almerinda de Albuquerque no grande Lagamar com turmas de sexto ano. Inicialmente foi bastante complicado, devido ao público com o qual trabalhávamos. Tive alunos que vinham drogados para a escola, outras contavam como vantagem o fato de terem esfaqueado seus amantes e ainda outro que me perguntou, certa vez, se eu não tinha medo de levar uma furada dele. A qualquer indício de atrito, eu mandava chamar o coordenador que apaziguava os ânimos e a aula continuava.

Como era professora substituta, o professor titular voltou de uma licença de saúde e fui mandada para outra escola, chamada EEF Antonieta Cals no mesmo bairro. Nessa instituição, tive minha prova de fogo. No ano de 2008, no dia 14 de novembro, perdi minha mãe, morta devido a um erro médico no Hospital Regional da Unimed. Estava arrasada, mas como se iniciaria dali a poucos dias a semana de provas, resolvi ir até lá para orientar os alunos acerca do conteúdo que deveria ser estudado para as avaliações.

Ao chegar à escola, pela manhã, falei com a direção, contei a situação e me dirigi para a sala de aula. Desconfiei do fato de a porta da sala estar fechada, por esta sempre permanecer aberta até a chegada do professor. Empurrei a porta, mas sem entrar; do alto caiu um cesto de lixo cheio de terra, papéis e outros objetos que seria a surpresa do primeiro que entrasse na sala. Como estava fragilizada, chorei copiosamente e pensei seriamente em nunca mais voltar àquele lugar. Os autores da “brincadeira” foram identificados e suspensos por uma semana.

Nesse mesmo período estava às voltas com a conclusão da especialização, apresentação da monografia para a banca, trabalhando no município pela manhã, dando aulas na escola do estado com turmas do Ensino Médio à tarde, fazendo inglês no Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (Clec) duas vezes por semana; sentia-me como uma pessoa que está prestes a ser devorada por um crocodilo e mesmo assim continua nadando sem parar, imagem que era vista na porta da sala de um dos coordenadores do Programa de Pós- Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), com a seguinte mensagem: "aconteça o que acontecer, continue escrevendo, no meu caso, "nadando". Assim tentei conciliar os estudos, o trabalho e os problemas de convivência em casa, – uma cunhada, separada e com dois filhos-, o cuidado com minha filha ainda pequena, e marido. Enfim, vários problemas para serem administrados, situação tão comum a muitas mulheres em nossa sociedade; que além de serem mãe e pai, são sozinhas e mantenedoras de seus lares, recebendo salários inferiores aos dos homens e, em alguns casos, sofrendo assédio moral de seus empregadores.

Depois da experiência com o Ensino Fundamental, fiquei em dúvida se deveria persistir na carreira docente, pois não estava disposta a viver, temendo a hora em que um dos adolescentes pudesse fazer uma agressão, além de moral, física contra mim, resolvi que iria estudar para outra área que não fosse a de licenciatura. Com esse objetivo, em 2009, decidi fazer um curso para o concurso do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), que abriu vagas para a 5ª Região- estados do Nordeste. Sai das escolas onde trabalhava e passei a me dedicar em tempo integral. Estudava o dia inteiro pelo fato de o curso ser intensivo até a data da prova. Não consegui passar no número de vagas, mas fiquei feliz por duas amigas que estudavam comigo na hora do almo-

ço, terem passado e sido nomeadas. Nesse mesmo ano, o estado do Ceará abriu concurso para professor efetivo, mas eu não queria mais lecionar. Por muita insistência de meu esposo, fiz a inscrição e fui fazer a prova. Minha grande surpresa foi ser aprovada sem sequer ter me dedicado à bibliografia cobrada no concurso. Minhas muitas leituras foram essenciais e determinantes para a minha aprovação

Retornei, então, a trabalhar como professora no Estado, dessa vez como efetiva. Decidi que não ficaria em Fortaleza, procuraria uma escola no interior por acreditar que o público seria menos problemático. Fui lotada na Crede 09, na cidade de Horizonte, região metropolitana de Fortaleza com 200 horas mensais em sala de aula na EEM Raimundo Nogueira, onde trabalho até hoje.

Desenvolvia com meus alunos vários projetos artísticos: show literomusical (Literatura e música), no Centro Cultural Tasso Jereissati, localizado nas imediações da escola, elaboração de curtas metragens, com eles sendo as personagens, teatro, projetos de leitura com premiação para os melhores leitores, menção honrosa para quem mais locasse livros na biblioteca, passeios orientados para o planetário, cinema entre outros. Tudo se fazia e se tinham respostas positivas por parte deles o que agora não está mais acontecendo. Alguns alunos, ou estão apáticos e não participam do projeto, ou não levam a sério os trabalhos solicitados pelos professores. Talvez seja devido a um aparelhinho fabuloso chamado de celular, que não sai das mãos dos estudantes.

## **Conclusão**

Escrever esse memorial foi para mim uma experiência emocionante; isso porque me fez reviver épocas de minha vida que já estavam quase esquecidas, imersas em meu passado e me fizeram ver que eu fiz as escolhas certas, Em alguns momentos, durante a escrita, parava,

refletia, era como se visualizasse cada ação, cada detalhe: o rosto das pessoas, as palavras ditas em momentos de alta tensão, o choro incontido quando não dava para segurar a emoção, enfim tudo contribuiu como etapas para o meu crescimento intelectual, relacional e emocional. Hoje me sinto mais segura e confiante para enfrentar os desafios que porventura surgirem em minha caminhada e espero contribuir de alguma forma para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e protagonistas de suas próprias histórias.

## Referências

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa *Diretriz e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*. Brasília, DF: 1971. Disponível em. Acesso em março de 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 16ª edição, Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2000.

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. *Caderno Cultura, dia 08 de março de 2008*. Hitchcock e D'palma: a intertextualidade.

SATER. Almir. *Tocando em frente*. Disponível em <https://www.ouvirmusica.com.br/almir-sater/44082/>. Acesso em: 24/03/2019.

SOUSA, Antônia Abreu. *A educação profissional: ensaios sobre a formação e a qualificação dos trabalhadores*. Recife: Imprima, 2016.

# Um breve relato de uma vida em busca do conhecimento: recortes temporais

*Saulo Ramos de Freitas*<sup>24</sup>

## **Introdução**

Este memorial retrata um pouco da minha vida, com recortes temporais da parte profissional e acadêmica considerada por mim de uma certa relevância. De acordo com Saramago, (Citado por AGUILERA, 2010). “São circunstâncias muito complexas as que marcam ou decidem o destino dos homens...” com isso, entre idas e vindas, erros e aprendizados vão tracejando o meu caminho na busca incessante do conhecimento. Sou Saulo Ramos de Freitas, nasci em 18 de março de 1982, natural de Fortaleza e residente no município de Ubajara – CE. Sou filho de uma família humilde, no entanto, meu pai, mesmo com todas as limitações à época, conseguiu colar grau em 1984 na turma de Ciências Econômicas na Universidade Federal do Ceará. Minha mãe cursou o antigo 2º grau pedagógico e trabalhou por mais de 16 anos na educação infantil. Tenho duas irmãs, Aline e Alice.

A Aline, minha irmã mais velha, acompanha os meus pais nas atividades diárias e a Alice é cirurgiã dentista, formada pela Universidade Federal do Ceará, campus de Sobral e atualmente está concluindo o doutorado pela Universidade de São Paulo. Sou pai de três me-

---

<sup>24</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT/IFCE email: saulo.ifce@gmail.com.

ninas, Ana Laís, Ana Glória e Débora. Minha esposa, Denise Fernandes, administradora de formação, assim como eu, é servidor técnico administrativo do IFCE, campus Ubajara.

Nos próximos parágrafos falarei sobre minha trajetória acadêmica e profissional. Naquela, relato a partir do início da graduação indo até a fase atual, nesta faço um recorte a partir do meu primeiro registro profissional.

## **Formação acadêmica**

Iniciei o curso de Geografia em 2003.2 na Universidade Federal do Ceará, inicialmente na licenciatura, posteriormente mudei a modalidade da graduação para o bacharelado. Durante a licenciatura, no 5º semestre da graduação, tive a oportunidade de lecionar por um ano em uma escola da rede municipal de Fortaleza, ensinava história e geografia para os alunos do 9º ano do ensino fundamental II. Foi uma época de bastantes aprendizados e contrastes, pois pude comprovar que certos conhecimentos obtidos na academia não me preparavam por completo para exercer a docência. É também na prática de sala de aula que se obtém o conhecimento. Na academia, desfrutamos de um cenário ideal de ambiente escolar, com os seus laboratórios de didáticas e práticas de ensino, mas no cotidiano escolar o contexto é totalmente diferente. Acredito que quem faz a “melhor técnica” de ensino seja a prática, não desmerecendo as teorias de aprendizagens e as técnicas de ensino ensinadas nas universidades.

Para Barato (2008) é um engano subordinar o saber técnico (saber como) ao saber teórico (saber que). Porque uma coisa é o docente dominar as melhores teorias educacionais e outra é saber aplicar, se fazer entender em sala de aula. Acredito que é uma temática ampla que ainda cabem diversos estudos e análises, sendo que os nossos am-

bientes acadêmicos ainda se alicerçam nesse pilar: teoria/prática, os discentes têm que “dominar a teoria para ter uma boa prática”, sendo que a minha experiência em sala de aula me mostrou o contrário, não dominava a teoria e fui para a prática, fazendo com que o cotidiano de sala de aula me fizesse aprender certos assuntos da ciência na qual não tinha visto na universidade.

No 7º semestre da graduação, mudei a modalidade do curso, fui para o bacharelado, pois naquela época tinha um sonho em ter o registro profissional pelo CREA<sup>25</sup>. Posteriormente, em março de 2016, entrei em outra graduação, não mais na universidade pública, mas em uma intuição privada, cursei tecnologia em gestão pública pela Universidade Estácio de Sá. Tive a oportunidade de estudar em duas modalidades: a presencial, na UFC; e a distância, na Estácio. Foi uma experiência bastante enriquecedora na qual pude comprovar o quanto a educação a distância tem suas peculiaridades e que, sendo ela bem aproveitada, torna-se bastante eficiente. Cabem ao aluno a autodisciplina e a gerência do tempo. Neste processo também complementei a minha formação com alguns semestres de língua inglesa no Instituto Municipal de Desenvolvimento de Recursos Humanos (Imparh).

## Vida profissional

Comecei a trabalhar com apenas 14 anos de idade, na condição de menor- aprendiz<sup>26</sup>, exercia algumas atividades nos Correios, como a

---

<sup>25</sup> Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia que abrange também os Geógrafos.

<sup>26</sup> Conforme o artigo Art. 428 da CLT Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menor de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem formação

triagem de cartas e o empacotamento delas. Posteriormente fui estagiário da Caixa Econômica Federal, no setor de habitação, onde permaneci por um ano. Na época, conciliava o ensino médio com o estágio, muitas vezes tinha que sair do estágio e já ir para o colégio, por causa do horário, quantas aulas não tive que me atrasar por causa do longo percurso que fazia à época.

A agência da Caixa ficava no bairro da Messejana e eu estudava no centro da cidade, era um percurso de mais de 15 km que para uma cidade grande, de ônibus e em horário de pico, tornava-se um percurso bastante demorado. Trabalhava trinta horas semanais e à noite ia para o colégio. Fiz o último ano do ensino fundamental II e todo o ensino médio no turno noturno, era a forma na qual encontrava a conciliação entre o estudo e o trabalho para um filho da classe trabalhadora. Nas horas vagas, dividia o meu tempo entre o estudo e a igreja.

Concluí o ensino médio em 2002, no ano seguinte prestei o vestibular para Geografia na Universidade Federal do Ceará. Foi uma época bastante desafiadora, pois tinha que me dedicar em tempo integral às disciplinas ofertadas à época para o meu curso, impossibilitando qualquer tentativa de trabalho nos turnos matutino e vespertino. Aqui acrescento uma crítica ao modelo contraditório de oferta de alguns cursos nas instituições de ensino superior pública, como um filho de família humilde pode conciliar uma graduação integral com o trabalho? De acordo com Paula (2015), a democratização ao ensino

---

técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa formação.

(Redação dada pela Lei nº 11.180, de 2005).

superior público brasileiro não foi seguida de políticas públicas eficientes que fizessem com que o aluno-trabalhador pudesse cursar e terminar com êxito a sua graduação. Esse era o dilema o qual me encontrava no percurso da graduação.

Depois de cinco longos semestres da minha graduação, consegui um estágio na Secretária de Educação do município de Fortaleza, onde estagiei por um ano como professor bolsista, lecionando as disciplinas de história e geografia para as turmas no 9º ano da rede municipal. No ano seguinte, na busca da tentativa de conciliação entre trabalho e estudo, fiz o concurso para a Guarda Municipal de Fortaleza. Neste órgão foi possível trabalhar numa escala noturna, com 12 horas de trabalho ininterruptas por 36 horas de “descanso” livre.

Permaneci por oito anos nesse órgão municipal, trabalhei em diversos locais durante esse período, dentre eles o terminal de ônibus de Messejana, na qual prestava o plantão noturno, e pela manhã pegava a linha de ônibus “Messejana/Antônio Bezerra via BR 116” para ir à universidade. Posteriormente prestei plantões em hospitais e na Rede Cuca<sup>27</sup>.

Foi dado fim a esse ciclo profissional, saindo da segurança pública e voltando para a educação, quando fui convocado após a aprovação no concurso para Técnico Administrativo em Educação do

---

<sup>27</sup> A Rede Cuca é uma rede de proteção social e oportunidades formada por três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Geridos pelo Instituto Cuca, os Cucas Barra, Mondubim e Jangurussu atendem, prioritariamente, jovens de 15 a 29 anos, oferecendo cursos, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos.

Instituto Federal do Ceará em 2016. Atualmente estou lotado na Coordenadoria do Controle Acadêmico, CCA do campus de Ubajara.

## Conclusão

Hoje como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ProfEPT, trabalho de segunda a quinta feira das 08h às 12h e das 14h às 20h, me deslocando do município de Ubajara para a capital nas quintas feiras à noite para na sexta está em aula das 08h às 20h. Para mim é uma etapa bastante desafiadora, mas ao mesmo tempo prazerosa.

Tenho como tema de minha dissertação o seguinte título: Um estudo sobre a identidade e memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, campus Ubajara, na região da Ibiapaba. Pretendo com a minha pesquisa tentar obter algumas respostas sobre certas indagações que me faço como: o campus Ubajara é conhecido e reconhecido na região? Os cursos se encaixam com os arranjos produtivos locais? Os estudantes do 3º ano do ensino médio dos nove municípios que compõem a chapada sabem o que é o IFCE, campus Ubajara? Como produto educacional, pretendo elaborar uma cartilha com as modalidades dos cursos, forma de admissão, período, concorrência etc.

Essa inquietação pelo tema começou quando, como servidor da rede federal, fazia parte de uma comissão de divulgação do curso subsequente<sup>28</sup> Técnico em Alimentos, do campus Ubajara. Saíamos pelos municípios circunvizinhos divulgando o processo seletivo por análise

---

<sup>28</sup> Modalidade de curso técnico oferecido pela Rede Federal de Educação para quem já concluiu o ensino médio.

do histórico<sup>29</sup> do ensino médio para a população. Íamos às escolas secundaristas e me causava espanto e estranheza a quase que total falta de conhecimento da existência do campus e dos seus cursos.

Como relatado neste memorial, é possível perceber que a minha temática e inquietação como pesquisador está totalmente vinculada ao meu ambiente de trabalho. Anseio progredir como profissional da rede federal de educação, procurando fazer com que o resultado da minha pesquisa traga benefícios e possíveis soluções nas questões já por mim relatadas. Espero que tenham desfrutado dessas “pequenas letras” que retrataram um pouco da minha trajetória profissional e acadêmica.

## Referências

AGUILERA, F. (Org.) *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PAULA, M. F. C. *A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado*. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul. 2013.

BARATO, Jarbas Novelino. *Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a educação profissional*. Revista da Educação Profissional. Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, set./dez. 2008.

---

<sup>29</sup> Processo seletivo este feito por uma média aritmética das notas de matemática, física, química, português e biologia dos três anos do ensino médio.



# Relatos de uma vida: trajetória pessoal, acadêmica e profissional

*Erika Cristiny Brandão Ferreira Barbosa*<sup>30</sup>

## Introdução

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo (BENJAMIN, 1987, p. 239).

O conhecimento de si é necessário para que se possa construir uma história de sucesso. Refletir sobre o passado, tentar entender o presente, almejando realizações futuras, contribui para a construção do autoconhecimento. Em virtude disso, pretendo fazer um memorial relatando os passos da minha história de vida destacando o caráter pessoal, acadêmico e profissional.

Segundo Oliveira (2012, p. 129), “Memorial é um depoimento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias”. Destarte, serão apresentados nesse memorial os acontecimentos relevantes de vivências que marcaram a minha existência, especificando fatos da minha trajetória familiar, percursos acadêmicos e conquistas profissionais.

---

<sup>30</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT). Especialista em Pesquisa Científica pela Universidade Estadual do Ceará (2008). Bibliotecária-Documentalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza.

## Relatos da vida pessoal

Chamo-me Erika Cristiny Brandão Ferreira Barbosa, tenho 34 anos, nasci no dia 17 de abril de 1984, no bairro de Messejana, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Pertencço a uma família simples, sou filha de dois trabalhadores: minha mãe, Raimunda Eumária foi professora do ensino básico da Prefeitura Municipal de Fortaleza, hoje é aposentada. O meu pai, João Mateus, é pintor, operário da construção civil, ainda na ativa. Ambos foram fundamentais na minha formação humana e ética, bem como no processo de escolarização, de acordo com suas possibilidades, não medindo esforços, sempre incentivaram e lutaram para oferecer uma educação de qualidade a mim e ao meu irmão, José Alves, hoje, professor efetivo de história do Estado do Ceará. Sou casada com o pesquisador de filosofia, professor Ms. Paulo Sérgio Cruz Barbosa que atualmente atua na rede particular de ensino de Fortaleza.

Desde o ano de 2005 descobri ter Esclerose Múltipla, forma recorrente-remitente. Segundo o site oficial da Abem (Associação Brasileira de Esclerose Múltipla) a enfermidade define-se como: “uma doença neurológica, crônica e autoimune – ou seja, as células de defesa do organismo atacam o próprio sistema nervoso central, provocando lesões cerebrais e medulares”. A esclerose múltipla (EM) é uma das doenças mais comuns do sistema nervoso central (cérebro e medula espinhal).

Hoje, mais de 2.300.000 pessoas em todo o mundo vivem com EM. Ainda não existem medicamentos que possam curá-la, mas existem tratamentos já disponíveis que podem modificar o curso da doença. Faça o tratamento com o medicamento Betaferon (betainterferona – 1b) fornecido gratuitamente pelo SUS no Hospital Geral de Fortaleza – HGF. Muitos dos sintomas da esclerose múltipla podem ser con-

trolados e gerenciados com sucesso, permitindo aos pacientes uma vida ativa tanto no âmbito pessoal como profissional.

## O percurso da formação educacional

Sempre almejei o conhecimento, sabia que somente através da educação conseguiria atingir meus objetivos de realização pessoal e profissional e, conseqüentemente, contribuir para a transformação da vida de pessoas ao meu redor.

A partir do esforço dos meus pais, iniciei a vida escolar no Colégio Patronato, *Padre Luiz Barbosa Moreira*, escola particular tradicional de caráter religioso, pertencente à Congregação das Irmãs Josefinas, localizado no bairro de Messejana, Fortaleza-CE. Lá, fui alfabetizada, aprendi a ler e a escrever, tendo cursado todos os anos da Educação Infantil.

Em 1991, ingressei no Colégio Cônego Francisco Pereira, uma escola também particular, localizada no mesmo bairro, onde concluí todo o Ensino Fundamental. Dando continuidade aos meus estudos, foi necessário mudar de escola, então, no ano de 1999 comecei a estudar no Colégio Farias Brito, no qual cursei o Ensino Médio.

Em 2001, prestei vestibular para a Universidade Federal do Ceará, fui aprovada no curso de Biblioteconomia, iniciando as aulas em 2002 e concluindo o curso em 2006. A razão da escolha dessa área é que sempre gostei de leitura e de pesquisa. Em virtude disso, após um teste vocacional realizado no colégio que cursei o ensino médio, optei por tentar o vestibular para Biblioteconomia. Motivada na busca do conhecimento e da qualificação profissional.

Em 2007, iniciei o curso de Especialização em Pesquisa Científica, oferecido pela Universidade Estadual do Ceará. Possibilidade enriquecedora de conhecer pessoas e pesquisas das mais variadas áreas do conhecimento.

Atualmente, percebo-me privilegiada em ser discente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PRO-FEPT. Oportunidade única e essencial de formação que propicia um enriquecimento intelectual e formativo. Na ocasião, pesquisei sobre a acessibilidade como forma de inclusão. Em virtude disso, apresento no último tópico a ideia central do objetivo da minha pesquisa.

## **Conquistas da caminhada profissional.**

Antes da minha atuação profissional como bibliotecária, fiz estágios em três lugares: na Creche Escola Felisbela Benvinda Guimarães (Instituição vinculada ao Tribunal de Justiça do Estado do Ceará); Colégio Santa Cecília e na Biblioteca Comunitária Gaivota. O que de certa maneira influenciou em meus desígnios com a educação.

A minha experiência profissional teve início no ano de 2007, como bibliotecária do Colégio Lourenço Filho. Durante esse período estudava para concursos públicos, o que me proporcionou a aprovação em 2009 para o cargo de bibliotecária, no concurso da Prefeitura Municipal de Aquiraz. Assumi em 2010, e durante quatro anos vivi uma jornada de muitos desafios e aprendizagem na busca pelo incentivo à leitura e a luta incessante de mostrar a importância da biblioteca e suas potencialidades transformadoras na vida da população aquirazense.

Sempre acreditei que poderia ir além, também tive consciência que os estudos seriam o melhor caminho para qualquer tipo de realização. Então continuei estudando para concursos, a meta agora a ser atingida era a aprovação em um concurso federal. Esse feito aconteceu em 2014, quando fui aprovada em 1º lugar, no concurso de *Bibliotecário-Documentalista* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, inicialmente fui nomeada para o município de Quixadá. Hoje, estou trabalhando na biblioteca do Campus Fortaleza, onde sou

uma das responsáveis pelo Setor de Processamento Técnico e pela inserção de trabalhos acadêmicos (TCC's; TCCE's, Dissertações e Teses) no Repositório Institucional, através do sistema *Sophia Biblioteca*.

## **Luta por inclusão social: desafios de uma pesquisa sobre acessibilidade no espaço escolar**

De acordo com o site oficial do Portal do Bibliotecário: “Para uma biblioteca ser acessível, é necessário que acolha um maior número de pessoas em suas atividades, que tenha instalações adequadas para atender cada um, conforme suas diferenças físicas, antropométricas e sensoriais; somando-se a isso a acessibilidade digital e tecnológica de forma organizada. Além disso, os funcionários devem ser solícitos no momento do atendimento, permitindo a acessibilidade. A parte arquitetônica e os produtos são fundamentais para um planejamento de biblioteca que seja acessível.”.

Em virtude disso e vivenciando cotidianamente a realidade da Biblioteca Waldir Diogo de Siqueira – IFCE Campus Fortaleza e conhecendo a realidade de outras unidades que compõem o SIBI (Sistema de Bibliotecas) do IFCE, sinto a necessidade urgente de tratarmos mais de perto de um tema por vezes esquecido: a acessibilidade. Tenho consciência que o espaço escolar deve ser acessível e, dessa maneira, promover a inclusão social. Nesse sentido, pretendo desenvolver um produto educacional e uma dissertação voltados para esse assunto.

Na nossa perspectiva, faz-se necessária a adequação dos espaços escolares, no caso específico desse estudo, o espaço da biblioteca, quando se almeja melhorias da acessibilidade. Sendo que a legislação não se restringe ao layout do espaço nem ao quantitativo de deficientes existentes e sim, determina que se considerem as adequações possíveis de serem realizadas bem como o uso de tecnologias assistivas.

Com o propósito de contribuir para as mudanças necessárias e imbuídos do desejo de transformação social, surgiu a pretensão de desenvolver uma pesquisa voltada para a efetivação da promoção da acessibilidade e da educação inclusiva. A referida pesquisa tratar-se-á de um estudo que irá se efetivar em uma proposta de implementação de um de guia (impresso ou no formato PDF) com orientações normativas e norteadoras para o pleno atendimento de pessoas com deficiência na Biblioteca Waldyr Diogo de Siqueira – *campus Fortaleza (locus de nossa pesquisa)* e em um momento futuro ser apresentado ao Sistema de Bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – (SIBI-IFCE). O intuito é proporcionar um espaço mais digno, com acessibilidade para os usuários com necessidades educacionais especiais.

Depois do que já vivenciei, posso dizer que estou feliz em fazer parte do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. O meu intuito é fazer valer a pena esse processo de formação contribuindo para a efetivação dos objetivos propostos pelo curso.

## Referências

ACESSIBILIDADE nas bibliotecas: uma necessidade para promover a inclusão social. 2015. Disponível em: <<http://portaldobibliotecario.com/biblioteca/acessibilidade-nasbibliotecas-uma-necessidade-para-promover-a-inclusao-social/>>. Acesso em: 20.08.2018.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas. II – Rua de Mão Única*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. *Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

# Vivências próximas e remotas: uma introspecção formativa

*Cleide Helena Matos da Silva<sup>31</sup>*

## Considerações iniciais

Este memorial trata de um breve relato de minhas vivências desde a vida escolar até o ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, passando pelas experiências pessoais e profissionais, pelas dificuldades encontradas e pelos ganhos adquiridos. É uma ação introspectiva de lembrar momentos repletos de significados.

O ser humano é um conjunto de aspectos emocional, pessoal e profissional interligados; e os dois primeiros, na minha vida, muito influenciaram no segundo. O rompimento do meu casamento foi determinante para a decisão de ter dois cargos públicos. Dessa união matrimonial, nasceu uma filha, minha amiga e grande companheira.

Meu nome é Cleide Helena Matos da Silva, e nasci em Uruburetama-CE. Foi nessa cidade que iniciei e concluí minha educação básica, mas já ansiava morar em Fortaleza para cursar o nível superior a fim de obter segurança na vida financeira e a isto aliar o prazer pelo estudo. Gosto de me entreter com os livros e sempre admirei os pesquisadores, por isso meu interesse em aprender a pesquisar e o entusiasmo pelo mestrado.

---

<sup>31</sup> Cleide Helena Matos da Silva, discente do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (Turma 2018.2), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.

## Minha vida

Fazer um resgate de minha vida perpassa obrigatoriamente por muitos momentos enquanto aluna e enquanto profissional. Esses momentos se entrelaçam.

Quando tinha aproximadamente 04 (quatro) anos de idade, sempre acompanhava minha mãe na ocasião do pagamento da mensalidade escolar dos meus irmãos e insistia para que ela me matriculasse na escola, que, embora privada, era de custo acessível. Ainda lembro da alegria sentida no meu primeiro dia de aula no Jardim de Infância I. Minha mãe seguia o costume daquela época de alfabetizar os filhos em casa, antes do ingresso na escola. Sobre o surgimento da educação pré-escolar, Kramer (2006, p. 801) registra que: "Só em 1974, o pré-escolar recebeu atenção do governo federal, evidenciado na criação da Coordenação de Educação Pré-Escolar (MEC/COEPRE), em documentos e pareceres do Conselho Federal de Educação". A publicação da Lei nº 12.796/2013, que alterou o art. 4º da Lei nº 9.394/1996 – Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – tornou a educação pré-escolar obrigatória e incluída na educação básica. (BRASIL, 2013)

Decidida a ingressar em um curso de nível superior logo que concluisse o 2º grau, denominação do Ensino Médio naquela época, resolvi cursar o Magistério e o Técnico em Contabilidade, como forma de obter mais conhecimento, pois eram os únicos existentes na cidade onde nasci, não sendo ofertado o Ensino Científico – ensino propedêutico preparatório para o ingresso no Ensino Superior. Esses dois cursos profissionalizantes foram concluídos em 1987 sob a égide da Lei nº 7.044/82, a qual extinguiu a escola única profissionalizante obrigatória. Apesar da criação da Lei nº 7.044/82, nada havia mudado, existindo simultaneamente a escola de formação geral exclusiva e a de formação profissional de nível técnico. (Kuenzer, 1991, p.13)

No concurso de vestibular de 1989.2, fui aprovada em 2º lugar no curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará-UFC, influenciada por uma irmã. Esse era minha segunda opção de curso; a primeira era o de Arquitetura e Urbanismo, mas fui reprovada no teste de habilidade, seu pré-requisito.

O curso de Graduação de Economia Doméstica surgiu em 1952, juntamente com a implantação da primeira Escola Superior de Ciências Domésticas, na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, hoje Universidade Federal de Viçosa-MG. Para atender as demandas das instituições de extensão rural no país, outras universidades começaram a criar os cursos de Economia Doméstica, conforme relata Pinheiro (2016, p. 150):

Finalmente, o surgimento da Economia Doméstica como profissão esteve intimamente ligado às demandas da Extensão Rural e, por isso, o curso se consolidou com um forte caráter técnico, via transferência de modelos de ensino norte-americanos. Sob o signo da modernidade, o curso recebia mulheres saídas do âmbito do privado, ao mesmo tempo em que as formava para serem difusoras de valores que associavam as mulheres ao doméstico.

A Economia Doméstica é considerada uma ciência social aplicada que integra conhecimentos e técnicas provenientes das ciências biológicas, exatas e sociais com o propósito de estudar processos no gerenciamento (identificação, reconhecimento e uso) em ambientes constituídos por indivíduos, famílias e grupos, buscando como consequência o desenvolvimento (biológico, intelectual, emocional e social) e o bem-estar humano.

O perfil do profissional de Economia Doméstica, na época de seu surgimento, era de educador rural, orientando as famílias rurais

sobre: alimentação e nutrição; classificação, preparação e conservação dos alimentos; saúde e higiene; desenvolvimento humano; vestuário; habitação; administração do lar; educação do consumidor e outras atividades que pudessem contribuir ainda mais para atender as necessidades básicas da família rural. Ao longo de sua trajetória, a formação universitária em Economia Doméstica foi sofrendo alterações curriculares com o objetivo de se adaptar ao novo modelo de competitividade e criatividade necessária aos profissionais de forma a atender as demandas também das famílias urbanas, em razão do contexto de novas tendências políticas, econômicas e sociais e novas relações de trabalho e/ou emprego estabelecidas.

Atualmente, esta profissão está incluída no parágrafo 3º, do art. 2º, da Resolução Nº 17, de 20 de junho de 2011, do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), que ratifica a equipe de referência definida pela Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social – NOB-RH/SUAS e reconhece as categorias profissionais de nível superior para atender as especificidades dos serviços socioassistenciais e das funções essenciais de gestão do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. (BRASIL, 2011)

Ao ingressar no curso, não conhecia a profissão, mas me interessei pelo seu campo de atuação e resolvi concluí-lo. Infelizmente, é um curso extinto atualmente.

Diante dos conhecimentos específicos do curso e das possibilidades de atuação desta profissão, dediquei-me, enquanto aluna, a alguns dos setores de estudos, aproveitando oportunidades para participar de estágios, monitoria, seminários, cursos, encontros etc. Fui monitora da Disciplina Têxteis e Vestuário que viabilizou o desenvolvimento de aptidões, como conhecimento, autonomia, dedicação, disciplina, responsabilidade e trabalho em equipe. Participei do I Encontro

de Iniciação à Docência, com apresentação do trabalho Ensino de Modelagem no Curso de Economia Doméstica. Estagiei no Restaurante do Comerciário do Serviço Social do Comércio – SESC. Esta experiência foi de grande importância, visto que me proporcionou vivenciar o processo produtivo de refeições e auxiliou-me no desenvolvimento de habilidades de liderança e de tomada de decisão. Ainda participei do Projeto Bolsas SEBRAE/IEL para apoio às Micro e Pequenas empresas, promovido pelo Instituto Evaldo Lodi – IEL – que tinha como objetivo reduzir o desperdício e melhorar a qualidade do produto da empresa Glady's Confecções Ltda.

Concluí o Curso na modalidade de bacharelado em dezembro de 1994, e minha primeira experiência profissional foi no Grupo C. Rolim Tecidos S/A, em 1995, como assistente de produção da gerência do Departamento de Fação, nas atividades de supervisão e controle de qualidade de produto. Esta experiência foi interrompida 04 (quatro) meses depois, em razão da aprovação na seleção para professor substituto do Departamento de Economia Doméstica da UFC. Foi um desafio, porque algumas das minhas alunas eram colegas de curso. Concluído o período dessa contratação, em 1996, continuei a lecionar no mesmo departamento, por mais um semestre, ministrando disciplina do Curso de Estilismo e Moda, mediante um convênio entre a Universidade Federal do Ceará e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI.

Em fevereiro de 1996, assumi 20h/a semanais do cargo público de professor iniciante I, da rede estadual de ensino, mediante concurso público. Nessa ocasião, passei a trabalhar nos turnos manhã e tarde na UFC e, à noite, na escola estadual, situação de acumulação de cargo público prevista na alínea a, do inciso XVI, do art. 37, da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988). Em outubro do mesmo ano, fui

convocada e assumi as outras 20h/a semanais, pois o cargo estadual era de 40h/a semanais e a contratação com a UFC havia terminado.

No ano de 1997, concluí a modalidade de licenciatura em Economia Doméstica, como forma de habilitação para assumir turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental na rede estadual como orientador de aprendizagem do sistema de telensino, cujo objetivo é narrado por Oliveira (2014, p.64): "O Telensino surgiu com o objetivo de levar educação aos municípios cearenses mais distantes e localidades de difícil acesso, para suprir a carência de professores habilitados". Porém, mesmo na capital, onde essa carência não existia, o sistema foi implantado e consistia na lotação de um professor por turma com atribuição de orientar a aprendizagem dos alunos em todas as disciplinas, cujo conteúdo era transmitido em vídeos-aulas de 10 a 15 minutos de duração. Na verdade, nós, professores de formação específica, tínhamos que ministrar novamente os conteúdos de matemática e português no quadro de giz ou aplicar outra metodologia para a efetiva aprendizagem do aluno.

No ano de 1998, concluí o curso de Pós-graduação *Lato-sensu* em Planejamento Educacional com o propósito de atualização de conhecimento. Foi proveitoso o assunto estudado e pontual para o momento profissional.

Com a municipalização do ensino, em 1995 (NASPOLINI, 2001, p. 172), as escolas municipais assumiram a Educação Infantil e o Ensino Fundamental; e as escolas estaduais, o Ensino Médio. Em razão do currículo de minha graduação conter disciplinas como Biologia Geral, Microbiologia, Bioquímica e Microbiologia de Alimentos e outras disciplinas da área de alimentação e nutrição, passei a ministrar a disciplina de Biologia.

Com dificuldades em um casamento de 09 (nove) anos e com

uma filha, em 2001, busquei uma segunda fonte de renda antes da provável separação: assumi o cargo público de professor da rede municipal de Fortaleza, mediante concurso público para ministrar a disciplina de Ciências, com carga horária de 20h/a semanais. Passei a cumprir novamente os 03 (três) expedientes, manhã, tarde e noite, em sala de aula. Naquela época, todas as atividades de estudo, planejamento, elaboração e correção das avaliações dos alunos eram realizadas nos finais de semana, na residência do professor. Somente em 2008, foi publicada a Lei nº 11.738/2008, que instituiu o piso salarial profissional para os professores do magistério público da educação básica, contemplando as horas de planejamento dentro da carga horária do professor. (BRASIL, 2008).

Durante o ano de 2002, mediante pré-requisito de aprovação numa seleção pública para coordenador pedagógico, fui convocada para participar como membro da Equipe de Ensino do Núcleo Regional III do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 21 – atual Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza – SEFOR – cumprindo a carga horária de 20h/a semanais e exercendo a função de Professor Coordenador de Ensino – PCE – com atribuição de realizar visitas de acompanhamento do trabalho pedagógico de um grupo 05 (cinco) escolas e promover treinamento com professores na adoção da avaliação qualitativa a partir de um conselho de classe, formado por professores da turma avaliada. Com dificuldade de tempo para me deslocar, permaneci nessa função somente um ano, retomando às 40h/a semanais em sala de aula, na rede estadual.

Em 2007, conclui o Curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar, promovido pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC em convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Assumi, no ano de 2004, o cargo público de Economista Doméstico no Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará – CEFETCE -, atual IFCE, com carga horária de 40h semanais. Permaneci ainda com 20h/a semanais do cargo de professor da rede estadual, em razão do rompimento do casamento e da necessidade de manter a renda familiar.

Ao ingressar no IFCE, embora o contrato fosse de 40h/semanais, era permitido trabalhar 30. Porém, meu chefe imediato indicou a necessidade de cumprir as 40h/semanais, em razão da complexidade do setor. Passados 02 (dois) anos, me foi concedido trabalhar as 30h/semanais. Eu era a única servidora do setor e coordenava uma equipe de 08 (oito) prestadores de serviço mais 01 (uma) estagiária. Nessa mesma época, na escola estadual em que eu trabalhava era permitido fazer o planejamento pedagógico em domicílio. Então, ao invés de cumprir 04 (quatro) expedientes noturnos de 5h/a, tinha obrigação de estar na escola somente 03 (três). Com dois expedientes livres na semana a partir das 14h iniciei a faculdade de Direito, pois almejavam um outro concurso público com uma renda equivalente ou maior a minha, trabalhando somente 40h/semanais. Concluí a faculdade de Direito em 2013 e fui concurseira por aproximadamente 02 (dois) anos. Aprovada em alguns concursos públicos em outros estados, não fui nomeada em nenhum deles, embora também não houvesse vantagem financeira. Obtive, em 2014, o exame da Ordem. Minha mãe adoeceu em 2016 e faleceu em agosto do mesmo ano. No mês seguinte, fui acometida de problemas de saúde que se agravaram em 2017, interrompendo meus estudos na área jurídica. Nem sempre, temos gerência sobre nossos planos.

Ao tomar conhecimento sobre o PROFEPT, resolvi estudar para sua seleção em 2018 e fui aprovada. É vantajoso para mim o fato de

o curso ser promovido pela instituição na qual eu trabalho, funcionar no mesmo Campus e ter aulas em um único dia da semana.

O objeto de investigação da dissertação do mestrado do PRO-FEPT pretendido buscará relacionar conhecimentos adquiridos nas minhas formações em Economia Doméstica e Direito, em consonância com a atuação na gestão como técnico-administrativa na Unidade de Alimentação Escolar do IFCE-*Campus* Fortaleza. A pesquisa consistirá numa análise da aquisição de gêneros alimentícios com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE realizado pelo IFCE-*Campus* Fortaleza. O produto educacional a ser desenvolvido na dissertação será um documento escrito constituído de um Manual de Gestão do IFCE-*Campus* Fortaleza para Aquisição de Gêneros Alimentícios em atendimento ao PNAE.

## Conclusão

O caminho traçado e narrado neste memorial suscitou-me lembranças e reflexões, ora de sucesso, ora de questionamentos das escolhas feitas na minha trajetória não só acadêmica e profissional, mas também pessoal.

Cursar o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT significa não só retomar atividades discentes que me agradam, mas também realizar pesquisas que, certamente, provocarão um novo caminhar com novas dificuldades a serem vencidas.

## Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. *DOU* de 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em 02 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução Nº 17, de 20 de junho de 2011, do CNAS. Ratifica a equipe de referência definida pela NOB-RH/SUAS e reconhece as categorias profissionais de nível superior para atender as especificações dos serviços socioassistenciais e das funções essenciais de gestão do SUAS. *DOU* de 21 de junho de 2011. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/cnas/legislacao/legislacao/resol>. Acesso em: 08 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. *DOU* de 17 de agosto de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11738.htm). Acesso em: 04 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. *DOU* de 05 de abril de 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1). Acesso em: 04 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *DOU* de 12 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-norma-pl.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *DOU* de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 04 de dezembro de 2018.

FERNANDES, Pinheiro, Camila. *Estado, extensão rural e economia doméstica no Brasil (1948-1974)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.173 f. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/2038.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2018.

KRAMER, Sônia. *As Crianças de 0 A 6 Anos nas Políticas Educacionais no Brasil: Educação Infantil E/É Fundamental*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 27, n. 96 – Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796>. Acesso em 01 de dezembro de 2018.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão*. 2ª impressão. Brasília, DF, 1991. 125p.

NASPOLINI, Antenor. A reforma da educação básica no Ceará. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 15, nº 42, p.169-186, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a06.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 1988.

OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de. *A educação pelas antenas de TV: narrativa histórica da implantação do telensino no Ceará (1973-1979)*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014. 149 f. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10474>. Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

# Na memória: “parabéns minha filha, você faz parte de uma pequena parcela da população que chega ao nível superior”

*Érika Fabíola de Araújo Ribeiro e Albuquerque*

## **Introdução**

O presente memorial tem como objetivo realizar uma breve descrição da minha formação acadêmica e meu percurso profissional, numa tentativa de aproximar o leitor das minhas vivências enquanto estudante e assistente social. Pretendo fazer esse caminho de forma leve e crítica, suspendendo a realidade e percebendo momentos para além do cotidiano vivenciado.

Nasci no dia 19 de março de 1980, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, formei-me em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2004; tornei-me especialista em Gestão de Organizações Sociais, pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), em 2009. Atualmente, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), servidora do IFCE desde 2009, fui removida para o *campus* de Fortaleza em 2014. Sou mulher, mãe, filha, esposa, irmã, amiga e praticante de treino funcional.

A minha vida acadêmica iniciou-se no segundo semestre do ano de 1998, quando ingressei na turma de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde logo percebi que “há mais coisa

entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia<sup>32</sup>”.

Ao receber a notícia da minha aprovação no vestibular<sup>33</sup>, no ano de 1998, lembro-me do meu pai me parabenizando com a frase: “Parabéns minha filha, você faz parte de uma pequena parcela da população que chega ao nível superior.” Na ocasião, não consegui compreender a profundidade daquela colocação.

Foi entre os muros de uma universidade pública estadual que percebi as contradições que permeiam nossa sociedade e que têm reflexos no ambiente acadêmico. Diferente da educação básica, muitos estudantes aparentavam ser de camadas mais elitizadas da sociedade. Alguns se deslocavam de carro próprio e a maioria das minhas amigas (ou todas elas, inclusive eu) havia concluído o ensino médio em escolas particulares, evidenciando a dicotomia na educação brasileira, em que os cursos de nível superior são destinados às elites e à pequena burguesia (com poucas exceções), enquanto os filhos da classe trabalhadora buscavam cursos profissionalizantes por necessidade de inserção mais rápida no mercado de trabalho.

Somado a essa necessidade, há ainda a precarização do ensino básico público, que torna o acesso de seus estudantes a universidades públicas ainda mais difícil. Nesse momento, percebi o peso da frase do meu pai. Somente em meados dos anos 2000<sup>34</sup> iniciou-se o debate sobre cotas nas universidades para estudantes oriundos das escolas públicas, sendo a UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) a

---

<sup>32</sup> William Shakespeare, Hamlet, 1601.

<sup>33</sup> Sistema de seleção adotado pelas instituições de ensino superior de todo o Brasil na época.

<sup>34</sup> Informação disponível em

<https://vestibular.mundoeducacao.bol.uol.com.br/cotas/historia-sistema-cotas-no-brasil.htm>

primeira a adotar esse sistema, que se tornaria lei<sup>35</sup> no ano de 2012.

No curso de Serviço Social, tive a oportunidade de ler alguns autores de pensamento marxista, os quais me aproximaram da compreensão da questão social e suas múltiplas refrações, fazendo-me compreender a realidade de outra forma, com olhar mais crítico e reflexivo, entendendo o homem como um ser social e imensamente complexo.

Em 2001, iniciei meu estágio curricular no Abrigo Tia Júlia<sup>36</sup>, sendo este o meu primeiro contato com o fazer profissional do assistente social. No Abrigo, me apaixonei ainda mais pela profissão e percebi que podia fazer grande diferença na vida de uma pessoa, como acredito ter feito na vida daquelas crianças. Lá aprendi muita coisa e ensinei algumas. Aprendi a fazer visitas domiciliares, atendimentos e relatórios, muitos relatórios. Ensinei algumas crianças a andar e, principalmente, aprendi a amá-las. Caí de amores por dois meninos que estavam abrigados, um adolescente com deficiências e um bebezinho. Chorei de felicidade e com a sensação de dever cumprido quando vi “meu bebê” sair do abrigo nos braços de sua mãe adotiva. Chorei de tristeza por saber que “meu rapaz” continuaria ali por muitos e longos anos. Isso porque a sociedade em que vivemos prefere transformar abrigos em depósitos de crianças (principalmente se estas apresentarem problemas de saúde) a dar-lhes um lar.

Nossa sociedade, hipócrita e machista, que culpa as mulheres pelo abandono de seus filhos, acredita que o problema do abandono

---

<sup>35</sup> Lei nº 12.711/2012.

<sup>36</sup> Instituição governamental que acolhe crianças de zero a sete anos, em situação de abandono ou temporariamente impossibilitadas de permanecer com suas famílias.

infantil se resolve com o abrigo, assim como o problema da violência se resolve com a construção de novos presídios, com a diminuição da maioria penal ou com a liberação do armamento, pois é mais fácil encarcerar o “problema” do que buscar soluções efetivas para ele.

Em 2002, na qualidade de pesquisadora de campo, participei da pesquisa intitulada “Pesquisa sobre exploração sexual comercial de crianças e adolescentes no estado do Ceará”<sup>37</sup>, uma experiência muito rica por ter sido o meu primeiro contato com o mundo da investigação acadêmica. Naquele trabalho percebi que algumas perguntas podem trazer profundo sofrimento para a pessoa entrevistada, descobri que o entrevistador precisa ser portador de grande sensibilidade para entender inclusive o não verbalizado, compreendi que o ser humano é muito complexo, mas aprendi, sobretudo, que minhas crenças, costumes e hábitos nunca podem interferir no meu fazer profissional.

Apesar da pesquisa, acabei definindo a adoção, o abandono e o gênero como objetos de investigação no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois, durante o estágio, observei que as meninas brancas e recém-nascidas eram preferidas entre os adotantes, enquanto os meninos negros e com idade acima de três anos acabavam permanecendo por mais tempo abrigados.

Entrevistei cinco mulheres que realizaram adoção de meninas e foi possível concluir que a escolha desse perfil de criança está associada

---

<sup>37</sup> Pesquisa realizada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Instituto de Pesquisas e Projetos da UECE (IEPRO) e Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA), com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF/CE-RN), cujo relatório final foi publicado em novembro de 2003.

às representações de gênero, que comumente relaciona as mulheres a seres mais carinhosos, dedicados, caseiros e, sobretudo, companheiras, garantindo uma velhice mais segura para suas mães, ao lado das filhas. Essa crença é reflexo da sociedade patriarcal e machista em que vivemos, que convencionou o espaço privado/doméstico como sendo próprio da mulher e o espaço público como aquele inerente ao homem. Assim, historicamente a mulher vem sendo ensinada a cuidar do ambiente doméstico, inclusive através de brincadeiras aparentemente inocentes que reproduzem o cuidado com o lar e com os filhos. Quando as mulheres conseguiram romper essa barreira, acabaram exercendo profissões que pressupõem a atenção e cuidado com o outro, como professoras da educação infantil, enfermeiras ou assistentes sociais. Através dessas leituras, passei a ter uma visão diferente do que é ser mulher e qual o nosso papel na sociedade.

Em 2004, me tornei bacharela em Serviço Social e recebi da banca a orientação para dar continuidade à minha pesquisa no mestrado. Participei de algumas seleções e “quase” consegui aprovação, mas as circunstâncias da vida me forçaram a buscar um trabalho e após um ano e meio desempregada e muitas frustrações, mudei-me para a cidade de Sobral em 2005. Lá tive a oportunidade de exercer a profissão que escolhi, trabalhando na Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental (SEHABS), da Prefeitura Municipal de Sobral, por três anos.

Foi no interior do Ceará que me deparei com a extrema pobreza, conheci lugares sem qualquer infraestrutura básica, famílias que realizavam suas necessidades fisiológicas dentro de buracos no quintal ou em sacolas plásticas que eram atiradas em terrenos baldios próximos ou eram queimadas junto com o lixo comum. Famílias que residiam em pequenas construções em taipa, edificadas em áreas de risco,

e que apenas sobreviviam através do programa de repasse de renda do Governo Federal.

Conheci uma realidade que para mim parecia distante, mas que se mostrou de forma cruel. Embrutecei e, em alguns momentos, até perdi a minha sensibilidade, mas sempre tentava lembrar das minhas bases conceituais, dos autores estudados na graduação, para que eu me percebesse enquanto classe trabalhadora inserida dentro de um sistema capitalista que tem como máxima a criação de um enorme contingente de desempregados e desprovidos de quaisquer direitos sociais para justificar a sua existência. Aquelas pessoas que, muitas vezes, tentavam me envolver em suas histórias fantasiosas eram a resistência, elas buscavam, mesmo sem qualquer princípio ético, garantir a efetivação de seus direitos básicos constitucionais.

Não demorou muito até que eu percebesse que, através do meu fazer profissional, era possível contribuir diretamente para a melhoria da qualidade de vida de algumas famílias, seja através da elaboração de projetos sociais, seja na seleção das famílias para recebimento da tão sonhada casa própria ou até mesmo do equipamento sanitário, uma coisa simples para alguns, mas para muitos significava o resgate da cidadania. Lembro que o cenário político da época favoreceu essas atividades, uma vez que havia claro incentivo às políticas públicas sociais, em nível de Governo Federal, iniciada em 2002 após a eleição de um presidente oriundo da classe trabalhadora.

Mas eu estava cansada. Cansada de estar imersa num fazer sem criticidade, por isso, em 2007 decidi matricular-me no curso de Especialização em Gestão de Organizações Sociais, ofertado pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Foram dois anos de contato com a academia e com o pensamento crítico que me deram um novo ânimo para encarar a realidade.

Apesar da gama de opções de estudo que o meu local de trabalho me proporcionava, resolvi elaborar minha pesquisa para a conclusão do curso pelo caminho inicialmente trilhado no TCC e foquei meus estudos no abandono infantil sob a ótica da gestão de uma Organização Não Governamental do município de Sobral, o Abrigo São Francisco<sup>38</sup>. Voltar a estudar o tema do abandono e adoção de crianças me entusiasmou, as leituras eram muito fáceis e me traziam grande felicidade. Mas o processo de escrita não foi muito simples, apesar do grande contentamento, pois eu e minha orientadora residíamos em cidades diferentes. No entanto, mesmo em meio a uma turbulência emocional que me acometia na época, em 2009 apresentei o artigo intitulado “Abandono infantil: os desafios da gestão do Abrigo São Francisco” e, mais uma vez, uma banca de avaliação me orientou a buscar o mestrado.

No entanto, no decorrer da pós-graduação, a minha vida profissional tomou novas formas. Em 31 de dezembro de 2008, devido à troca de gestão dos municípios, fui exonerada da Prefeitura Municipal de Sobral e, para a minha grata surpresa, na mesma data fui nomeada para o IFCE. Fiquei surpresa sim, pois não tinha sido aprovada dentro das vagas do concurso para ser nomeada tão rápido. Estávamos no período de plena expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, em que houve um aumento significativo do número de contratações de servidores, por meio de concurso público.

Dessa forma, em fevereiro de 2009, mudei-me para a cidade de

---

<sup>38</sup> Organização Não Governamental, vinculada a um centro católico, situada no município de Sobral (CE), que apresenta como finalidades amparar crianças e adolescentes em risco pessoal e social, prevenir o abandono de crianças e incentivar a adoção.

Cedro, distante 416 km de Fortaleza, onde fui trabalhar em uma nova política, a educação. Trabalhei por nove meses no *campus* de Cedro, onde não fui muito feliz. Não culpo ao *campus*, nem aos profissionais, mas eu estava longe da minha família e amigos e isso refletiu negativamente na minha atuação profissional. Naquele momento percebi a real importância do bem-estar psíquico para as nossas vidas.

Em outubro de 2009, fui removida para o *campus* de Sobral, onde, na minha avaliação, passei a desenvolver um trabalho satisfatório. Pesquisei e estudei temas relacionados ao serviço social e à educação, participei de comissões de elaboração de documentos norteadores da Assistência Estudantil do IFCE, envolvi-me com a educação. Mas nenhum tema em especial me chamava a atenção, nada me instigava a pesquisa.

Permaneci no *campus* de Sobral por cinco anos, totalizando nove anos residindo naquela cidade. Em 2014, já com um filho de dois anos, mudei-me novamente, desta vez estava retornando para a minha cidade natal, Fortaleza. Eu achava que essa seria a mudança mais fácil de todas, mas eu estava enganada. Não demorou muito para que surgissem os primeiros sintomas da depressão. Passei quase dois anos em sofrimento e com o apoio de profissionais, da minha família (especialmente o meu filho) e de amigas especiais, consegui reequilibrar minha vida.

O reequilíbrio psíquico refletiu positivamente no meu fazer profissional diário. Apesar de uma rotina exaustiva na análise e na seleção de auxílios estudantis, que me consumia quase todo o tempo e energia, percebi demandas não verbalizadas pelos estudantes, demandas essas que não se apresentaram quando estava lotada nos *campi* por onde passei.

Passei a analisar discursos, observar comportamentos e identificar objeto de estudos de colegas de profissão que estavam inseridas em

programas de mestrado ou doutorado. Identifiquei estudos sistemáticos abordando as temáticas da retenção, evasão e assistência estudantil, mas dentro dessas discussões, não vislumbrava novo viés de pesquisa para mim, no entanto o desejo em iniciar o mestrado era grande.

Particpei de algumas seleções de programas de mestrados acadêmicos e profissionais, mas ainda não tinha despertado a vontade por abordar uma temática específica. Iniciei minhas leituras sobre educação profissional para participar da seleção do ProfEPT e nesse intervalo algumas demandas envolvendo questões de gênero chegaram até o Serviço Social.

Meu interesse foi sendo aguçado, mas as tentativas pouco exitosas de articular gênero e educação profissional me traziam desânimo. Um dia, em um atendimento de rotina, uma estudante nos procurou solicitando orientações, pois a amiga estava sendo barrada da seleção feminina de uma modalidade de esporte nos Jogos do IFCE por ser uma mulher trans. A partir de então fui me aproximando dessa realidade, por meio de leituras, vídeos ou conversando com amigas. Essa aproximação me trazia, a cada dia, mais envolvimento com a temática e fui amadurecendo a ideia de seguir uma pesquisa por esse caminho.

Após minha aprovação no ProfEPT, no ano de 2018, e passado um pouco da euforia inicial, defini como objeto de estudo a dificuldade de acesso e permanência de mulheres transexuais no ensino superior, uma vez que, marcadas pelo preconceito, estas mulheres acabam abandonando a escola e chegar ao nível superior significa resistir. Como produto educacional penso em propor ações dentro da Política de Assistência Estudantil do IFCE, objetivando sensibilizar a comunidade acadêmica, bem como a sociedade em geral para o direito dessas pessoas e, assim, minimizar os efeitos do preconceito que as cercam.

Redigir esse memorial me fez resgatar momentos que vivenciei durante a minha formação acadêmica e profissional e que já haviam sido esquecidos, não por serem inexpressivos, mas devido a uma vida agitada e estressante que nos impossibilita, muitas vezes, de reviver épocas marcantes de nossas vidas. Traçar novamente o caminho percorrido até os dias atuais não foi tão simples, refletir sobre nossas práticas é sempre muito difícil, mas necessário. Revisitar e refletir sobre a prática profissional que venho construindo há 14 anos me faz perceber que tenho ainda muito a caminhar e a refinar, por isso acredito que esse mestrado será de suma importância para esse aprimoramento.

## Referências

BRASIL. *Lei nº 12711/2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

CAETANO, Érika. *História do sistema de cotas no Brasil*. Brasil. Disponível em: <https://vestibular.mundoeducacao.bol.uol.com.br/cotas/historia-sistema-cotas-no-brasil.htm>. Acesso em 02 dez 2018. Brasília, DF.

# Recordações: aprendizado e superação

*Gesyanne Keila Teixeira dos Santos*<sup>39</sup>

## **Introdução**

Escrever sobre minha vida tem um significado ímpar, uma vez que me levou a recordar detalhes importantes da minha trajetória como estudante e profissional, como ser social. Escrever me fez reviver as diversas situações que me trouxeram até aqui, onde hoje me encontro. Muito foi vivido, aprendido, superado e agora escrito. Ainda há muito a ser vivido, existem páginas em branco para escrever, para viver e aprender.

## **Base familiar, vida educacional e profissional**

Nasci em 1981 e sou natural de Fortaleza – Ceará. Desde muito cedo mostrei interesse por leituras e estudos e, mesmo sempre tendo estudado em escola pública, quando ainda estava eu, na antigamente chamada 7ª série (hoje 8º ano), já tinha certeza que faria vestibular, mesmo não sabendo ao certo o que era ou como funcionava o vestibular. Lembro-me que sempre gostei de leitura, então frequentemente ficava o segundo turno na biblioteca da escola em busca de boas leituras, sobre assuntos variados. Minha mãe, mesmo não tendo condições

---

<sup>39</sup> Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharel em Secretariado Executivo, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). gesy.jc@gmail.com

de comprar livros, sempre que podia, pedia algum emprestado aos familiares, e eu ainda tinha a opção de ler o livro de português do meu irmão mais velho que cursava duas séries a mais que a minha e assim lia todos os textos do livro de português.

E foi em um desses livros que um texto me chamou a atenção, era de um livro de português do meu irmão, que tinha o seguinte intitulado: “Eu queria não ter vergonha I e II”. Era um texto denso, para a série a qual era destinado e por isso, o/os organizador/es do livro tenham optado por dividir em dois momentos, ou talvez nem foi por ser grande o texto e sim porque ele era tocante, pois contava a história de racismo sofrido por uma garotinha na sua própria escola. Talvez eu tenha me identificado com aquela história e por isso eu não a esqueci.

Ao terminar o Ensino Fundamental, na época “1º grau” (atualmente denominado Ensino Fundamental), fiquei sabendo da existência da Escola Técnica do Ceará, onde tentei cursar o “2º grau” (atualmente denominado Ensino Médio) em conjunto com um curso profissionalizante. Na época, fiz a seleção para cursar computação, mas não obtive a aprovação. E então cursei o 2º grau em duas escolas do bairro, a EMIEFM Edgar Vieira Guerra, situada no bairro Nova Metrópole, no município de Caucaia – CE e a outra escola se chamava EMEFM Romeu de Castro Menezes, situada no mesmo bairro e cidade.

Logo que terminei o ensino médio, no ano de 1999, já informada sobre o que significava o vestibular e mesmo ainda não estando preparada, tentei o meu primeiro vestibular para o curso de Letras, na Universidade Estadual do Ceará – UECE, sem êxito. Mesmo inexperiente com o vestibular, não pretendia desistir. Ao mesmo tempo em que estudava para o vestibular e também para concursos, em casa

mesmo, porque não tinha condições financeiras para pagar cursinho, compreendi que o aprendizado adquirido ao longo dos meus anos na escola pública não foi e nem seria suficiente, por diversos fatores os quais cito somente alguns: passar por três anos do Ensino Fundamental estudando pelo sistema de TV, passar diversas vezes por problema de falta de professor, substituição de professor e também por falta de livros para algumas matérias.

Porém, as dificuldades pelas quais passei foram sendo ultrapassadas e pouco tempo depois de terminar o Ensino médio, comecei a trabalhar, pois minha mãe, mesmo passando por dificuldades financeiras, sendo somente ela para sustentar 4(quatro) filhos, só nos permitia trabalhar quando “terminássemos os estudos”, o que naquela época, na nossa condição social, significava concluir o 2º grau. Então recebi um convite para trabalhar, como auxiliar administrativo, na secretaria de uma escola da Prefeitura de Caucaia, Ceará, que ficava em um bairro vizinho. Com o pagamento que recebia, eu poderia pagar um cursinho e voltar a tentar vestibular com uma maior chance de ser aprovada, e realizar meu sonho.

Pouco tempo depois, fui informada que haveria inscrição para seleção de um cursinho pré-vestibular no *Campus* do Pici, a um preço acessível, diferente dos cursinhos particulares. E então, eu poderia pagar. O que minha mãe não podia fazer. Então, por volta do ano 2000, fui atrás de fazer a seleção para o cursinho e passei. Recordo que fiquei muito feliz porque já imaginava que se eu estudei para seleção do cursinho e passei, eu poderia, agora, preparar-me para passar no tão esperado vestibular. No cursinho, comecei a ver a aprender material que nunca havia visto na escola e que eram essenciais para o vestibular. Então fui me inscrevendo e fazendo as provas de vestibulares da UECE e Universidade Federal do Ceará (UFC). Como não fui logo apro-

vada, entendi que era um processo, que a cada prova eu melhorava um pouco, agora eu estava mais experiente e com maior conhecimento. Fiquei na lista dos classificáveis no vestibular da UECE para o curso de Serviço Social e no vestibular da UFC, de 2002, aos 21 anos, quando me inscrevi para o curso de Secretariado Executivo – noturno, aconteceu a aprovação. Lembro-me que dos cursos que eram oferecidos naquele vestibular, este curso era o melhor para as minhas condições na época, por ser um curso noturno. Durante o dia eu teria que trabalhar.

As disciplinas específicas exigidas foram matérias que eu melhor me identificava, elas eram português e história. Passei na primeira fase e fiquei aguardando pelo resultado da segunda fase. Como naquela época tínhamos acesso restrito à internet, precisávamos ver o resultado do vestibular pelo jornal impresso. E aconteceu que minha amiga de cursinho, em um domingo cedo, chegou com o jornal na mão me acordando, porque havia visto meu nome na lista de aprovados para o curso de Secretariado Executivo Noturno, da UFC. Era o meu sonho, iniciado lá na 7ª série, que se concretizava.

Ser aprovada no vestibular da UFC era um orgulho para qualquer família e na minha não foi diferente, minha mãe e familiares ficaram muito contentes, mesmo não sendo um dos cursos mais “elitizados”, ser aprovada já era considerada uma grande vitória e eles sabiam da luta que eu havia travado para chegar até ali. Os anos que se seguiram com a graduação foram de muito aprendizado acadêmico e social.

De 2003 a 2007 estudei na Faculdade de Economia, Administração, Atuárias, Ciências Contábeis e Secretariado Executivo – FE-AACS, pela noite e durante o dia eu trabalhava na escola. No tempo livre estudava para concursos em casa. Comprava material e apostilas,

porque sentia que eu poderia concretizar outro sonho, o de ser servidora ou funcionária pública.

Fiz alguns concursos para ingressar em banco, sem êxito. Em 2003, aos 22 anos, fiz o concurso para a Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF, para o cargo de agente administrativo, nível médio e fui aprovada. E no dia 07 de janeiro de 2004 tomei posse, passando a integrar o quadro de servidores públicos da PMF. Deixei o primeiro emprego na escola de Caucaia e fui trabalhar novamente em uma escola, mas agora em Fortaleza.

Inserida nesta área da educação, mas especificamente na Secretaria Escolar, resolvi cursar de 2005 a 2006 um curso técnico em Secretariado Escolar, pela Fundação Demócrito Rocha. Em 2007, fui convidada para assumir uma secretaria de escola. Nesta mesma época, próximo à conclusão do meu curso de graduação, precisei escolher o tema para a monografia e optei então por escrever sobre: Qualidade de vida no trabalho do profissional de Secretariado Escolar. Concluí a graduação em 2008.

No ano de 2010, por ser servidora municipal, tive a oportunidade de participar de uma seleção para o curso de Especialização em Gestão Escolar, oferecido pela UFC Virtual, onde fui aprovada. E como ainda atuava na escola e era integrante do Conselho Escolar, optei, em 2011, por falar no TCC sobre: A Gestão Democrática: Uma análise na atuação do Conselho Escolar na EMEIF José Parsifal Barroso. Esta era a escola que trabalhava na época. Terminei o ano de 2011 com o certificado de Especialista em Gestão Escolar.

Ainda em 2010 fiz o concurso da UFC, para o cargo de Secretariado Executivo, cujo edital constava sete vagas para o cargo. Fui aprovada em décimo primeiro lugar e quando vi este resultado, lembro-me que fiquei muito emocionada porque tinha certeza que seria

chamada, pois a validade do concurso era de dois anos e poderia ser renovada por mais dois e então eu poderia realizar dois sonhos: o de poder atuar na minha área de formação e também de ser servidora no âmbito federal. Antes mesmo que a UFC chamasse, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, que até aquele momento, eu desconhecia, me chamou para assumir o cargo, na cidade de Redenção. Tomei posse no dia 08 de julho de 2011, preenchendo uma das primeiras vagas de servidores da Unilab.

Iniciei trabalhando na Secretaria de Cursos (na época eram apenas cinco: Agronomia, Administração Pública, Ciências Naturais e Matemática, Enfermagem e Engenharia de Energias), vinculada à Pró-Reitoria de Graduação (Prograd). Também atuei como gerente do Núcleo de Acesso, também vinculado à Prograd, onde fui uma das responsáveis pela primeira seleção 100% via Sistema de Seleção Unificada – SISU, da UNILAB.

Com a criação da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (Propae), em 2013, recebi o convite feito pelo vice-reitor, na época, para ocupar a vaga de Secretária Executiva desta Pró-Reitoria. Fiquei feliz com o convite e o aceitei. Desde então trabalho nela.

## **Conclusão**

Atuando em escolas por onze anos e há sete anos em uma universidade, sempre seguindo pelo caminho da educação, foi surgindo o sonho de poder fazer mestrado, mesmo achando que seria difícil. Então, em 2018, fiz seleção para o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), sendo aprovada.

Importante dizer o quanto eu me sinto feliz por ter a oportunidade de crescimento intelectual, social, profissional ao cursar o mes-

trado. Espero poder aproveitar ao máximo o que será ensinado, através das aulas, pesquisas, leituras, professores, atividades em grupo e com a dissertação e o produto, com o objetivo de pensar em uma proposta que venha a ter uma boa aplicabilidade na busca por uma melhoria na Educação Profissionalizante e Tecnológica (EPT).

# Memórias formativas de uma sonhadora

*Maria das Graças Oliveira*

## Introdução

A redação do presente memorial não é tarefa fácil sem incorrer em reflexões e recordações. Difícil ainda, não contextualizar e justificar a trajetória ora relatada sem me envolver emocionalmente e manter a sobriedade diante das conquistas obtidas.

No distrito de Pitombeira, no município de Itapajé, Ceará, nasci aos sete dias do mês julho de 1968. Uma época caracterizada pela falta de democracia, supressão de direitos, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra seus ditames.

À época, a insatisfação de parte de uma parcela da população com as medidas antidemocráticas fez crescer o número de manifestações em todo país. Com a morte do estudante Edson Luís, no ano de 1968, em confronto com a polícia, gerou grande comoção e se acentuou a oposição ao regime ditatorial (CARVALHO, 2018).

Naquele ano, o presidente Costa e Silva, promulgou o ato institucional número cinco AIS 5, que fechou o Congresso por tempo indeterminado; decretou estado de sítio; cassou mandatos de prefeitos e governadores e proibiu a realização de reuniões. (CARVALHO, 2018). O ato dava o direito ao governo de punir **arbitrariamente** os inimigos do regime por essa razão foi considerado o golpe mais duro da Ditadura Militar no Brasil. Por outro lado, esse período fortaleceu nos jovens o desejo de liberdade, de igualdade, anseios latentes, que

através da vertente socialista, poderíamos concretizar esses desejos.

Filha de pais analfabetos. Meu pai, agricultor, e minha mãe, costureira e dona de casa, casou-se com apenas treze anos de idade, e logo em seguida, nasceu sua primeira filha. O fato de minha mãe ser tão jovem influenciou a minha trajetória de vida, pois diversas reflexões me foram sempre recorrentes. Sobre a questão da mulher, de suas conquistas, de seu papel dentro da sociedade, consigo perceber a importância das mulheres e como elas conseguem se superar diante de uma sociedade tão machista.

Aos dois anos de idade, fui morar com meus avôs maternos, dona Antônia e seu Francisco, os quais até hoje me trazem fortes lembranças. Eles, com seu amor incondicional, me fortaleceram para as longas batalhas que eu travaria em minha vida. Hoje percebo que sem o amor deles tudo seria diferente, não conseguiria perceber nas pessoas como elas são especiais. Sou a filha mais velha de meus pais e única mulher. Tenho três irmãos, dois vivos e um já falecido.

## **Educação e trabalho**

Antes de iniciar minha trajetória acadêmica, não posso cometer a injustiça de não mencionar a tia “Lorinha”, exímia contadora de história que me iniciou na literatura mesmo de forma abstrata e eu nem percebia. Lembro de todas as noites quando nos sentávamos no chão da sala do meu avô para debulhar milho e feijão e a tia começava suas lindas estórias. Histórias de lindas jovens e seus príncipes encantados, de mundos distantes e cheios de lindas paisagens. Nessas suas narrativas podíamos sonhar e vislumbrar lugares que um dia podia conhecê-los. Hoje tenho a dimensão que suas histórias fizeram me apaixonar pelo mundo da leitura.

Aos seis anos de idade, começou minha trajetória acadêmica no

grupo escolar em Caxitoré, cidade do interior do Ceará. Comecei meus estudos através da cartilha de ABC. O que me vem a memória é o percurso que eu fazia todos os dias para chegar nessa escola, o local deserto e eu sozinha com minha cartilha de ABC, sonhava e sonhava.

Em 1978, com mudança de minha família para cidade de Umirim, onde dei continuidade aos meus estudos na Escola Municipal José Pinheiro Sales, onde fiquei até o segundo ano primário, que hoje corresponde ao terceiro ano do ensino fundamental.

Em 1980, meus pais se separaram e todos vieram morar em Fortaleza. Quando chegamos à capital, tudo nos pareceu difícil e diferente. Minha mãe, preocupada com nossa educação, fez a nossa matrícula em um colégio perto onde nós residíamos. Estudei no colégio Honório Bezerra, da terceira a quarta série primária, o que hoje corresponde ao quarto e ao quinto anos do ensino fundamental. Depois desse período, fui para um colégio mais distante de minha casa, onde conclui a oitava série ou como se diz atualmente o ensino fundamental dois. Como à época era obrigatório, paralelamente estudei a modalidade profissionalizante, onde aprendíamos a fazer trabalhos manuais e cursos relacionados ao comércio.

Não posso deixar de mencionar que foi um período difícil. Estávamos ainda no regime militar e eu podia sentir no dia a dia as dificuldades que o regime nos impunha. As escolas públicas passavam por um momento delicado, faltavam coisas essenciais, como água e falta de uma estrutura mínima para um aprendizado satisfatório como cadeiras para sentar-se. Existiam poucos professores na escola. Foi também um período de greves frequentes. Todos esses fatores aumentavam a distância existente entre alunos da escola pública e da escola particular, possibilitou-nos enquanto estudante refletirmos sobre a situação do país. Dessa forma, sentíamos a necessidade de mudanças.

Quando entrei na Universidade, pude perceber, claramente, que poderíamos contribuir para a transformação no sistema vigente.

Em 1985, concluído o ensino fundamental, tinha um sonho de ingressar em uma escola técnica federal, para cursar o ensino médio, mas as minhas condições materiais não me permitiam. Fiz a seleção, mas fiquei reprovada, assim mesmo não desisti, fui à busca de um colégio que ofertasse o segundo grau, ou o ensino médio como é atualmente denominado. Fui para o Colégio Liceu do Ceará, uma das escolas públicas mais tradicionais no Estado, nesta conclui o antigo segundo grau.

Com as dificuldades em minha casa aumentando, e somente minha mãe trabalhando, já estava com 18 anos tinha a necessidade de contribuir com as despesas domésticas. Dessa forma, consegui meu primeiro emprego, na fábrica Thomaz Pompeu Fiação e Tecelagem, como técnica de laboratório. Neste emprego, fiquei pouco mais de um ano. Como havia terminado o ensino médio, prestei vestibular, nas três universidades existentes aquela época, sendo duas públicas e uma particular. Devido às dificuldades enfrentadas pelo ensino precário que havia recebido, não consegui êxito em nenhuma das tentativas.

Como desistir, não fazia parte de minha vida, sai do emprego e entrei em um cursinho pré-vestibular. Em 1987, consegui passar no vestibular da Universidade Estadual do Ceará, para o curso de Serviço Social e como não havia desistido da antiga Escola Técnica Federal, também passei na seleção, para o curso de turismo, consegui fazer os dois concomitantes. O curso de turismo, além do sonho de ingressar na Escola Técnica, era a possibilidade de desbravar o mundo, pois amo viajar, parafraseando Mario Quintana (2012), viajar é trocar a roupa da alma e vesti-la de cultura, conhecimentos, costumes.

O momento da graduação no curso de Serviço Social foi um

divisor em minha trajetória acadêmica. Como gostava de ler, fui apresentada nesse momento a autores que hoje servem de fundamento a todos meus ideais de vida, como Karl Marx, Gramsci, Weber e outros. Os ideais de uma sociedade onde todos tivessem dignidade e autonomia para ser o que quisessem, foi nesse momento que percebi o quanto nossa sociedade era tão desigual, e que todos os problemas enfrentados no decorrer de minha vida tinham uma resposta.

Estudava em todos os períodos, manhã, tarde e noite. Fazia curso de línguas estrangeiras, como: francês, inglês, pois, eles me ajudariam no curso de turismo e na universidade. Em 1991, terminei o curso de turismo. Como estava engajada nos projetos universitários, não dei continuidade à carreira no turismo.

Durante a graduação, fiz estágio em algumas instituições como: Santa Casa de Misericórdia, Instituto de Previdência do Estado – IPEC e no Serviço Social do Comércio – SESC, junto a grupos de idosos. Como o tema envelhecimento me chamara atenção, decidi desenvolver meu trabalho de conclusão de curso voltado para ele. Trabalhei a questão da cultura e do envelhecimento, pois era a temática desenvolvida pelo SESC.

Quando ainda cursava turismo, no ano 1989, prestei concurso para Universidade Federal do Ceará. No dia 21 de outubro do ano de 1993, ingressei no serviço público, como auxiliar em administração. Como ainda, não havia terminado a faculdade, tive que conciliar estudo e trabalho. Na Universidade Federal, fui trabalhar na Seção de Controle de Cargos e Empregos da Superintendência de Recursos Humanos, atualmente, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas – PRO-GEP, nesta fiquei onze anos, assumi a chefia da seção. Logo em seguida, no início de 1994, conclui minha graduação em Serviço Social, aliás, não posso deixar de mencionar que fui à primeira em minha

família a concluir um curso superior.

No ano de 1997, fui eleita para o colegiado do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal do Ceará – SINTUFCE, no cargo de coordenadora de Comunicação, e neste mesmo ano nasce meu primeiro filho, Paulo Jorge, e me caso com Jorge Mascarenhas, com quem até hoje permaneço casada.

Com o nascimento do meu primogênito, novas necessidades me afloraram. Precisaria de mais tempo, para ser mãe, dessa forma resolvi mudar de setor e fui trabalhar na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEAAC, onde assumi o cargo de secretária do Departamento, permanecendo por dois anos neste local. Nesse período, em 2003, nascia meu segundo filho Davi.

Estudava pra concursos foi quando em 2007, prestei vestibular para o curso de direito da Faculdade Sete de Setembro. Agora estudante de direito, sentia a necessidade de relacionar teoria a prática. Foi quando no ano de 2007, passei a trabalhar no Tribunal Regional Eleitoral, como requisitada. Foi uma experiência enriquecedora, consegui aprofundar os conhecimentos adquiridos na Faculdade, pois, como trabalhava com processos relacionados à Justiça Eleitoral, conseguia ter uma percepção maior do que era o direito. Trabalhei com registro de candidatura, prestação de contas dos candidatos, treinamento de mesários e auxiliares das eleições, registro de partidos políticos e tudo o que envolvia a eleições.

No ano de 2008, conclui o curso de Direito e como estava trabalhando na Justiça Eleitoral, fiz meu trabalho de conclusão de Curso relacionado à Lei de Inelegibilidade. Em 2012, terminei o Curso de Especialização em direito Penal e Processual pela Faculdade Entre Rios do Piauí – FAERPI.

Em 2017, o Governo Federal sancionou uma lei, na qual todos

os requisitos teriam que voltar aos seus órgãos de origem. Como tinha trabalhado no Departamento do curso de Contabilidade e tinha a carência de um servidor para este setor, fui lotada novamente no mesmo Departamento.

## **Continuação do meu processo de conhecimento**

Surgiu do desejo de fazer o curso de mestrado. Como já havia prestado outras seleções, logo que vi o edital do citado programa, me identifiquei e decidi que iria estudar para seleção. Na primeira seleção, não obtive êxito. Não desisti, durante o ano estudei textos sobre educação e história fortalecendo dessa forma os conhecimentos. Quando saiu o edital, comecei a estudar os textos propostos na seleção, e em maio do ano de 2018 meu nome estava na lista de aprovados.

No desenvolvimento do meu mestrado, pretendo abordar em minha dissertação e/ou produto educacional a problemática das cotas raciais e/ou sociais no ensino superior, como minha formação fora quase toda em instituições públicas, senti a necessidade de abordar sobre o tema.

Quando surgiu a discussão sobre as cotas na mídia, uns a favor e outros contra, percebi a necessidade de uma abordagem sobre o tema. Pesquisando, consegui perceber que as pessoas ainda tinham muitas dúvidas sobre o tema. Sabia que não resolveria os problemas estruturais da educação brasileira, mas que permitiria aos alunos das escolas públicas tentarem mudar suas trajetórias. Buscando, ainda, fortalecer esse tipo de ação e acima de tudo valorizá-la para que mais políticas públicas, possam ser colocadas a fim de que a desigualdade tão arraigada em nosso país seja minimizada. Para que pessoas tenham o direito de sonhar e de concretizar seus sonhos. Assim, os desafios são postos e podemos superá-los.

## Referências

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *As cotas na Universidade Pública Brasileira: Será esse o Caminho?* São Paulo: Autores Associados. 2005.

CARVALHO, Talita de *Ditadura Militar no Brasil: resumo, origem e presidentes – Politize*: Ditadura Militar no Brasil: resumo, origem e presidentes – Politize. 2018. Disponível em: <[HTTPS://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/](https://www.politize.com.br/ditadura-militar-no-brasil/)>. Acesso em: 17 dez. 2018.

CUNHA, Fausto. *Melhores poemas Mario Quintana*. São Paulo: Global, 2012.



# Memórias e o desenrolar de um objeto de estudo

*Humberto Kelvin de Sousa Menezes*<sup>40</sup>

Ao contrário do defunto narrador de Machado de Assis<sup>41</sup>, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sou um vivente narrador e começarei minha narrativa pelo nascimento, ou seja, pelo uso vulgar e menos galante, como diria o Brás Cuba em suas memórias. Não daria para começar pela morte porque ainda não morri. Ainda bem! Portanto, narrarei sobre experiências ainda vivas em minhas memórias que se somarão a outras num futuro contínuo!

Nasci aqui em Fortaleza, no ano de 1986, filho de Antônia Maria de Sousa e Lourival de Castro Menezes. Eu morei na Avenida Visconde do Rio Branco, no bairro Joaquim Távora. Meus pais conheceram-se quando minha mãe foi trabalhar na casa do meu pai, na época, um senhor de 64 anos e ela uma jovem de 18 anos. A atividade de cuidar da casa e dele tornou-se afeto, tornou-se minha irmã e tornou-se eu. Minha mãe morava no Piauí e veio para cá aos 15 anos, quando fugiu de casa. Ela ainda nem havia concluído os estudos e precisou

---

<sup>40</sup> Graduado em Filosofia, pela Universidade Federal do Ceará. Professor da rede pública de ensino do Ceará. Mestrando do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do IFCE.

<sup>41</sup> A referência a Machado de Assis veio porque na semana quando escrevia minhas memórias apliquei uma prova de fluência em leitura para os alunos de 1º ano do ensino médio e o texto da prova era um trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

trabalhar em casas de pessoas que nem sempre a trataram bem. Ela gostava de estudar, porém a necessidade de trabalhar a afastava do sonho de entrar numa Universidade. Quando conheceu meu pai, as coisas foram se estabilizando, mas aí virou mãe e logo precisou cuidar do meu pai, que adquiriu o mal de Alzheimer. Por ela não ter estudado, esforçou-se ao máximo para nos oferecer bons estudos, para mim, para minha irmã e para os irmãos que vieram depois.

Fui alfabetizado em uma casinha perto da minha. Era a escolinha Nossa Senhora da Piedade. De lá, lembro que estranhei quando falávamos “cá, cem, cai, coo, cu” e de uma briga com um coleguinha. A primeira série foi na escola municipal Madre Teresa de Calcutá. Dessa escola, lembro que um dia fui esquecido, que não foram me buscar e eu acabei voltando sozinho para casa. A escola não era tão longe de casa, contudo me senti muito maduro naquele dia. A segunda e a terceira séries, estudei no colégio Nossa Senhora da Assunção. Desse, lembro que rezávamos e cantávamos o hino nacional antes das aulas e do meu colega de sala, Nietzsche. Foi nessa época que o meu pai morreu. A partir da quarta série estudei no colégio Geo Centro. Nesse período, eu gostava mesmo era de dançar! Passava o dia na escola, participava de quase todas as atividades extracurriculares, dos esportes, das semanas culturais, das feiras científicas. A partir da oitava série fui deixando de participar de tantas atividades. Foi quando meu padrasto faleceu. Tive um. Era um bom homem e ajudou a cuidar do meu pai. Essas experiências me deram uma boa dose de resiliência emocional. O Geo Centro faliu. Já eram sinais da crise estrutural do capitalismo. Era um colégio que tinha filial até na Pensilvânia! Os alunos foram transferidos para o Geo Fátima, onde estudei durante todo o ensino médio.

Uma experiência que marcou esse período do ensino médio foi

ter participado de um projeto de voluntariado coordenado pelo nosso professor de informática, o professor Erasmo, em que um grupo de alunos apresentava noções básicas de informática e de violão para crianças atendidas Pelo Hospital Albert Sabin.

O Geo era um colégio vanguardista, tinha o Charles Chaplin na sua logomarca e tinha um psicólogo que dava aulas uma vez por semana para as turmas do terceiro ano. A aula era chamada de Orientação Profissional. Diríamos hoje que essas aulas tinham como objetivo fortalecer nos alunos competências socioemocionais. Na verdade, não gostava dessas aulas.

Sobre a minha escolha profissional, quando fiz vestibular escolhi tentar para Filosofia porque dizia que não queria ter patrão. Passei. Passamos, eu e o meu companheiro. Quando entrei no curso de licenciatura em Filosofia, na Universidade Federal do Ceará, realmente não existia um campo amplo de atuação profissional dos alunos egressos nesse curso. Só durante a metade do curso, em 2006, que foi aprovada a Lei 11.684, que exigia a oferta de Filosofia e Sociologia no ensino médio em todas as séries, reforçando o Parecer número 38, de 2006, do Conselho Nacional de Educação, que afirmava sobre a obrigatoriedade dessas disciplinas, mas em apenas uma das séries. Meus colegas de curso se animaram com essa novidade, entretanto eu dizia que não queria ser professor.

Durante o curso, as áreas que me interessavam eram Filosofia da Linguagem, Lógica, Estética e Filosofia da Arte. Gostava também de cursar disciplinas de outros departamentos. Fiz as disciplinas de História da Arte, no curso de Arquitetura, a disciplina Semiótica, no curso de Comunicação Social, e cursos de línguas, no departamento de Letras.

Fui bolsista, onde desenvolvia uma pesquisa relacionando as

obras de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*, com os estudos na área da Filosofia da Linguagem. Também fui nesse período estagiário do Museu de Arte Contemporânea do Dragão do Mar. A experiência no museu me proporcionou receber grupos de alunos de escolas públicas e privadas. A ideia era despertar o interesse artístico nos jovens, fazê-los refletir sobre as obras, sobre a arte em geral, sobre a vida. Esse tempo no museu fez com que eu visse com outros olhos a ideia de ser educador. Então, me inscrevi no concurso para professores da rede estadual do Ceará que surgiu em 2009. Passei e assumi o cargo em outubro de 2010 numa escola regular em São Gonçalo do Amarante, município que fica a 55 km de Fortaleza. Não conhecia ninguém no município, nem tinha experiência com a educação formal a não ser pelo período da disciplina de estágio ao final da licenciatura. Tinha vontade de sair de Fortaleza, morar em uma cidade mais tranquila, que tivesse praia ou serra em sua paisagem.

Havia três escolas estaduais no município em que poderia trabalhar. Escolhi ficar na EEFM Waldemar Alcântara, porque lá vi um banner que expunha um projeto de educação ambiental que envolvia a produção de biogás. Por ironia do destino, a professora que orientava esse projeto aposentou-se assim que eu cheguei. Era uma professora de Matemática que me deixou uma importante lição: não levar trabalho para casa. Aquela lição foi importante porque eu estava chegando sem experiência e tinha muitas demandas. Geralmente, os professores de Filosofia têm o maior número de diários e de turmas e ainda precisam complementar sua carga horária com outra disciplina ou trabalhar em mais de uma escola. Eram muitos diários e ministrava Filosofia e Sociologia para complementar a carga horária. E foi assim que me dei conta que, em educação, a escala é industrial. A escala é industrial! Mas não desisti e descobri que tinha certa vocação para exercer a fun-

ção na escola. Gosto de trabalhar com projetos. Era o que eu gostava também quando era estudante do ensino médio. Desenvolvi junto com os alunos projetos ligados ao Meio Ambiente e também na área de Ciências Humanas.

Em 2011, fui lotado na escola como professor diretor de turma (PDT). O Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT) foi implantado a partir de 2008 nas primeiras escolas profissionalizantes do Estado. Para quem não conhece o PPDT, vou resumir aqui. O professor ou a professora diretora de turma é uma espécie de padrinho/madrinha de uma das turmas. Ele(a) deve conhecer os seus alunos mais de perto, é responsável por ministrar uma disciplina chamada Formação para a Cidadania e Desenvolvimento das Competências Socioemocionais. O(a) PDT tem 4 horas/aula dedicadas ao Projeto, distribuídas desta maneira: uma para ministrar aquela disciplina e as outras três para planejamento, atendimento a pais, atendimentos individuais a alunos, condução de reuniões e o preenchimento de instrumentais.

Em 2012, uma experiência que me marcou foi ter participado da Rio + 20, com o grupo Crítica Radical. Aquela experiência me deu uma dimensão de como poderia ser uma sociedade emancipada. Ficamos lá no Rio de Janeiro, numa ocupação de um prédio de propriedade do Eike Batista. Foi a minha primeira experiência também com percussão, o que despertou o meu interesse em tocar tambor.

Em 2013, ingressei no curso de Engenharia Metalúrgica, na Universidade Federal do Ceará, mas tive que abandonar devido à insegurança de abrir mão da tão sonhada estabilidade financeira. Através desse curso, tinha a intenção de um dia trabalhar com reciclagem.

Em 2014, ingressei no curso de Especialização em Coordenação Pedagógica e abandonei o curso de Engenharia Metalúrgica. Nesse

mesmo ano ingressei também no Maracatu Solar. A experiência do Maracatu e a convivência com o nosso griô Descartes Gadelha também me deu uma dimensão de como pode ser uma sociedade emancipada.

Em 2015, fiz o concurso do município de São Gonçalo do Amarante, para assumir o cargo de professor. Tinha vontade de ser professor de jovens e adultos e os editais de seleção não me permitiam participar das seleções temporárias. Então fiz logo o concurso. Passei. Pra quem não dizia que não queria ter patrão, hoje trabalho em regime de 60 horas semanais, e o meu patrão é o Estado. – Eita!

Em 2017, mudei da EEFM Waldemar Alcântara para a EEEP Walter Ramos de Araújo, também localizada no município de São Gonçalo do Amarante, onde tive a oportunidade de assumir a coordenação do PPDT na escola.

Após várias tentativas, em 2018, fui agraciado com a aprovação no mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, no IFCE. E foi aqui no mestrado que fomos desafiados a escrever este memorial. Chamo de “desafio” porque não acho tão fácil escrever sobre mim mesmo. Acredito que o meu objeto de estudo no mestrado deva ser o Fortalecimento das Competências Socioemocionais. Um possível produto educacional seria uma formação para os professores diretores de turma e propostas de aperfeiçoamento do projeto.

As competências socioemocionais são fundamentais para o nosso desenvolvimento e para lidarmos com as adversidades que podem surgir em nossas vidas. O Estado, em parceria com o Instituto Aliança, elencou um grupo de dezessete dessas competências que devem ser desenvolvidas/estimuladas em nossos alunos, a saber: determinação, organização, foco, persistência, responsabilidade, iniciativa social, assertividade, entusiasmo, empatia, respeito, confiança, tolerância ao

estresse, autoconfiança, tolerância à frustração, curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico. O PPDT vem passando por diversas transformações ao longo dos anos e hoje conta com um material didático e com novos instrumentais. Existe uma proposta de lei para que o Projeto se consolide cada vez mais. No final, gostei da experiência de produzir esse memorial. Chorei e ri. Ajudou para que amadurecer algumas ideias. Foi uma atividade também terapêutica.

## Referências

BRASIL, *Lei 11.684*, de 2 de junho de 2008 (Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio).

BRASIL, *Parecer CNE/CEB nº 38/2006*, aprovado em 7 de julho de 2006.

DE ASSIS, Machado, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil  
Impressão Sob Demanda

212236-0844  
[www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

**2019**